

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
EDIÇÃO 2012**

**EXPERIÊNCIAS COM ARTE NO PARQUE:
PINTURA, DESENHO, LAZER E CONVIVÊNCIA**

MARINÊS DOS REIS FLORES

**PORTO ALEGRE
DEZEMBRO 2012**

MARINÊS DOS REIS FLORES

**EXPERIÊNCIAS COM ARTE NO PARQUE:
PINTURA, DESENHO, LAZER E CONVIVÊNCIA**

**Monografia de conclusão apresentada à
Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para
obtenção da titulação do Curso de Pós-
Graduação em Pedagogia da Arte.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Paola Zordan

**Porto Alegre – RS
2012**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido e minhas filhas sempre

Ao meu pai (In Memoriam), a minha mãe

A minha orientadora Prof^a Dr^a Paola Zordan

Aos meus professores da UFRGS

A minha coordenadora do Grupo de Estudos do Arte na
Escola – Pólo/UFRGS – Prof^a Simone Fogazzi

A todos os que estiveram envolvidos comigo nesta
caminhada.

“No momento em que o país decidir investir de verdade na educação, todos os nossos problemas serão resolvidos, tudo parte da educação.

Respeitem os professores, dando-lhes condições dignas de sobrevivência.

Que Deus proteja os nossos anjos da guarda”.

Leci Brandão

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo mostrar o trabalho realizado para um Grupo de Pintura em um espaço público, no Parque Alim Pedro, em Porto Alegre, de forma voluntária, por uma pessoa da comunidade que se dispôs a ensinar pintura em um espaço não-formal de Educação.

Outro objetivo é mostrar também meu Projeto de Iniciação ao Desenho e à Pintura elaborado e planejado para este mesmo Grupo de Pintura, enquanto estive à frente do grupo como professora auxiliar, realizando parcialmente e voluntariamente as atividades com o grupo por um período de enfermidade da professora titular.

A pesquisa traz embasamento teórico em Gohn, Dumazedier, Lichtenstein, Gombrich, Barbosa, Ostrower, Trindade, Weber, capaz de dar conta da realidade vivenciada pelas participantes. Há quinze anos, elas se reúnem para pintar e, enquanto grupo, estão sempre dispostas a aprender pelo simples prazer e como forma de lazer para aquelas mulheres.

Com a pesquisa busquei dar visibilidade a esse Grupo de Pintura que de forma não-formal de educação faz um trabalho importante para a cultura local.

Sabendo da necessidade de se ter em outros espaços da cidade um trabalho com a Arte de forma voluntária às comunidades, como o que acontece no Parque Alim Pedro, é que desenvolvi um Projeto de iniciação ao desenho e à pintura, com o propósito de contribuir de forma voluntária com minhas experiências de ensino e prática em arte, para estes novos espaços.

Após os dados levantados, observados e analisados a partir dos questionários, das entrevistas e das consultas em espaços públicos que realizei conclui ser possível implementar um projeto como este do Parque em outros espaços da cidade, desde que se tenha parcerias necessárias e espaços para a sua viabilização.

Palavra-chave: arte; pintura; desenho; lazer; educação não-formal.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - “Vista do Parque Alim Pedro”.....	13
FIGURA 2 - “A Professora de Pintura do Grupo de Pintura Parque Alim Pedro”.....	17
FIGURA 3 - “Homenagem a ex-aluna mais antiga do grupo, Sra. H.M”.....	18
FIGURA 4 - “Sítio” - Desenho da ex-aluna Sra. H.M.....	18
FIGURA 5 - “Aluna no Desenho”.....	23
FIGURA 6 - “Aluna na Pintura”.....	24
FIGURA 7 - “Figura Humana I”, 2008 – Pastel Oleoso.....	27
FIGURA 8 - “Figura Humana II”, 2008 – Pintura/Óleo sobre Tela.....	27
FIGURA 9 - “Minha Pintura em Homenagem aos 60 anos do Parque Alim Pedro”.....	28
FIGURA 10 - “Homem Vitruviano” - Desenho de Leonardo Da Vinci/cerca de 1492/Marcus Vitruvius Pollio/Arquiteto Romano do séc. I a.c (Desenho com pena e tinta 34,2 X 24,5 cm), Gallerie dell’ Accademia Veneza (Itália).....	34
FIGURA 11 - “Alunas iniciando no Desenho”, 2009.....	42

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Profissão/Ocupação.....	24
TABELA 2 – Idades atuais.....	24
TABELA 3 – Nacionalidades das Participantes.....	24
TABELA 4 – Escolaridade das Participantes.....	24
TABELA 5 – Cursos realizados em alguma etapa da vida destas participantes.....	25
TABELA 6 – As respostas das alunas participantes foram.....	82

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
AMОВI – Associação dos Moradores da Vila do IAPI
APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
CAAC – Centro Acadêmico Amaro Cavalcanti
CAAJ – Coité Advocacia e Assessoria Jurídica
CDS – Conselho de Desenvolvimento Social
CECOFLOR – Centro Comunitário da Vila Floresta
CECOVE – Centro Comunitário da Vila Elisabeth
CEPRIMA – Centro Comunitário Primeiro de Maio
CIAE – Universidad de Chile
DCE – Centro de Desenvolvimento e Expressão
DVD – Disco Digital Versátil
EAB – Escolinhas de Arte do Brasil
FAPA – Faculdade Porto-Alegrense
FUNARTE – Fundação Nacional de Artes
GIMP – Image Manipulation Program
HPSP – Hospital Psiquiátrico São Pedro
IA – Instituto de Artes
IAPI – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
InSEA – Internacional Society for Education Thorough ART
MBA – Master of Business Administration
MDF – Medium Density Fibreboard
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MSN – Programa de Mensagens Instantâneas
MUDES – Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social
NUCLEART – Núcleo de Artistas Plásticos

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SEE – Secretaria de Estado de Educação

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC – Serviço Social do Comércio

SMAM – Secretaria do Meio Ambiente

SMC – Secretaria Municipal da Cultura

SME – Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIR – Universidade de Rondônia

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	6
LISTA DE TABELAS.....	7
LISTA DE SIGLAS.....	8
APRESENTAÇÃO.....	11
1 – METODOLOGIA.....	12
2 – DESENVOLVIMENTO DO HISTÓRICO EM TÓPICOS - PARTE I.....	13
2.1 – HISTÓRIA DO PARQUE ALIM PEDRO.....	13
2.2 – HISTÓRIA DA PROFESSORA.....	15
2.3 – HISTÓRIA DO GRUPO DE PINTURA.....	17
3 – DESENVOLVIMENTO EM TÓPICOS - PARTE II.....	27
3.1 – MINHAS EXPERIÊNCIAS COM A PINTURA E COM A DOCÊNCIA.....	27
3.2 – CONCEPÇÕES DE PINTURA E DESENHO.....	29
4 – PROJETO DE ENSINO: PROJETO DE INICIAÇÃO AO DESENHO E À PINTURA.....	41
4.1 – PROJETO DE INICIAÇÃO AO DESENHO E À PINTURA.....	45
4.2 – DA POSIÇÃO DO PROBLEMA.....	60
4.3 – CONCEPÇÃO DE ARTE.....	65
4.4 – CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO-FORMAL.....	66
5 – VIABILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO EM OUTROS ESPAÇOS.....	79
6 – QUADRO DOS RESULTADOS COLETADOS.....	82
6.1 – OBSERVAÇÕES JUNTO AOS DADOS COLETADOS.....	83
7 – CONCLUSÃO.....	85
ANEXOS.....	87
REFERÊNCIAS.....	144

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta mostrar o trabalho de arte realizado com um grupo de pintura num local público e de forma voluntária por uma pessoa da comunidade, que se dispôs, há quinze anos, a realizar este trabalho. O grupo visa compartilhar momentos de lazer, o prazer pela arte e pela convivência, assim como as afinidades que existem entre as participantes.

Exponho também, como objetivo específico desta pesquisa, um projeto de iniciação ao desenho e à pintura organizado por mim, enquanto professora auxiliar substituta deste grupo. O projeto foi realizado parcialmente por um período de afastamento da professora titular do grupo durante os anos de 2008/2009.

A pesquisa enfoca a importância da arte desenvolvida no cotidiano das alunas participantes do grupo de pintura Parque Alim Pedro.

De forma narrativa, apresento as entrevistas com as professoras, os pareceres de aluna e ex-alunas (período do projeto que desenvolvi com o grupo), e complemento com os questionários das participantes, anexando-os à pesquisa, a fim de dar visibilidade aos projetos e práticas desenvolvidos neste espaço público.

Os conceitos que norteiam minha pesquisa, fazendo referência às práticas com arte, são: arte, pintura, desenho, lazer, cultura, ação social, educação não-formal, não exatamente seguindo uma ordem.

Para esta pesquisa, na qual quero mostrar o trabalho de arte realizado de forma voluntária pela professora de pintura neste espaço público, e também o meu projeto de ensino criado para esse grupo de pintura, faz-se necessário esclarecer que existe, sim, uma relação de afinidade entre este grupo e minha trajetória profissional e, por isso, quero contar um pouco desta história.

Minha participação no grupo como aluna começou em 1999 e, pelo meu

envolvimento com a arte que se produzia naquele espaço, pensei que um dia poderia vir a exercer a docência, e me vi instigada a continuar os estudos. Foi assim que entrei no Curso de Licenciatura em Educação Artística/Desenho com Habilitação em Artes Plásticas em 2001, me formando em 2005 pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mas foi só em 2006 que iniciei, de fato, minha docência em duas escolas. A primeira, em uma escola particular chamada Cenáculo, onde lecionei a disciplina de Artes para alunos de 4ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. A segunda foi no Colégio de Aplicação da UFRGS, onde lecionei Artes Visuais no Projeto de Educação Continuada para Professores, por ter sido convidada pela professora S. F., coordenadora deste projeto, e lá trabalhei com alunos do 1º ano do Ensino Médio. Posteriormente, fui convidada pela coordenadora a fazer parte do grupo de estudos do Instituto Arte na Escola/Pólo UFRGS para continuar a me aperfeiçoar. Hoje estou buscando, junto à pós-graduação, o aprendizado para minha prática em educação futuramente.

A realização desta pesquisa é de fundamental importância para se conhecer estes espaços comunitários alternativos de artes da cidade, neste caso específico, dentro de um parque, onde se faz arte, objetivando conhecimentos sobre pintura, desenho e História da Arte e com um fim próprio, o *prazer lúdico* pela fruição da arte pelas participantes, como *lazer*, justificando esta pesquisa.

1. METODOLOGIA

Escolhi realizar esta pesquisa num espaço público específico, do Parque Alim Pedro, onde são realizadas aulas de Pintura a um grupo de alunas participantes.

O método a utilizar, visando aos resultados pretendidos por esta pesquisadora, passam por etapas a serem desenvolvidas a partir das entrevistas realizadas. Inicialmente, com a professora titular deste grupo de alunas e havendo a necessidade de fazer novas inquirições à professora ou qualquer outra análise de seus dados, ela naturalmente se prontificou quando a comuniquei.

Na forma de narrativa junto ao texto, também entrevistei a ex-coordenadora, atualmente atuando como professora de Educação Física junto ao Parque. Ela foi quem, ao assumir o Parque há duas décadas atrás, me revelou em conversa informal de sua intenção de constituir, naquele espaço público não-formal, grupos de ações, para a socialização da comunidade local junto ao Parque.

Os registros fotográficos são a maneira como mostro as experiências das alunas. Organizei e anexo, junto à pesquisa, alguns pareceres de aluna e ex-alunas que fizeram parte do Projeto de Iniciação ao Desenho e a Pintura. O projeto foi por mim desenvolvido entre Agosto de 2008 e Setembro de 2009, em que estive à frente deste grupo como responsável por dar continuidade aos ensinamentos em Arte, substituindo temporariamente a professora titular num momento de enfermidade.

Inseri, em anexos digitalizados, os dados dos questionários para fazer parte da apresentação de resultados para a justificativa desta pesquisa.

Todos os dados, após as devidas informações buscadas com as entrevistas, questionários, depoimentos e visitas agendadas com servidores municipais junto às pessoas foram colhidos e organizados, para que os resultados pudessem ser observados mediante critérios que adotei com base no somatório final desta pesquisa.

2. DESENVOLVIMENTO DO HISTÓRICO EM TÓPICOS – PARTE I

2.1 HISTÓRICO DO PARQUE ALIM PEDRO

O Parque Alim Pedro, como é conhecido pela comunidade, embora nos registros oficiais conste “Estádio Alim Pedro”, foi construído na década de 1940, junto com a construção do Conjunto Residencial Passo D' Areia, com o objetivo de ser um grande Centro de Esporte e Lazer. Está situado na zona norte de Porto Alegre, no bairro Passo D'Areia.

O Senhor Doutor Edmundo Gardolinski foi o engenheiro-chefe responsável pela construção do Parque. Sua inauguração foi em 27 de fevereiro de 1950 pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, sendo que o 1º jogo oficial de futebol foi realizado em 07 de maio de 1950.

Foto: S.F.



Figura nº 1 – Vista do Parque Alim Pedro

O Parque está dentro do núcleo de construção como Vila do IAPI¹, mais precisamente na Avenida dos Industriários, esquina com a Rua Arroio do Meio. A Vila do

¹ http://wikipedia.org/wiki/Vila_do_IAPI de 23/05/2012

IAPI é uma área urbana planejada, cujo projeto era considerado moderno e inovador para os padrões da época, em 1946. Até hoje, o local é tido como área de interesse cultural para a cidade, por seu valor arquitetônico e histórico.

A concepção arquitetônica do conjunto residencial foi inspirada no modelo de “Cidade Jardim”, concebido por Ebenezer Howard no final do século XIX, que consistia em uma comunidade autônoma cercada por um cinturão verde num meio-termo entre campo e cidade.

O local também foi berço de uma das maiores vozes femininas da música brasileira, a cantora Elis Regina. E nos anos 60, nesta mesma Vila IAPI, no Passo D'Areia surgem as principais bandas do cenário roqueiro que ganharam visibilidade (Liverpool, Luciano Leães & The Big Chiefs), essa última atualmente morando e trabalhando na Vila do IAPI.

Segundo NUNES, COUTINHO e ABRÃO (1991), a AMOVI – Associação dos moradores da Vila do IAPI, “que no início da implantação do Conjunto foi o centro aglutinador das atividades recreativas, não conseguiu cumprir sua função”.

Por ter grupos de moradores com diferentes visões, que através de identidades comuns buscaram outras opções de lazer, como o parque, por exemplo, oportunizando uma maior integração da comunidade, a AMOVI fica, atualmente, com atividades de realização de bailes da terceira idade, jogo de bolão, entre outras coisas.

O Parque é uma unidade da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SME) e administrado por ela, atualmente sendo coordenado pelo professor Sr. F.S.R.

A SME oferece para esta comunidade, gratuitamente, escolinhas esportivas para crianças e adolescentes, nas modalidades de futebol, voleibol, basquete e futsal, ginástica, dança, programa de orientação para caminhadas, alongamento, grupos de 3ª idade e eventos recreativos, esportivos e exposição de pintura.

A Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer é a responsável pela organização e realização de ações e atividades de ordem técnica e prática junto à sociedade, com o objetivo de promover a inclusão social. Por meio da democratização do acesso ao esporte, à recreação e ao lazer, busca a participação efetiva da sociedade, tornando-a co-responsável pelo desenvolvimento local. Ao mesmo tempo, busca a promoção à saúde e ao bem estar comum, abrangendo todas as faixas etárias por meio da atuação de profissionais

especializados.

O Parque Alim Pedro é palco de vários eventos importantes para a comunidade local e arredores, como: JOGANDO E BRINCANDO NO PARQUE, FESTIVAL OLÍMPICO E PARAOLÍMPICO, CRIANÇANDO, que ocorre no Dia das Crianças, Exposição de Pintura no ARTEVILA, sempre ao final do ano. Há também a COPA PAQUETÁ (os torneios e também os jogos de campeonatos Municipais de futebol têm o Parque como sede para estes jogos). E em véspera de Carnaval, a escola de samba União da Vila do IAPI costuma realizar ensaios no Parque.

Com uma área de 45 mil m², o Parque² é constituído de um campo de futebol, chamado “Estádio Alim Pedro”, uma pista para caminhadas de 400m, duas quadras poliesportivas, duas canchas de bocha, banheiros públicos, bebedouros, isso na parte externa, além de uma área arborizada. Na área construída da parte interna do módulo que pertence ao Parque, existem os vestiários, banheiros internos, uma pequena cozinha, sala da coordenação, sala de recepção e sala multiuso comunitária, onde se realizam aulas de ginástica, alongamento, dança e pintura, em dias alternados.

2.2 HISTÓRIA DA PROFESSORA

A professora titular do Grupo de Pintura Parque Alim Pedro é artista plástica e Modelista aposentada. Sua trajetória profissional se constituiu como responsável por setor de modelagem e montagem de confecções femininas, coordenando uma equipe em empresas industriais. Ela sempre morou em Porto Alegre e no Passo D'Areia por mais de quarenta anos, mais precisamente na Vila IAPI, mas atualmente reside na Rua Coronel Bordini, no bairro Moinhos de Vento. Aos 88 anos, a professora é viúva, mãe de dois filhos e também possui netos e bisnetos. Quando pode, ela ainda frequenta museus, sempre que há exposições importantes que chamem a sua atenção. Ela sai na companhia de parentes, amigas ou do grupo de pintura, como foi o caso da exposição da França no Brasil, em 2008, onde a maioria das alunas foi em sua companhia. A professora faz parte de um grupo de artistas (amigas de longos anos), que se reúnem para pintar. Seu gosto pela arte surgiu ainda na infância, pois a mãe era artista, foi cantora lírica e também dava aulas de pintura com agulhas. Esta última técnica mais tarde teve os ensinamentos transmitidos para a filha.

Foi contemporânea do artista plástico Iberê Camargo, com quem conviveu

² www.1001roteirinhos.com.br/2012-as-5-mais-porto-alegre

socialmente no Instituto de Artes, antigo Belas Artes, enquanto ainda localizava-se na Rua da Praia. Aparentemente, não mostrando a idade que tem, a professora possui lucidez perfeita, memória invejável, tem um olhar preciso sobre as formas e as cores. Seu senso estético é aguçado no que se refere à arte. Os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos sempre trazem referências do movimento ou período renascentista, visto que as questões que norteiam seu método de ensino são ligadas ao tradicional ensino do desenho. O método é apresentado às alunas através de conhecimentos como ponto de fuga, noções básicas de geometria e proporções, luz e sombra, perspectiva, cores entre outros elementos. Sempre traz consigo livros dos quais extrai assuntos pertinentes ao grupo.

O seu artista preferido e uma de suas referências para ensinar foi Leonardo Da Vinci, mas admira também Rembrandt e Michelangelo, *“por serem de um período clássico, que era a base de tudo, até então, e com a chegada das novas tendências como o Expressionismo (que ela cita), e aí, começa a mudar novamente a história, novos caminhos surgem para a Pintura”*, disse-me ela, na ocasião em que a entrevistei, em 13 de Setembro de 2012, em sua residência.

Nas aulas de pintura, a professora, de vez em quando, relembra uma frase da qual gosta muito: “o homem é a medida de si mesmo e não pode ser tolhido por regra, deste ou de outro mundo, que limitem sua capacidade”. A frase fez muito sentido no renascimento, tendo sido muito utilizada pelos humanistas, mas é atribuída a Protágoras, de um período mais antigo da história. A frase de Protágoras é, literalmente, “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são, das coisas que não são enquanto não são³”.

A metodologia utilizada pela professora é o seu acompanhamento e a observação de todos os processos das alunas, desde os esboços dos desenhos no papel e na tela até a pintura figurativa ou abstrata, mostrando sempre em que podem melhorar ou refazer e também sempre verificando os enquadramentos dos espaços utilizados na tela, a harmonia e a composição. Valoriza muito o uso de luz e sombra pelas alunas, e é nesse quesito a sua maior cobrança. Observa de perto se as alunas adotam o cuidado de fazer primeiro as misturas, para acharem as nuances de cores adequadas em suas paletas para o uso na tela. Solicita sempre que os pincéis estejam limpos e em bom estado de uso. Para ela, todos estes detalhes vão fazer com que as alunas estejam mais organizadas, concentradas, envolvidas neste fazer e interação com a arte. Esta sempre foi a sua maneira de conduzir o grupo.

³ http://wikipedia.org/wiki/Protágoras_de_Abdera de 17/09/2012.

Na sequência desta pesquisa, incluo um *depoimento pessoal da professora E. L.*, feito de espontânea vontade, pensando em seu grupo de alunas no dia da entrevista.

“Acompanho com muito prazer o Grupo de pessoas que participam da PINTURA no PARQUE ALIM PEDRO. Uma vez por semana, há 15 anos, a ALEGRIA, o CARINHO e a AMIZADE que ali nasceu, é alimentada em cada encontro. Cada PINCELADA colorida produz um brilho nos olhos, um SORRISO que me gratifica pela idéia de ter solicitado o espaço à COORDENADORA do PARQUE, a Sra. S. F., que abraçou com todo entusiasmo a idéia e fez acontecer. Obrigada a todas que participaram e participam expondo seus QUADROS em eventos promovidos pelas participantes do Grupo de PINTURA PARQUE ALIM PEDRO e pelas REUNIÕES lúdicas que ali ocorrem”. Profª. E. L.

Foto: Marinês dos Reis Flores



Figura nº 2 –A Professora de Pintura E.L. do “Grupo de Pintura Parque Alim Pedro”

2.3 HISTÓRIA DO GRUPO DE PINTURA

Foi em 1997 que, ao voltar para casa após a caminhada diária no Parque Alim Pedro, a professora procurou a coordenação do Parque vigente na época e propôs a criação de um grupo de pintura, no qual atuaria como voluntária.

A então coordenadora, em uma conversa espontânea e informal comigo, revelou que, quando assumiu a coordenação, tinha a intenção de promover para a comunidade atividades lúdicas, que, de certa forma, envolvessem as pessoas para uma aproximação com o ambiente do Parque.

Estabelecida a parceria, os cavaletes foram providenciados pelo Parque e o *kit* de tintas com as cores básicas foi doado pela *Casa do Desenho*. Assim, teve início o projeto, denominado pela professora “Projeto Arte no Parque”. Em agosto de 1997, foi dada a primeira pincelada deste grupo de pintura, que tem como referencial os conhecimentos da professora, de cursos e atividades artesanais que as alunas já haviam experimentado

anteriormente, assim como a bagagem pessoal de cada uma.

Ao longo destes quinze anos de convivência afetiva, passaram pelo grupo muitas alunas, algumas com destaque nesta trajetória de aprendizagem. Um exemplo foi a aluna mais antiga e também a mais idosa no grupo, hoje com 85 anos. Ela deixou o grupo no ano passado por problemas de saúde, mas seus trabalhos sempre foram os mais desafiadores que alguém poderia escolher para que servissem de modelo para a pintura. Participou de várias exposições locais durante estes longos anos, mas no último ano optou pelo desenho, até sua saída. Seus desenhos eram pintados com lápis de cores vibrantes, pois apertava bem o lápis no papel. Com isso, o traço era pesado e o desenho sempre com muitos detalhes.

Foto: Marinês dos Reis Flores



Figura nº 3 - Homenagem à ex-aluna mais antiga no grupo Sra. H.M.

Foto: Marlene M. Cadó



Figura nº 4 – “Sítio” - Desenho da ex-aluna Sra. H.M

O grupo também contou com a participação, por uma única vez, de uma adolescente de treze anos. A professora a aceitou por indicação da então coordenadora do Parque, por achar que, ao trabalhar com as cores, a menina sairia de uma depressão profunda, provocada por uma perda pessoal. O curioso do fato, declarou a mãe, é que esta adolescente vinha reagindo bem em função destas aulas. As cores apareceram em seus trabalhos, que iniciou desenhando e depois foi para a pintura. Ela estava superando as expectativas da

professora, da mãe e de suas colegas. As aulas das quais participou ficaram marcadas pela superação do que vinha sentindo, mas que passou em função dos benefícios das tintas e dos pincéis e de sua imaginação de adolescente.

Declaro também que não fui a única a me sentir motivada a fazer uma faculdade de Artes em razão do aprendizado naquele espaço. Houve uma ex-aluna que também ingressou no curso de Artes Visuais. Outra ex-aluna revelou-se por pintar vasos de flores em um curtíssimo tempo de aula. Ela era professora em mais de uma escola e precisou sair do grupo, mas afirmo aqui, porque presenciei os vários trabalhos dela, que esta aluna compreendeu, à sua maneira, os ensinamentos da professora sobre como realizar e resolver as questões postas inclusive, não só no desenho, mas na pintura.

Nos próximos parágrafos descrevo brevemente cada uma das alunas participantes e sua relação com o Parque e com próprio Grupo de Pintura, sendo necessário o uso de uma denominação fictícia para cada uma delas, a quem chamarei de aluna nº 1, aluna nº 2 e assim por diante, numa ordem por idade da mais nova a mais velha, ficando, portanto, desta forma:

A Aluna nº 1 - A sua relação com o Parque iniciou quando começou a levar seus filhos para brincarem. Por identificar-se com a natureza e com a arte, aprecia o sincronismo e o sincretismo entre ambas. Orientada pela professora, disse “*estar realizando um sonho rumo à arte*”. E ao ser convidada por uma amiga, que era participante do Grupo de Pintura, por ocasião de uma das exposições de final de ano, foi visitar o local e inscreveu-se por ter gostado da exposição. E em março de 2010, tornou-se integrante do grupo de pintura.

A Aluna nº 2 – Sua relação com o Parque iniciou há bastante tempo, mas no Grupo de Pintura foi somente em março de 2011. Hoje, é a aluna participante mais nova no grupo. Moradora há mais de quinze anos neste bairro, também como as demais colegas, usufrui com seus filhos dos benefícios que o Parque oferece à comunidade. Diz ela, “*o que mais valorizo e prezo são as nossas convivências, as trocas de saberes, da professora e entre as colegas, e as amizades que formamos enquanto grupo*”.

A Aluna nº 3 - Sua relação com o Parque iniciou quando, em outubro de 2001, foi convidada pela amiga (a participar), que na ocasião já fazia parte do Grupo de Pintura. Ambas tinham filhos estudando na Escola Cenáculo, ao lado do Parque. Com o passar do tempo, disse-me ela em uma ocasião que estava “*tendo noções de desenho, luz, sombra e perspectiva com os ensinamentos da professora e com o auxílio das colegas*”. Relatou-me também que “*Ali as pessoas podem exercer a plena cidadania, retirando-as da ociosidade e fazendo-as*

sentirem-se incluídas na sociedade”. Ela disse ser muito grata à Prefeitura Municipal que mantém o Projeto Social no Parque, e pela consciência social da professora, que faz um trabalho voluntário com muita dedicação.

A Aluna nº 4 - Por ser eu, neste caso, a aluna número quatro, conto um pouco da minha história com o Parque e com o Grupo de Pintura.

Essa relação vem desde os meus 21 anos, em 1983, por morar bem próxima ao Parque, quando, pela primeira vez, comecei a caminhar à procura de uma vida mais saudável. Ali no Parque Alim Pedro fui convidada por uma amiga a participar do Grupo de Pintura da professora, esta que faz um trabalho maravilhoso em pintura e exerce no grupo a função de ensinar o que aprendeu como uma forma de compartilhar o conhecimento adquirido ao longo de suas experiências, de forma lúdica e prazerosa. Foi ali neste espaço de arte que em 1999, comecei a pintar e não parei mais. Desde essa época, minha família e eu aproveitamos momentos de lazer propiciados pelo Parque através das aulas de pintura, ginásticas, jazz e futebol. Minha relação com o Parque é baseada na convivência que ali estabeleci com minhas colegas e com a comunidade próxima. São verdadeiras relações de amizade. O que mais gosto do Parque é sentir o frescor no rosto ao caminhar e apreciar a beleza da natureza.

A Aluna nº 5 – A sua relação com o Parque iniciou no ano 2000, quando se integrou ao Grupo de Pintura. Também é esportista, pois pratica até hoje caminhada e corrida. Para ela, o Parque é um local de muita beleza natural, pois sua exuberante vegetação traz inspiração para sua pintura. Já possuía alguns conhecimentos em desenho. Intitula-se autodidata, e viu essa oportunidade surgir no grupo comandado pela professora, pela qual não esconde admiração.

A Aluna nº 6 - Sua relação com o Parque vem de um longo tempo. É moradora do entorno há, pelo menos, 59 anos. Apaixonada pelo lugar onde sempre viveu e arredores, demonstrou sempre o seu encanto pelo Parque, pela profusão das árvores em suas várias nuances e tonalidades da cor verde, pelos coloridos das flores na primavera, com a neblina no inverno, além das pessoas praticando atividades físicas no local, como o futebol, as caminhadas, em que jovens, idosos e crianças compartilham o mesmo espaço.

Iniciou seu aprendizado em Pintura (óleo sobre tela) só no começo do ano de 2011, tendo como instrutora a professora. Havia tido algumas experiências anteriores com desenho e tendo experimentado também outras técnicas. Mas ali no grupo, se sentiu acolhida, aberta e disposta aos novos desafios propostos.

A Aluna nº 7 - Sua relação com o Parque começou pelo gosto de caminhar em meio à natureza tranquila. Ela se diz apaixonada pela natureza daquele lugar, pois em cada parte do campo tem “paisagens maravilhosas e indescritíveis”, comentou em um dado momento de aula. São locais do parque que mais parecem bosques com árvores e flores.

Foi assim também que conheceu o Grupo de Pintura, a partir de suas caminhadas. No grupo, ingressou em 2005 e permanece até hoje, reconhecendo na professora o seu extraordinário trabalho voluntário com o grupo e sua disponibilidade e atenção dedicadas às alunas sem nenhum outro objetivo se não o prazer em pintar.

A Aluna nº 8 - Sua relação com o Parque é de que ele lhe transmite muita paz. As árvores e, principalmente, as paineiras são as suas preferidas. Adora a convivência que ali estabeleceu com suas colegas do Grupo de Pintura. Iniciou em março de 2008, quando soube do curso através das colegas que já freqüentavam as aulas. Achou o ambiente ótimo, sentindo-se acolhida desde o primeiro momento. São momentos partilhados de alegrias e também preocupações. Percebe o grupo e o sente como uma família, como “*um grupo que tem uma identidade coletiva muito forte*”.

A Aluna nº 9 - Sua relação com o Parque iniciou por ter morado bem próximo ao parque num dado momento de sua vida e por ter sido convidada a entrar no grupo por sua mãe (primeira aluna deste grupo no ano de 1997), juntando-se ao grupo em 2001.

Tem ela o prazer de participar do grupo por todos estes anos. Em comentário em aula, disse que, quando iniciam as férias de verão, espero ansiosa pelo retorno em março às aulas de pintura, pois é no Grupo de Pintura que recarrega as energias para o ano que começa, e é ali que enche os olhos com as belas paineiras que emolduram o Parque.

A Aluna nº 10 - Sua relação com o Parque se deu a partir de uma das caminhadas pela pista de corrida. Mas após uma caminhada, descobriu a sala de Pintura, deparando-se com a possibilidade da vaga surgir para ela. Inscreveu-se imediatamente. A partir do momento em que conseguiu a vaga em 2001, entrou, e permanece até hoje. Para ela, a convivência com as colegas todas as sextas-feiras é uma prazerosa terapia.

A Aluna nº 11 - Sua relação com o Parque é também por morar perto e ter a oportunidade de usufruir daquele espaço esportivo e de lazer. Como integrante do grupo desde 2004, tendo como “*interesse principal, além da pintura, as convivências ali estabelecidas pelas amizades que construímos juntas, entre a professora e alunas*”.

A Aluna nº 12 - A sua relação com o Parque se deu pelo fato de morar perto e

caminhar diariamente no Parque. Iniciou no grupo de pintura em 2001. Intitula-se autodidata nas artes plásticas produzindo óleo sobre tela. Os estilos de referências e de sua preferência são o impressionismo e o expressionismo. É admiradora de artistas brasileiros.

Pinta as paisagens do parque, que tanto gosta, pela grandiosidade da natureza, suas árvores belas, paineiras floridas, por seus eucaliptos imponentes e perfumados e seus pássaros de várias espécies que cantam sem parar. O Parque propicia lazer e generosidade aos moradores do bairro. Propicia aos usuários as caminhadas monitoradas e os esportes (escolinhas de vôlei e futebol), com os profissionais da Educação Física, pessoas competentes que, com prazer, fazem o seu trabalho e também, com prazer, zelam por este espaço com carinho e respeito. Os fins de semana são divertidos, com famílias inteiras e amigos reunidos para tomar um chimarrão, fazer algum tipo de exercício ou simplesmente jogar conversa fora, ao belo convite do Parque.

A Aluna nº 13 - Sua relação com o Parque sempre foi por morar próxima do local, onde sua família sempre participou, jogando futebol ou caminhando apenas.

Seu início no Grupo de Pintura ocorreu no ano de 2010, onde permaneceu no desenho por vontade própria, por um bom tempo. Só partiu para a pintura quando, de fato, se sentiu preparada emocionalmente, tomando o gosto por pintar, e não mais deixou o grupo. É admiradora da professora, pois vê nela um exemplo de generosidade. Hoje, diferente de quando entrou no grupo, se sente em harmonia interna, gostando de participar de todas as aulas. E diz: *“A convivência e as amizades que fiz no grupo são o que mais gosto, mas também gosto dos trabalhos que pinto, e dos trabalhos das colegas”*.

O espaço físico reservado para as aulas de pintura se estrutura da seguinte forma: uma sala ampla com mesas retangulares, cadeiras plásticas, e dezessete cavaletes, que são do domínio do Parque. As tintas, o solvente e o óleo de linhaça são de uso coletivo e são adquiridos pelo grupo sempre que necessário, mediante uma colaboração mensal de cada aluna do grupo. Os pincéis e as telas são de uso pessoal, logo cada uma tem o seu próprio material. Os encontros ocorrem uma vez por semana, todas as sextas-feiras das 14h às 17h.

Foto: Marinês dos Reis Flores



Figura nº 5 – Aluna no Desenho

Ao longo destes anos de convivências, o grupo fez várias exposições, todas visando exibir os trabalhos e socializar as experiências do Grupo de Pintura.

No Parque, sempre ocorrem essas exposições no encerramento anual das atividades no ARTEVILA, que já estará indo neste ano para a sua 8ª Mostra de Arte.

Houve outras exposições que quero mencionar como referência do trabalho com a Pintura no grupo: na Biblioteca Pública Romano Reif, localizada na comunidade. Participamos da Exposição Sarau das Estações – I Encontro de Outono no Clube Lindóia. No espaço do Saguão da Câmara Municipal de Porto Alegre, no Salão Adel Carvalho, essa a mais importante, por ter sido em homenagem aos 60 anos do Parque Alim Pedro, no ano de 2011. A da Câmara Municipal foi organizada em conjunto com a professora e ex-coordenadora do Parque, na coordenação geral, e também como participante desta exposição, com uma Mostra de Fotografias do Parque e, com todas as participantes do grupo. Participei da organização, enquanto aluna responsável pela coordenação do grupo para esta exposição e com a supervisão da professora titular.

Nesta última Exposição, intitulada “*Parque Alim Pedro - Seus Encantos e Recantos*”, foi retratada a paisagem do Parque. Obteve-se repercussão junto à mídia (*twitter*), no rádio, em jornais da cidade e, por isso, adquiriu um significado importante para o grupo além, é claro, da participação de todas efetivamente, durante a preparação e montagem. Todos os passos desta exposição foram coordenados e acompanhados pela professora até o encerramento.

Foto: Marinês dos Reis Flores



Figura nº6 – Aluna na Pintura

Características das participantes:

Atualmente o grupo é formado por treze (13) participantes, todas do sexo feminino, com as seguintes características.

Profissão/Ocupação:

4	Professoras aposentadas
7	Donas de casa
1	Terapeuta Ocupacional
1	Bancária aposentada

Idades atuais: entre 37 e 78 anos

Alunas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Idade	37	45	50	51	52	59	61	64	64	67	68	71	78

Nacionalidade das participantes:

Brasileira	12
Libanesa	1

Escolaridade das participantes:

2	Ensino Fundamental
5	Ensino Médio
1	Ensino Superior em Letras/FAPA.
1	Ensino Superior Incompleto em Administração
2	Ensino Superior em História/PUC.
1	Ensino Superior em Ed. Artística/Desenho/A.P
1	Ensino Superior em Artes Industriais/UFRGS

Cursos feitos em alguma etapa da vida destas participantes:

Aluna nº 1	1	Curso Técnico em Trabalhos Manuais
Aluna nº 10	1	Curso em: Pintura em Porcelana, Cerâmica e Arte e Cultura dos Povos da Península Ibérica
Aluna nº 4	1	Curso Desenho Avançado no Ateliê Livre, Arte Contemporânea, Formação de Mediadores/7ª Bienal do Mercosul
Aluna nº 9	1	Curso de Cerâmica Artística
Aluna nº 6	1	Curso de Desenho na Escola Nacional de Desenho
Aluna nº 5	1	Curso de Desenho “Correndo o Risco” no Ateliê Livre
Aluna nº 7	1	Cursos de Pintura em Madeira, Pintura Provincial, Pintura Mineira
Alunas nº 2,3,8,11,12 e 13	6	Não fizeram nenhum curso.

Após a apresentação do grupo de alunas é importante destacar que desde o início do curso de pintura, a professora não possuía nenhuma objeção sobre a entrada de pessoas do sexo masculino, mas em respeito à opinião de cada uma delas, acatou a decisão do grupo de ser constituído apenas por mulheres.

No decorrer da entrevista que fiz com ela, em setembro último, perguntei se ela já deixou alguma vez participar do grupo de pintura algum aluno homem. Ela me respondeu dizendo que houve na época dois pedidos. No início, deixou que elas resolvessem isso, se queriam ou não a entrada de pessoas do sexo oposto. Contou-me que: “a resposta das alunas foi unânime: um não”.

Poderemos compreender isso pelo fato da maioria das alunas participantes terem trabalhado fora, criado seus filhos, todas buscavam no curso de pintura resgatar um momento para si. As alunas que entraram no grupo naquele ano, o fizeram por vontade própria. A maioria delas gostaria de ocupar o tempo livre com algo que lhes desse prazer e realização. Foi assim que encontraram naquele espaço um lugar para elas. Com a professora aconteceu o mesmo. Depois de se aposentar, buscou um espaço para o ensino de sua pintura.

Minha percepção sobre o grupo de pintura e sobre o que ele pensa é de que se fossem aceitos homens naquele grupo, talvez ele não fosse o mesmo hoje; um grupo homogêneo, coeso e com os mesmos interesses. Poderia haver contrariedade na forma de pensar, talvez até algumas restrições por parte de algumas delas, em função da maneira como foram criadas à sua época, em regime conservador existente em suas famílias. A maioria das alunas tem idades acima dos sessenta anos. Na sociedade, de uma maneira geral, as questões de gênero sempre estiveram presentes, o que não difere nesse grupo.

Sobre estes aspectos, é interessante destacar, finalizando a História do Grupo de Pintura, que cinco das alunas participantes foram professoras (História, Língua Portuguesa, Arte, Geografia etc.) em escolas públicas e particulares, tendo convivido diariamente com professores de ambos os sexos no ambiente escolar enquanto no exercício da docência. Essas mulheres, enquanto professoras, vivenciaram fatos marcantes, temáticas importantes, ao longo de suas jornadas de trabalho. Situações de conflitos apareceram entre alunos e professores, questões político-pedagógicas também. Assim como existiram também as reivindicações por melhores salários, melhores condições de trabalho, e tempo para o aperfeiçoamento profissional, entre outras questões referentes a educação e gênero, que estão envolvidos nestas vivências que tiveram, em outros tempos. Não é muito diferente do que vivem professores hoje, em seus ambientes de trabalho. Sempre buscando junto aos governos por melhores salários e condições de trabalho e ainda assim, não abandonam suas docências.

3 DESENVOLVIMENTO EM TÓPICOS – PARTE II

3.1 MINHAS EXPERIÊNCIAS COM A PINTURA E COM A DOCÊNCIA

Em 1999, a pintura a óleo começou a fazer parte da minha vida. São treze anos dedicados a estar sempre buscando o aprimoramento. Uma das razões que considero fundamental é este “estar” sempre sendo estimulada para o aprender algo novo, seja na pintura, no desenho ou em qualquer outra coisa que se vá realizar na vida.

Sempre me senti, no Grupo de Pintura, instigada pela professora, que é, sem dúvida, uma pessoa com muita experiência, que conhece o ofício da pintura e que tem um olhar preciso sobre arte de pintar. Instigada também pelas colegas, que têm consciência coletiva do seu papel no grupo, e ajudam umas às outras, uma vez que todas possuem habilidades suficientes para opinar, ajudar e sugerir eventuais resoluções ou problemas enfrentados. Entre as temáticas de que gosto para pintar estão as figuras humanas, as paisagens e as memórias. Procuro usar fotografias, recortes de jornal e revistas como modelos, mas minhas telas trazem traços próprios, pois acredito que não existem cópias fiéis, sempre o meu traço está ali, o meu desenho vêm primeiro, existe o meu toque, que faz o meu trabalho realizado ser mesmo meu e desmistifica a idéia de cópia. O desenho é meu, e a pintura foi realizada por mim e isso tem valor e um significado forte para mim. Gosto de colocar na paleta as cores fortes e contrastantes e quando minha pintura é de uma figura humana, sempre tento *desconstruir* a imagem, criar outra em cima da que vejo, e isso me fascina na pintura.

Foto: Marinês dos Reis Flores /2008



Figura n° 7 – “Figura Humana I” - Pastel Oleoso

Foto: Marinês dos Reis Flores/2008

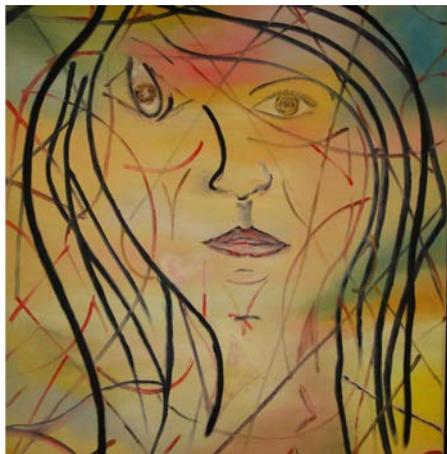


Figura n° 8 – “Figura Humana II” - Pintura/Óleo sobre Tela

Sei da importância da pintura clássica na História da Arte e o quanto devemos, quando estamos aprendendo, seguir fielmente modelos pré-estabelecidos, pois é também uma das formas de aprendizado. Busco, porém, a desconstrução por achar mais interessante e expressivo como arte.

Quando estou pintando um quadro e ele possui um certo grau de dificuldade, procuro me cercar da teoria para entender certas questões práticas. Faço experimentos com as cores antes de iniciar a pintura, para encontrar as tonalidades que me satisfaçam e me dêem prazer em olhar, pois é fundamental que se goste do que se está fazendo.

Interessa-me muito o desenho esboçado, o desenho rápido, pois a sua forma é clara e diz muito do motivo. O desenho que faço rapidamente já me traz a figura ou a imagem que me vem das idéias. Ela é nítida e representa algo. Minha prática com desenho vem do tempo em que eu era pequena e gostava de desenhar. Nunca tive medo de desenhar, como algumas pessoas normalmente têm.

Assim, ao longo destes anos, desenhando e pintando no grupo, também me senti instigada a voltar a estudar, a querer ensinar, e, assim, ingressei no Curso de Licenciatura em Educação Artística/Desenho com Habilitação em Artes Plásticas.

Foto: Marinês dos Reis Flores



Figura nº 9 – Minha Pintura em Homenagem aos 60 anos do Parque Alim Pedro

Já formada, iniciei minha docência em 2006 em uma escola particular e também no Colégio de Aplicação. A minha prática em sala de aula foi uma experiência gratificante. Embora hoje eu esteja fora das salas de aulas do ensino formal, continuo com a prática da docência através de eventuais oficinas de arte no SESC, por exemplo, em espaços não-formais de educação, no que acredito estar contribuindo para a transformação dos sujeitos a partir da arte e com a arte. Foi no Grupo de Pintura Parque Alim Pedro que tudo começou, e hoje me preparo para a possibilidade de assumir este grupo como professora voluntária.

Desenvolvi um Projeto de Arte para este grupo de pintura. O projeto realizado naquele espaço também foi significativo e contribuiu para o meu exercício de docência num ambiente de Ensino Não-Formal, com o qual me identifiquei muito. Foi também significativo para o Grupo de Pintura, pois acrescentou novos conhecimentos da História da Arte, dos artistas, suas obras e sobre os elementos visuais da pintura em vários aspectos a partir de conceitos, do sentido que fez para cada uma delas e de suas percepções adquiridas sobre Arte.

3.2 CONCEPÇÕES SOBRE PINTURA E DESENHO

Para começar a abordar a pintura é preciso lembrar do artista, aquela pessoa que através da sua arte (pintura) expressa os seus sentimentos, o seu tempo e o seu gosto. E há quem discorde, ao apreciar uma pintura, de que para uns tem um significado e para outros, a pintura nada o toca. Ao longo dos séculos, a pintura acompanha o homem. Os primeiros homens, ditos pré-históricos, se expressavam, de forma a comunicar-se, através de desenhos e sinais nas paredes das cavernas usando pigmentos e gorduras. Hoje, os artistas compram tintas ou as preparam com os mais variados pigmentos e continuam a expressar-se, a dizer algo do seu tempo através da arte.

Um conceito só de pintura me parece pouco para definir de fato o que a pintura significa, mas, falar sobre ela vem ao encontro do que minha pesquisa vem abordando. O ato de pintar carrega muito do que o artista busca com a pintura e não só o que ele se propõe a mostrar. Existe uma troca. A pintura em cada período da história se renova, recria-se e com o artista acontece o mesmo. Ele busca conhecimentos na História da Arte, no estudo da Estética e da Filosofia para entender o mundo que o cerca e entender-se e, o faz, a partir das suas experiências. O artista busca conhecimentos, principalmente através da experimentação dos materiais, das técnicas, da cor (tintas), do próprio desenho que é base não só para a pintura, mas arquitetura, escultura etc., e também se modificou em cada período da arte até o nosso tempo.

A pintura, assim como a História da Arte, tem as suas raízes na pré-história, mas de lá para cá as transformações foram imensas, e um dos períodos mais importantes foi o do Renascimento, até chegarem a nossa contemporaneidade. Gostaria de frisar que este período foi o movimento artístico que mobilizou e encantou a professora do grupo de pintura, haja vista que foi um modelo pelo qual ela se identificou muito e seguiu, pois acredita na importância que ele possui em matéria de ensinamentos importantes, como a perspectiva, as

proporções e a geometria.

A finalidade da pintura e a postura crítica dos artistas até hoje garantem a continuidade das suas obras de arte; trabalhos artísticos realizados em que pensam ações sociais de artistas engajados, como, por exemplo, os artistas brasileiros contemporâneos Vik Muniz em *Lixo Extraordinário* (2007-2009) e Siron Franco em seus vários projetos sociais. A Pintura continua a expressar o que os artistas pensam sobre acontecimentos do contexto social, da realidade, dos sistemas impostos por uma sociedade dominante, etc. Continuam a produzir de forma a mostrar ao mundo a sua visão sobre as coisas que lhes tocam, sem, porém, deixar de mostrar também a sua *subjetividade*, a sua *sensibilidade* de expressão pessoal e de *lazer* pelo prazer em apreciá-las, seja nos seus desenhos, suas pinturas, (seus projetos maiores) com suas cores e ritmos ou qualquer outra arte, no seu estilo próprio, e inspirados, lógico, pela *imaginação*.

Não é possível definir pintura sem (um pequeno recorte falando do Renascimento italiano) associá-la também a desenho e cor, uma vez que o seu conceito passa por eles.

Segundo GOMBRICH, (1995, p. 287),

No século XVI “o artista deixou de ser um artífice entre artífices, pronto a executar encomendas de sapatos, armário, ou pinturas, conforme fosse o caso. Era agora um mestre dotado de autonomia, não podendo alcançar fama e glória sem explorar os mistérios da natureza e sondar as leis secretas do universo”.

Segundo PROENÇA (2001), a pintura mostra estudos negligenciados no período Medieval, que no Renascimento tornaram-se visíveis. Foram os artistas pré-renascentistas Giotto, Masaccio e Botticelli que, no século XIV, lançaram as bases para a pintura do Renascimento. Leonardo da Vinci, Miguelangelo, Rafael Sânzio e Ticiano, quatro artistas da pintura renascentista italiana, lembrados sempre que se fala sobre Arte até nossos dias. Brunelleschi e Bramante, dois grandes arquitetos daquela época. O primeiro, ficando famoso por sua descoberta sobre a “teoria das proporções”. As características do período foram o individualismo, em que os artistas passam a assinar suas obras de arte; o racionalismo, que era a valorização da razão e a busca pelo conhecimento; o hedonismo, que era a busca da auto-satisfação, o prazer e a sua realização espiritual; o antropocentrismo, que era o homem achar-se o centro do universo; o naturalismo, que era a integração do homem à natureza e o realismo, um traço marcante dos desenhos e das pinturas do Renascimento, herdado dos pintores gregos e romanos da Antiguidade, pois estes já possuíam domínio sobre estes

recursos da pintura.

A Filosofia Humanista foi fundamental para a expansão desses pensamentos e métodos (empirismo e racionalismo), hoje usados pelas ciências. Foi uma nova concepção de vida adotada por uma parcela da sociedade e que foi exaltada e difundida nas obras de arte pelos artistas homens. Recuperavam-se os valores clássicos, porém aplicava-se de uma nova maneira a uma nova realidade. A idéia, na época, era que cada indivíduo fosse responsável pela condução de sua vida, que tomassem suas próprias decisões.

A Europa é considerada o berço da civilização ocidental. A predominância da Cultura Européia foi importante na constituição do modelo social ocidental. Os homens eram quem dominavam a Cultura como a Filosofia, a Música e a Arte, por exemplo. Entre tantos discursos, prevalecia sempre a palavra do homem, que era quem detinha os meios de manter esta soberania em todos os espaços possíveis de dominação masculina.

Foi no período da Arte renascentista que na Pintura Clássica só os artistas homens eram vistos e valorizados por seus trabalhos e pela sua Arte. As mulheres artistas, por outro lado, ficavam a mercê de suas resignações.

Segundo LOURO (2006), apud LOPONTE (2010, p. 149), quando discute questões de gênero e sexualidade, educação e arte, nos remete a outros pontos de vista, por exemplo, quando questiona: “afinal o que é mesmo relevante para a educação?”

“É relevante discutir sobre as possibilidades e as impossibilidades que esta cultura coloca para a sexualidade. É relevante refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres”.

As discussões que LOPONTE (2010) nos mostra em seu artigo publicado no Livro *Pedagogia da Arte - entre-lugares da criação*, que são questões para serem refletidas hoje e com muito mais intensidade. Dizem respeito aos mais variados assuntos, como identidades femininas e masculinas; mulheres na educação e na arte, cultura visual; imagens de mulheres na arte, etc. No artigo, LOPONTE (2010) nos provoca com indagações que, de fato, quando nos colocamos a refleti-la, nos damos conta que por trás de um discurso existe um outro discurso. Por exemplo, quando lemos sobre momentos da História da Arte na Pintura, pode-se ver, de fato, os artistas homens eram quem pintavam a maioria das obras existentes. Havia as artistas mulheres, que também pintavam, embora não aparecessem no cenário social daqueles tempos. As artistas mulheres eram “vistas como inferiores”, e suas

obras ficavam em segundo plano. Pouco ou quase nada era sabido a respeito dessas obras, sendo pouco reconhecidas na esfera artística daquela época.

Busquei citar dois exemplos de artistas mulheres de muita determinação e coragem no enfrentamento dos preconceitos contra as mulheres pintoras, muito em função de uma cultura de época. Para ilustrar a participação das mulheres artistas nesta pesquisa, é que mostro a todos, sobre um dos trabalhos de Pintura realizado por Artemísia Gentileschi (1638)⁴, chamado “Susanna e os Velhos” de 1610, em que a artista traz uma interpretação em razão de um episódio ocorrido consigo aos 17 anos (de estupro). A imagem nos transmite o repúdio ao assédio cometido pelos dois homens representados, realçando o conflito entre os protagonistas participantes da cena. O estilo de pintura de Artemísia foi o Barroco e ela pintou vários outros quadros. Artemísia era filha do artista Orazio Gentileschi, pelo qual foi muito influenciada desde menina, quando o pai já percebia nela grandes habilidades nos desenhos e, depois na juventude, em suas Pinturas. Foi ele também quem sempre a apoiou para que ela fosse reconhecida como uma artista independente. Foi também influenciada pelo artista Miguel Ângelo Caravaggio.

Naquele período da história, a discriminação contra as mulheres era muito grande e somente foi possível a Artemísia a aprendizagem e a prática de sua Pintura graças ao apoio de seu pai, homem influente e reconhecido socialmente.

A obra “Susanna e os Velhos” também foi pintada pelo artista Maneirista Jacopo Robusti (Tintoretto), que a intitulou “Suzana e os Velhos”, sendo realizada em 1557.

Como citei Tintoretto, é pertinente contar uma passagem da filha do pintor. Assim como Artemísia trabalhou no atelier de seu pai com seus irmãos e destacou-se naquele espaço masculino, Marietta Robusti foi outra artista mulher que sobressaiu num cenário artístico conservador para os padrões da época e que quero mostrar aqui contando um pouco da sua história. Houve outros casos na História da Arte em que mulheres pintavam e homens assinavam as obras, pintores famosos, como foi o caso na história de Jacopo Robusti, conhecido como Tintoretto, (1518-94). Seu filho Domênico e sua primogênita Marietta Robusti (1560- 90) trabalhavam como assistentes pintando para o pai. Marietta Robusti, cujo apelido era “La Tintoretta”, vestia-se como um menino, para poder trabalhar com o pai. Apenas um dos quadros de Marietta (que foi musicista e retratista) foi reconhecido como seu; era um auto-retrato. Assim, as experiências artísticas vividas pelos filhos do pintor não

⁴ artemazeh.blogspot.com/2012/04/artemis-gentileschi-caravaggiesca.html acessado em 11/10/2012.

tiveram reconhecimento público. Porém, nada tirou o prestígio que o artista obteve com riqueza de luz e de belas composições em suas telas. É oportuno dizer que Tintoretto foi um dos poucos artistas em sua época que *conseguiu reconhecimento, sem um aprendizado formal*⁵.

Foi ele o primeiro artista Maneirista Veneziano, que estava mais preocupado com a dinâmica, o movimento e a dramaticidade de suas telas do que com a perspectiva como mencionou com outras palavras GOMBRICH (1995, p. 368), em suas obras, naquele momento da história. Tintoretto admirou o desenho de Michelangelo e a cor de Ticiano, porém tinha seu próprio estilo, tendo sido um inovador no seu tempo.

Estes são apenas dois casos que cito, mas existiram outros. Casos semelhantes de preconceitos criados contra as mulheres pintoras, em períodos diferentes da história da humanidade, mas que remontam da Renascença e, hoje, tão presentes ainda nas nossas sociedades, que nos fazem refletir sobre algumas das discussões de gênero. Há discursos hoje que procuram desfazer estas “marcas” sobre o universo feminino e em favor das mulheres, mas ainda são poucas as perspectivas de mudanças ante a cultura existente, neste sentido, mesmo tantos séculos depois destes dois episódios ocorridos na História da Arte.

Mulheres hoje buscam nas relações que têm no trabalho, na família, na política, na arte, na educação e em lutas constantes por um desejo de encontrar uma certa identidade coletiva que as unam, e onde possam ser vistas e valorizadas pelo seu trabalho, como pessoas nas sociedades das quais fazem parte. Isto se dá a partir das mudanças sociais que conquistaram e que provocaram num passado distante e, que ao longo dos tempos, vêm conquistando, mesmo que lentamente, ainda mais espaços na vida. Hoje a maioria das mulheres vive a sua constituição feminina como pessoas que continuam a buscar e que procuram a partir de novos caminhos tornarem-se donas de seu livre querer.

Foi pensando nestas questões de gênero no ensino de arte na educação formal, no ensino de arte no espaço não-formal, que venho mostrando fatos que possam contribuir para o entendimento do que acontece com este grupo de alunas, no contexto do Parque. Sendo um lugar de convivências, onde também ocorrem as aulas de pintura e onde homens, mulheres, jovens e crianças buscam objetivos diferentes para atenderem suas necessidades pessoais.

A partir disto, poderemos ter também uma percepção maior sobre nós e dos outros. Analisar determinados comportamentos individuais ou coletivos existentes em nossa

⁵ <http://wikipedia.org/wiki/Tintoretto> de 03/10/2012.

sociedade e que também podem ocorrer em um lugar como o Parque sim. Sendo assim, no contexto amplo do Parque, homens e mulheres, jovens e crianças buscam realizar seus desejos pessoais, principalmente e apenas um espaço para si em suas relações interpessoais.

É importante que se ressalte aqui que nos tempos atuais os paradigmas muitas vezes se repetem, mas desejamos hoje, em todos os níveis de entendimento e em todas as áreas do conhecimento que possamos, como professores, e ou futuros professores ajudar a construir o (futuro) cidadão e, é a partir da Educação, seja nas escolas formais ou em espaços não formais, ser ele capaz de se autodeterminar e se reconhecer como cidadão nessa sociedade a qual faz parte e a que possui direitos e deveres iguais.

Foto de: Marinês dos Reis Flores

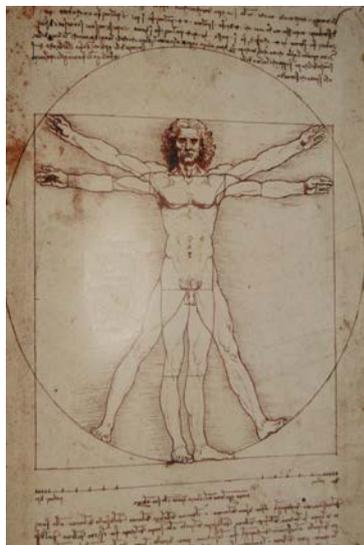


Figura nº 10 – Desenho de Leonardo Da Vinci

“Homem Vitruviano”, datada cerca de 1492/Marcus Vitruvius Pollio, Arquiteto Romano do século I a.C. (desenho com pena e tinta, 34,2 x 24,5 cm) - Gallerie dell' Accademia, Veneza (Itália).

É na pintura e com Leonardo Da Vinci (1452 - 1519), seu maior expoente, que o Renascimento é sempre visto, referendado como um exemplo clássico, mas também atual de movimento artístico e cultural que modificou toda uma geração humana. Da Vinci, é considerado não apenas por sua pintura, mas por tudo o que ele representou à humanidade, por todos os ensinamentos que disseminou. Leonardo Da Vinci pintou pouco, mas estudou e investigou muito sobre os mais variados assuntos desde jovem. Entre esses assuntos, estava o domínio sobre luz e sombra, os estudos de perspectiva e de ótica, proporções e anatomia, proporções de animais, movimentos, plantas de edifícios e engenhos mecânicos, geometria, urbanismo, entre outras façanhas.

Foram tantos artistas incontestáveis, cada um à sua maneira surpreendentes, como Rafael Sanzio (1483 - 1520), por exemplo, que se destacou pelo equilíbrio e simetria em suas obras.

A pintura é muito importante para a humanidade, pois sem elas não conheceríamos a história do homem, como ela se deu por todos estes séculos. Mas o conceito não se fundamenta se não trouxermos às discussões elementos que compõem a pintura, como a cor e o desenho, por exemplo.

Segundo LICHTENSTEIN (2006, p.11) houve muitas discussões no passado, por volta dos séculos XVI e XVIII, na Itália, a respeito da importância de cada um, se o desenho vinha primeiro ou se primeiro era a cor. Para a escola de Roma e Florença, o desenho desempenhava o principal papel, o da sua exatidão. Já na escola de Veneza e Lombardia, a cor era a mais importante pelo poder que ela tinha sobre os espectadores diante de uma tela. As discussões não param por aí, pois os debates sobre esse assunto se estendem até a França, e foi por volta do ano de 1660, que artistas como Poussin e Rubens conflitaram-se, cada um a defender a sua escola e a sua postura diante de tamanha problematização da época, que era o duelo entre desenho e cor, cor e desenho.

LICHTENSTEIN (2006), nos provoca a refletir sobre a Pintura no seu texto, sob uma ótica fascinante e ao mesmo tempo surpreendente, pois nos traz a fundo discussões jamais pensadas sob estes aspectos. Ao passar de supostas correntes ou tendências na Itália para teoria dominante na França, as discussões seguiam-se pulsantes. Poussin defendia uma concepção de Pintura e tinha a seu favor a Academia Real de Pintura e Escultura, que a avalizava e a legitimava. A teoria dominante era a chamada “doutrina oficial” da Academia de Courbet e de Le Brun (artistas do Realismo, segunda metade do século XIX), que tinham três finalidades importantes que eram: a finalidade pedagógica, teórica e política, logo a Academia ensinava pintura, a refletir sobre arte e difundia a monarquia absoluta. Pela importância que tinha o desenho, e pelos objetivos da Academia, enquanto tal papel era necessário uma definição de pintura, “porque o desenho era a única parte da pintura que se podia submeter às condições de um aprendizado escolar”.

Por isso, agregar à pesquisa conceitos de desenho no sentido de fundamentar as idéias colocadas por LICHTENSTEIN (2006), na formação de uma concepção sobre a Pintura, que colaborará com o próprio conceito. Um dos conceitos de desenho que quero trazer para a pesquisa é o do Mini-dicionário Aurélio que nos diz: desenho é a “Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas”.

Conforme FERREIRA (2004, p. 186) apud ABREU (2009, p. 28), a palavra desenho, design e desígnios significa a:

“Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos, manchas. A arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, etc., um tema real ou imaginário, expressando a forma, configuração, traçado, projeto”.

Segundo ABREU (2009), o princípio do desenho sempre esteve ligado a uma necessidade de comunicação entre os seres humanos. E na medida em que esta necessidade foi aumentando e se desenvolvendo, foi que surgiu o sistema de escrita (o alfabeto), que povos como egípcios e sumérios, entre outros, por exemplo, deixaram registrados nos mais variados suportes e assim apresentavam seus modos de pensar, organizar e de se comunicar.

Para o autor:

“Ato de desenhar também ocupa diversos lugares nos processos artísticos, tais como os estudos ou as anotações visuais, mas pode ser o meio de expressão de um determinado artista que desenvolve essa linguagem desde o rascunho até o resultado final, que seria a obra gráfica. No que se refere a Pintura, o desenho muitas vezes funciona como a estruturação inicial da obra pictórica definindo as formas dos principais elementos, bem como organizando a espacialidade tendo aqui um caráter provisório ou de passagem para uma outra linguagem”, (ABREU, 2009, p. 28 e 29).

Estando, portanto, o desenho inserido no contexto da criação e que nos remete a muitas possibilidades sobre um determinado motivo ou temática seja ela de um Movimento Artístico do passado, como venho narrando ou de artistas da contemporaneidade, novamente trago para a pesquisa uma fala da artista gravurista (OSTROWER, 1977, Apud ABREU, 2009, p. 29) que diz sobre criação o seguinte:

“Criar é basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se nesse 'novo' de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novo. O ato criador abrange, portanto, a capacidade, e, esta por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”.

Assim, depois de trazer para a pesquisa estes conceitos sobre desenho e que acredito ser pertinente tanto para o entendimento do que vem dizendo LICHTEISTEIN, sobre pintura, e sobre cor e desenho da qual estão todos envolvidos num possível conceito de pintura. E neste momento do trabalho voltando para o que nos esclarece LICHTEISTEIN, agora, a respeito da cor.

Contrariamente à arte da cor que escapa a qualquer argumentação, o desenho pode ser ensinado porque sua prática obedece a regras; a finalidade política estava vinculada ao poder do Rei, literalmente, nota-se neste caso, uma hierarquia de gênero; a finalidade da

teoria era continuar com as discussões na Academia. A partir das discussões surgem muitas desconfianças sobre cor, e é só na primeira conferência da Academia, que se vai tratar deste assunto.

Sendo o pintor Rafael Sanzio, um dos pintores mais expressivos do seu tempo na pintura Renascentista, pela harmonia e regularidade de suas formas e cores, recebeu críticas de Le Brun, em 1667, sobre um de seus quadros, a pintura chamada “São Miguel vencendo o Dragão”. Das grandes discussões e posicionamentos entre intelectuais, críticos de arte e dos próprios pintores de épocas diferentes, entre desenho e cor na "arte da pintura" busca-se, através delas, uma verdade só, mas para tanto precisam reconhecer primeiro, e de consenso, que tanto o desenho quanto a cor são fundamentais para a existência da pintura. Por isso, seguimos a diante trazendo indicações de que a Pintura irá se estabelecer e se perpetuar enquanto pintura, sem deixar de mostrar sempre sua beleza visual tanto do desenho, quanto da cor, produzindo assim, no espectador, o que a pintura quer, que é sublimar tudo isto.

LICHTENSTEIN (2006) observa que, em (1671), BLANCHARD "afirma o mérito da cor", mas não desprezou o desenho, pois o reconhecia como parte da pintura. Um conceito interessante sobre pintura que nos traz BLANCHARD, (1671, apud LICHTENSTEIN, 2006), "é uma arte que, por meio da forma e das cores, imita sobre uma superfície plana todos os objetos abarcados pelo sentido da visão". Interessante este conceito porque ele fala do "sentido da visão", e como a cor está diretamente ligada a nossa visão e, sendo, para cada pessoa, uma visão pessoal e diferente de outras. Diante disso, fica estabelecido que nossa visão sobre uma pintura passa por nossa subjetividade também, e é única. Quando LICHTENSTEIN (1994, p. 180, 181), nos mostra visões diferentes sobre cor, ela nos mostra também "a primeira tentativa de elaboração de uma teoria de representação específica da pintura, por Roger de Piles".

Segundo PILES, apud LICHTENSTEIN, (1994),

"o problema da verdade pictórica independe da gestão metafísica relativa à maneira pela qual a representação se relaciona com a realidade. A rigor, esta questão refere-se apenas, na verdade, ao processo da produção artística. Aos olhos de Roger de Piles, deve-se pensar a verdade em pintura como uma verdade paradoxal determinada pela adequação entre uma aparência e uma crença. O quadro verdadeiro é aquele que faz com que se acredite na realidade que ele mostra. Esse efeito de crença como insistem em repetir os coloristas desde o Renascimento, só pode ser obtido através de uma sábia distribuição de luzes e das sombras, uma ciência do claro-escuro que define a arte do colorido".

Tão bem defendida em sua célebre conferência por BLANCHARD, quando disse: só o colorido "é capaz de se impor aos olhos e enganá-los" (1671).

As linguagens artísticas se estabelecem e se legitimam à medida que os discursos vão perdendo força, modificando-se, estabelecendo-se então novos discursos teóricos, novas formas, conceitos e linguagens e com elas, novas linguagens discursivas.

Outro recorte importante da História da Arte é o Maneirismo. Abaixo, abordamos brevemente essa nova linguagem discursiva que surge em função de um novo contexto político social, econômico, cultural e religioso pelo Movimento Maneirismo.

“onde o termo criado era para “classificar a arte européia” do período de 1520 à 1600, o que explica a origem do nome Maneirismo que era a “maneira” de como cada artista da época acrescentava formas pessoais à arte de origem do Renascimento” (MARTINS, 2001 p. 79)

Um novo estilo surgia com esses artistas, com novas e boas técnicas, eles buscavam realizar somente obras de qualidade. Houve muitas mudanças, existia um estilo aristocrático entre os artistas e muitas variações deste que se disseminou por toda a Europa, onde o contexto histórico era o da Reforma Protestante. Na Pintura Maneirista houve as modificações estéticas. Não era mais o artista quem determinava o tamanho do personagem principal de sua obra (cabia ao espectador fazê-lo), e nem a importância do tema retratado. De certa forma, isso representava uma revolta contra uma ditadura do elemento formal do equilíbrio, legada da escola renascentista. O Maneirismo nos mostrou que as características de cada movimento também mudam conforme vão se estabelecendo. São características desse movimento: as nuances escuras e realistas e ao mesmo tempo dramáticas, as figuras alongadas, a luz, que é também nas Pinturas um fato irreal, e a profundidade espiritual existente nas obras e no pensamento destes artistas novos.

Durante o século XVI, após a Reforma, houve a Contra-Reforma-Católica (em virtude da convocação do Conselho de Trento). Neste meio, apresentou-se uma Arte que ficou conhecida como Primitivo Barroco, surgida na Itália, existindo assim um estilo aristocrático – o Maneirismo – e um estilo mais popular e emocional, chamado Primitivo Barroco. Ambos coexistiram, mas somente o Movimento Barroco adentrou no século seguinte,

“[...] rompendo com o equilíbrio entre o sentimento e a razão, ou entre a arte e a ciência, que os artistas renascentistas procuraram realizar de forma muito consciente; na arte Barroca predominam as emoções e não o racionalismo da Arte Renascentista”. (PROENÇA, 2001 p. 103).

“A Arte Barroca foi entendida como a grande propagandista do catolicismo” (MARTINS, 2001, p. 85). Exponentes importantes destes estilos na Pintura foram: Tintoretto, El Greco, Caravaggio, Rubéns, Velásquez, Rembrandt, Hals, Vermeer, entre outros. As discussões destes períodos, no final do século XVIII, giraram em torno de uma nova

“maneira”, um novo olhar dos artistas (a ênfase na pintura neste período era a luz e a cor), e de uma sociedade em compreender aquele momento histórico.

Só nos séculos XIX e XX esse “dualismo de ideologias” (era cada um com seus princípios e suas convicções) foi superado, porém, estes recortes que trouxe da História da Arte para minha pesquisa, e os demais períodos importantes que se sucederam na história, influenciaram a atualidade.

É sabido que o que impera na Modernidade e Pós-Modernidade é a Cultura Visual, que se constituiu após a Revolução Industrial e em consequência dela. Todas as questões discutidas na arte antigamente já não são mais as mesmas nesse período. Enquanto no período Renascentista o desenho e o figurativo vigoravam, na Modernidade, com as novas tendências artísticas, a cor, a abstração e o conceito é que predominava.

Na Pós-Modernidade são as imagens em função das mídias, de um modo geral. São, pois, um campo vasto para discussões em nosso tempo. Somando-se ainda discussões não menos importantes como as tais nomenclaturas do ensino de arte, os currículos, formação de professores e queixas de professores sobre o que ensinar em sua disciplina que esteja conforme o que o sistema educacional determina nos PCNs, ou se é o próprio professor quem determina seu trabalho docente em sala de aula, sem intervenções da direção escolar, por exemplo. Em seminários, palestras e eventos próprios de educação é que discussões como essas devem estar em pauta entre escolas, professores de arte, universidades, e em várias outras áreas do conhecimento envolvidos com as questões da educação. Da mesma forma que governo, sociedade e comunidades escolares precisam discutir formas cabíveis para abarcar todos os problemas do ensino de arte e também da educação, haja vista que ambas não se separam mais.

As discussões, ao mesmo tempo em que são imprescindíveis na conjuntura atual da educação em que se estabelecem com a obrigatoriedade de um ensino coerente, são também complexas, pois não possuem um discurso que as ampare, fortalecendo assim a sua categoria de professores atuantes e o seu currículo próprio de um modelo próprio a ser seguido para um ensino de arte que se sustente nas escolas e em espaços não-formais de educação da mesma forma. Em cada pessoa, escola, espaço não-formal de educação, professor ou aluno existirá a sua concepção da arte, à medida que acontecem os *encontros com a arte*, e suas percepções sobre. E aí os sentidos são importantes para o real desenvolvimento cognitivo, uma vez que sendo estimulados, atingem significados relevantes para a aprendizagem da Arte.

Segundo ZORDAN (2010, p. 100), em *Percursos das artes plásticas visuais: geologia de uma disciplina*, artigo publicado no Livro *Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação* de Gilberto Icle (Org.), que nos traz outras possíveis discussões sobre arte na educação e também nos esclarece seu ponto de vista sobre a disciplina de arte junto as demais matérias do currículo, nos diz:

“Por isso, pensar o ensino da arte implica o estudo das perspectivas obtidas dentro do conturbado campo de experiências daquilo que se concebe como prática e fruição artística e os conceitos que interagem com a amplitude de suas definições: o Belo, a estética, a técnica, a materialidade, o sensível, a percepção, a criação. Tudo isto sem perder de vista que a arte nunca deixa de ser uma ação social”.

É por isso também que estas discussões em torno do que envolve a arte e a educação, do seu ensino como uma forma de aculturação social em espaços não-formais de educação, são em uma medida, uma maneira de desenvolvimento da cultura local de um lugar da cidade ou bairro. Discutir a função que a arte desempenha no ambiente escolar ou fora da escola, com professores de arte, universidades, outras áreas do conhecimento, nas salas de aula entre professores e alunos, entre críticos de artes e mídias, e também com as comunidades de uma sociedade dita contemporânea, contribuirá para entender que a arte faz parte da educação do cidadão como um todo, e aí estão incluídos os currículos (que sempre podem e devem ser alterados ou modificados), nomenclaturas variadas (e também novas, capazes de dar conta do ensino de arte), mas todos com um fim na educação social.

ZORDAN (2010, p. 101) nos estimula a pensar sobre arte e seu ensino enquanto disciplina e a acreditar no exercício incansável da profissão de professor seja de arte ou de outra disciplina curricular. Que todas as discussões a respeito da arte, do seu ensino, e de todas as experiências vivenciadas por artistas, professores de arte, alunos e pessoas comuns das comunidades, valem a pena, quando diz:

“a Arte constantemente nos leva a pensar o limite entre o que se vive e o que se aprende e como visões de mundo se formam e se estratificam dentro de uma cultura. Podemos nos perguntar, a cada dia em sala de aula, se é possível ensinar esta tal matéria arte. E, a cada experiência, aprendemos que a arte não exatamente se ensina, se vive”.

A arte abarca novas concepções e conceitos, formas de expressão em comunhão com o que vivenciamos historicamente hoje. Nossos artistas continuam se revelando, mas poucos vivem de sua própria arte. A maioria precisa se manter em funções ou profissões alternativas, como exercer a docência em Instituições Públicas ou Particulares, mas não desistem de suas convicções de que é pela Arte e através da Arte que as transformações acontecem nas pessoas.

A partir da Pós-Modernidade é que enxergamos os paradigmas da Modernidade na Arte, de fora dela e da própria Pós-Modernidade. Foi olhando para trás na História da Arte que podemos enxergar o que somos e como nos constituímos como sociedade organizada e multicultural hoje, uma vez que as mudanças foram muito drásticas e rápidas como a evolução das tecnologias, por exemplo, e em função do consumo industrial, e de uma cultura de massa crescente formando-se em sintomas de uma globalização, onde operamos, nos comunicamos sem mais fronteiras territoriais. Por isso, precisamos construir maneiras, criar soluções que amenizem todos estes obstáculos, para conseguirmos ir adiante, porém com modos de ver, ser, fazer diferentes, nas famílias, nas comunidades, nas instituições escolares formais e não-formais, nas sociedades das quais fazemos parte e temos, sim, o dever de educar, mas educar para a vida e assim sermos melhores como cidadãos, para transformarmos a realidade que nos apresenta para melhor.

4 PROJETO DE ENSINO: PROJETO DE INICIAÇÃO AO DESENHO E À PINTURA

O projeto foi pensado e destinado ao grupo de pintura Parque Alim Pedro. Um dos objetivos específicos desta pesquisa é a apresentação de projeto de ensino que desenvolvi para este grupo de pintura, com o apoio e incentivo da professora/coordenadora do grupo de estudos do Curso de Extensão da UFRGS, ligado ao Instituto do Arte na Escola.

O Projeto de Iniciação ao Desenho e à Pintura foi embasado no método *ARTEMENTE – Desenvolvendo o hemisfério cerebral direito através de formas, cores e sons* que foi desenvolvido e aplicado pela minha ex-professora J. R. T., da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA no ano de 2001. Este método também foi utilizado por ela na Escola de 1º e 2º Graus Diva Costa Fachim em Cachoeira do Sul/RS. É importante relatar e explicar que este método ARTEMENTE foi por ela embasado nos estudos sobre o cérebro, desenvolvidos pelo Neurobiologista e Fisiologista Dr. Roger Sperry (Prêmio Nobel de Medicina em 1981), sobre as *diferentes potencialidades do cérebro humano*, também e principalmente, nas pesquisas de Betty Edwards, estudiosa de Roger Sperry. No Livro de Betty Edwards intitulado “*Desenhando com o Lado Direito do Cérebro*”, e graças a ela, as pesquisas de Sperry foram difundidas em vários países.

Foi assim que comecei este projeto em 22 de agosto de 2008, me inspirando para criar meus próprios exercícios, mas também utilizando alguns exercícios do método

ARTEMENTE, que têm como função o desenvolvimento dos dois hemisférios do cérebro e por atender ao que eu gostaria de iniciar com as alunas do desenho, principalmente.

Segundo SPERRY (1981, apud J. R. TRINDADE, p.1), existem “potencialidades distintas em ambos os hemisférios cerebrais: o esquerdo, no qual predomina a educação ocidental, é responsável pela verbalização, lógica e racionalidades humanas; já o direito é intuitivo, criativo e lida com as emoções, podendo exercer significativas transformações na aprendizagem”.

As atividades realizadas no grupo tinham a intenção inicial do despertar artístico, de um perceber a arte de uma maneira geral, porém com um outro olhar sobre as coisas, começando pelo desenho e depois com a pintura.

O Projeto de iniciação ao desenho e à pintura foi realizado e executado parcialmente por esta professora auxiliar substituta para o grupo de pintura. Foi um trabalho voluntário que realizei neste espaço do Parque, no período de 22 de agosto de 2008 a 04 de setembro de 2009.

Iniciamos o ano de 2008 com dez alunas, sendo duas no desenho e oito na pintura. Como estaria iniciando o ano com duas alunas novas no desenho, o meu projeto de ensino teria ênfase nas noções de desenho, sendo que, para as alunas da pintura, introduziria um pouco da História da Arte. A minha intenção com as aulas de desenho era estimular a criatividade, ativar a memória daquelas alunas novas, incentivando, assim, o prazer em voltar a desenhar novamente, depois de adultas.

Foto: Marinês dos Reis Flores



Figura nº 11 – Alunas iniciando no Desenho/2009

Enquanto estava planejando as aulas não me preocupei, à época, em organizar as referências bibliográficas, ficando apenas em meus escritos a origem de alguns dos textos. Como estava iniciando esse trabalho no grupo, queria fazer o registro de uma observação sobre as alunas novas do desenho: uma das alunas já havia trabalhado com madeira (MDF),

mas não tinha nenhuma noção de desenho, e a outra já tinha tido noções de desenho em um curso no Atelier Livre da Prefeitura. As demais alunas da pintura seguiam desenvolvendo seus desenhos, inicialmente com um esboço e, só depois, indo para a tela. As aulas pretendiam ajudar as alunas a descobrir as suas habilidades.

As primeiras aulas foram para trabalhar a criatividade e a percepção, usando os dois hemisférios do cérebro. Sempre procurei levar um texto com um assunto introdutório para fazê-las pensar. Sugeri às alunas que começassem a observar mais atentamente as formas dos objetos, as paisagens nas ruas, os detalhes das plantas, entre outras coisas, para que elas pudessem desenvolver suas próprias idéias, explorar as possibilidades pensadas e imaginadas, a partir das suas observações e experiências, e transportá-las para o papel ou para a tela.

Eram atividades simples, mas que deveriam provocar nas alunas um estímulo diferente de perceber as coisas, pois a idéia é que elas tivessem um novo olhar para a arte, para a sua produção enquanto alunas e para o seu dia-a-dia também. Procurei sempre trazer ao grupo algo sobre Arte que estivesse relacionado com o seu cotidiano: pelo que conversavam no grupo durante as aulas, sobre alguma exposição que visitaram ou ouviram falar, sobre algum artista que lhes interessou, algo que viram na TV ou que tenham lido no jornal.

Eram atividades que faziam parte de uma aprendizagem do seu contexto cultural.

Quando iniciei as aulas de desenho com as alunas novas, sempre tive uma preocupação em falar de forma clara e correta, para que eu atingisse também o grande grupo. A minha idéia era instigar, envolver todas com minha fala, sobre qualquer um dos assuntos relacionados à Arte, e trazer do grupo o tema da aula seguinte. Sei o quanto a Pintura emociona essas alunas. Ao praticá-la porque gostam acaba estimulando suas mentes e lhes proporcionando prazer em realizar algo, não só pela atividade em si, mas também pela auto-estima, desenvolvida em cada uma delas, que é visivelmente percebida por quem as conhece.

As minhas referências pedagógicas para a criação do Projeto ao Grupo de Pintura foram as minhas próprias experiências nas duas oficinas que projetei e ministrei no SESC, em aulas ministradas enquanto fui professora de Arte na Escola Particular chamada Nossa Senhora do Cenáculo, das aulas ministradas no Colégio de Aplicação/UFRGS no Projeto de Educação Continuada para Professores, ambas em 2006, e do Curso de Extensão da UFRGS do qual participo desde 2005. Neste último, venho desenvolvendo constantes Projetos de Ensino em Arte Contemporânea, voltados para o Ensino Formal e também o Ensino Não-Formal, como o desta pesquisa. Planejando os projetos geralmente para este Grupo de Pintura,

junto ao Grupo de Estudos do Arte na Escola obtendo o apoio da coordenação.

Particpei ainda como Mediadora na 7ª Bienal do Mercosul no ano de 2009, o que me deu confiança para trabalhar com grupos de pessoas de forma ética e profissional, valendo-me dos ensinamentos em História da Arte. Na Bienal, exerci uma função educativa junto ao público das escolas e das pessoas em geral de forma comprometida com a responsabilidade que me foi solicitada.

O meu Projeto de Iniciação ao Desenho e à Pintura não possuía uma rigidez nas aulas. Ao contrário: era para ser um programa de atividades artísticas flexíveis, livres de imposições obrigatórias ao grupo. Foi uma “maneira” que adotei de introduzi-lo a um grupo de senhoras com uma variação grande de idade, com o fato de estarem juntas há muitos anos, e, principalmente, por estarmos com alunas novas e iniciando com este tipo de intervenção, neste espaço público. Foi este projeto significativo para todas as alunas. Introduzi aulas de desenho às alunas iniciantes e, para o grupo restante de alunas da pintura, chamado de *grupo base*, elas continuariam no exercício de suas pinturas com as orientações necessárias. Foi um projeto realizado com planejamento e seriedade para esse grupo, possuía objetivos e critérios claros com um fim no aprender algo novo, no conhecer o que não sabiam, ou não percebiam a partir das aulas de desenho e de pintura.

Após o dia 04 de setembro de 2009, ausentei-me temporariamente do grupo de pintura em função de ter começado a trabalhar na 7ª Bienal do Mercosul como mediadora na Mostra intitulada “*Absurdo*”. Deixei o grupo sob a responsabilidade da colega (Instrutora), aluna nº 5, após minha saída. Ela, de quem já falei anteriormente, é autodidata, domina as técnicas de desenho e pintura, e, nesse período, até o final do ano, ela assumiria o grupo, porém com o apoio da professora titular, que voltou de sua convalescença, assumindo novamente o grupo.

No ano seguinte, quando retornei ao grupo, fiquei com a incumbência determinada pela professora titular de sempre assessorar as alunas novas no desenho, ficando as alunas da pintura por conta dela para o acompanhamento.

Depois destas duas alunas do desenho, passaram pelo grupo mais quatro alunas novas que iniciaram no desenho e apenas duas delas ainda permanecem no grupo, porém já na pintura, e, até hoje, com a minha supervisão. A partir desta data eu fiquei encarregada de receber e ensinar as alunas novas do desenho.

4.1 PROJETO DE INICIAÇÃO AO DESENHO E À PINTURA

OBJETIVOS:

Provocar nas alunas uma maneira diferente de perceber as coisas, pois a ideia era que elas tivessem um novo olhar para a arte, para a sua produção enquanto aluna e para o seu cotidiano também. Aprender de forma simples conteúdos básicos e necessários para a realização dos exercícios de Desenho e da Pintura. Ampliar o seu leque de conhecimentos sobre desenho e pintura, sobre a História da Arte (artistas, obras de artes, contexto histórico), ajudando na formação de um pensamento sobre arte.

JUSTIFICATIVA:

Por uma necessidade temporária do grupo de alunas em que a professora titular esteve ausente em determinado período, por motivo de saúde, onde fiquei responsável pelo grupo até a sua volta. Introduzi este projeto por saber que estaria colaborando com esta aprendizagem, principalmente com as alunas novas, do desenho, mas também as da Pintura.

Sendo o lugar um espaço público (Parque), onde se desenvolve *um trabalho voluntário* de Pintura, e o grupo de alunas sendo da comunidade, as minhas aulas (oficinas) seriam ministradas num espaço não-formal de Educação, mas voltadas para atingir o desenvolvimento cognitivo daquelas alunas.

METODOLOGIA

O método é a forma simples a partir do diálogo com as alunas e do seu entendimento. Sempre com um embasamento teórico que pudesse me ajudar na condução das aulas.

PLANO DE AULA

1ª AULA EM 22/08/2008

Na primeira aula li um texto chamado “O Espetáculo da Vida” de Ana Maria Jr. de 18/08/2008. Em seguida, falei ao grupo sobre possíveis definições do que seria desenho, nas mais diversas concepções anônimas. Queria que minhas alunas pensassem esses conceitos, apenas.

Trouxe um conceito de desenho e também conceitos dos elementos que compõem o desenho. Conteí um pouco da história e mostrei vários desenhos e ilustrações que pudessem dar uma ideia ampliada sobre o assunto. O texto da história que conteí foi retirado do Livro Objetivo/2005 - “Comunicação e Arte”, destinados ao ensino médio.

Atividade nº 1: exercícios utilizando linhas, formas e movimentos. Exercícios de pré-

percepção de formas, espaço e tempo.

Solicitei para as alunas do desenho que escrevessem numa folha de papel ofício branca, em qualquer posição da folha:

- a) o seu primeiro nome;
- b) assinatura;
- c) rubrica;
- d) o seu primeiro nome ocupando o maior espaço da folha de papel;
- e) o seu primeiro nome ocupando o menor espaço da folha de papel; cinco vezes o seu nome, cada vez com letra diferente do tipo: bastão, gorda, trabalhada.
- f) o seu nome com letras invertidas, isto é de cabeça para baixo;
- g) o seu nome em espelhado, iniciando pela última letra;

Para ler coloque em frente ao espelho ou leia pelo verso da folha de papel.

- h) o seu nome com a mão esquerda e se for canhoto use a mão direita;
- i) o seu nome iniciando da direita para a esquerda;

Primeiro escreva com a mão com que costuma escrever e após com a outra. Por último, com as duas mãos ao mesmo tempo servindo-se de dois lápis ou duas canetas observando a mesma posição dos braços e idêntica forma de segurar o material.

j) Repetir os exercícios com os olhos fechados;

l) Desenhar figuras geométricas, todas as que conhecem.

Estes primeiros exercícios eram para soltar a mão e perceber as possibilidades que surgiram desta construção em torno de seu nome.

2ª AULA EM 29/08/2008

Atividade nº 2: nesta aula, pedi para as alunas que fizessem um desenho livre. Queria ver como se expressavam livremente.

Atividade nº 3: as alunas deveriam criar um desenho de uma paisagem, inspiradas nas suas mais remotas lembranças;

Após o término do desenho livre e da paisagem, solicitei ainda um terceiro trabalho.

Atividade nº 4: pedi que fizessem desenhos de observação da sua própria mão.

- a) desenhar a sua mão com todos os detalhes possíveis;
- b) a mão segurando um objeto qualquer;
- c) desenhar com todos os detalhes os seguintes objetos: escultura em arame queimado, escultura em madeira (carranca), e bibelôs;
- d) desenhar todas as peças novamente, porém agora sem olhar para a folha e com o máximo de detalhe possível;

e) desenhar e colorir (figura/fundo), inspirada no encarte de propaganda publicitária que dizia: o que eu quero olhar através desta janela?

3ª AULA EM 05/09/2008

Para começar esta aula trouxe uma frase de Leonardo Da Vinci que diz: “Todo o nosso conhecimento vem do que sentimos”

Atividade nº 5: iniciei esta aula retomando as atividades da aula anterior, a nº 4, na qual pedi as alunas que inicialmente desenhasse sem olhar para a folha: um desenho da mão em qualquer posição; um dos objetos sobre a mesa; e um último desenho foi a sua mão segurando um dos objetos expostos à mesa.

Solicitei que desenhassem num segundo momento da aula, com um lápis em cada mão, o seguinte: um rosto de perfil sem tirar a ponta do lápis do papel; um vaso; um desenho abstrato com linhas contínuas, porém agora com dois lápis em cada mão.

Para fazer um fechamento desta aula, pedi que as alunas do desenho escolhessem uma das imagens oferecidas, e a desenhasse na posição invertida e somente ao final do desenho deveriam virar a imagem.

Esse exercício objetivava a pré-percepção de detalhes, linhas, ângulos e formas em relação ao ponto central e as bordas da folha de desenho.

Nestes exercícios, disse a elas que estariam trabalhando com os dois hemisférios do cérebro, ou seja, o lado direito e o lado esquerda do seu cérebro e que os dois lados se complementavam. Comentei sobre dois conceitos importantes, como: intuição-pré-percepção, que é o lado direito do nosso cérebro que capta as vibrações, energias e impressões das pessoas, fatos, lugares etc. E a percepção – que são nossos cinco sentidos (visão, audição, gustação, olfato e tato ou sentir) em ação no lado esquerdo do cérebro. Disse-lhes que os sentidos são os condutores de informações ao nosso cérebro, porém a intuição é a mais veloz.

4ª AULA EM 12/09/2008

Atividade nº 6: para esta aula, trouxe algumas garrafas de vidro de cores e formatos variados, para possíveis desenhos de observação da composição.

Primeiro, as alunas deveriam observar os volumes, as sombras projetadas, naturais existentes. Também deveriam observar as luzes e quaisquer outro detalhes que aquele cenário de garrafas poderia ter, que aparecessem na composição.

Usando apenas o lápis, elas deveriam: desenhar uma das garrafas dentro de um retângulo; desenhar na sequência um círculo e a tigela a partir do círculo; e por último deveriam criar seu próprio desenho em uma das formas geométricas básicas.

Pedi para as alunas que começassem a observar a perspectiva dos objetos na composição.

Por recomendações da professora titular, com quem sempre mantive contato por telefone, em sua ausência, pedi-me que avaliasse o andamento das alunas novas no desenho e já as conduzisse também à pintura e, a partir dessa orientação, adotei outras medidas para a continuação das aulas, sem que se perdesse o desenho.

5ª AULA EM 26/09/2008

A partir desta data, adotei uma nova maneira de conduzir as aulas ao grupo de pintura. Introduziria as alunas novas na pintura a partir do dia 10/10/2008, porém intercalaria os exercícios, ora desenho, ora pintura, e também o conteúdo teórico, como as leituras sobre os artistas ao grupo.

Atividade nº 7: Nesta aula, pedi que as alunas novas fizessem um desenho com grafite numa folha A4; e após repetissem o desenho em uma folha maior, A3 e colorisse. Solicitei que trouxessem para a próxima aula, uma tela e pincéis, pois iriam iniciar com a ampliação do desenho na tela e já começariam com a pintura.

6ª AULA EM 02/10/2008

Atividade nº 8: como não estive presente neste dia, e com a ausência de uma das alunas do desenho deixei minha colega (Instrutora) auxiliando o grupo na pintura e conduzindo a outra aluna nova no desenho, que ficou terminando tarefas de uma das aulas de que não esteve presente.

Desta aula em diante, procurei trazer assuntos da pintura como: cores, luz, sombra, profundidade e perspectiva. Elaborei um texto sobre cores que pesquisei no Livro: “Desenvolvimento da Capacidade Criadora”, e num segundo Livro “A Cor no Processo Criativo”, esse, de Lilian Ried M. Barros, de edição SENAC – SP em 2006. Dei o texto para o grupo, e falei sobre ele na aula seguinte.

Retirei da internet algumas dicas do profº. Alcides L. Rodrigues sobre cores. Do jornal Z.H, retirei uma reportagem sobre cores e as sensações que elas trazem no vestuário das pessoas e as suas combinações. Pesquisei também sobre o Espectro. Fiz um breve resumo sobre cores do Livro “Universos da Arte”, de Fayga Ostrower.

Comentei com as alunas que à medida que fossemos descobrindo mais coisas sobre cores, colocaríamos no texto e que tudo isto seriam dicas importantes para o nosso aprendizado. Assim, aos poucos, ia construindo junto com elas este meu projeto.

7ª AULA EM 10/10/2008

Para introduzir as alunas na pintura, procurei trazer um texto que falasse do artista e da obra de arte. Selecionei alguns itens do texto e, sem me aprofundar, disse a elas que segundo o Professor (Paulo Gomes), “o artista produz conforme o seu tempo, então a arte é reflexo do

momento em que o artista vive”, e “para que uma obra de arte exista, é necessário que alguém a crie, que lhe dê vida. Toda a produção artística é resultado de uma elaboração, significa que é única, exclusiva de quem a faz, seja um artista consagrado ou você o autor de tal obra”.

Comentei com o grupo sobre uma frase que retratava bem o que era um artista. A frase era: “o artista é na verdade um ser em construção, que depende de um trabalho árduo, tenaz e persistente para se afirmar. Cada obra sua foi planejada, pensada e repensada, corrigida, retificada, na busca da perfeição”.

Segundo o artista (Juan Ingres), “só se aprende a desenhar, desenhando, logo só se aprende a pintar pintando”.

Atividade nº 9: Iniciei esta atividade pedindo às alunas que marcassem a tela com retas verticais e horizontais, para iniciarem nesta aula o desenho ampliado na tela.

Tela demarcada corretamente, na forma quadriculada na medida certa, e as duas alunas iniciariam a pintar.

Sempre trouxe um artista em cada aula, para falar sobre ele e sua obra e também contextualizar o seu tempo. Essas leituras eram feitas para o grupo. No final do ano anterior ao início deste projeto em 2008, combinei com o grupo o seguinte, que cada uma delas pensaria num artista da qual gostasse mais e trouxesse o nome. Disse a elas que faria uma seleção dos artistas escolhidos e contaria a partir de leituras um pouco da história de cada um, suas obras (com imagens), e também sobre o movimento do qual ele fazia parte.

À medida que exposições importantes estiveram na cidade, como, por exemplo, a “Primeira Missa no Brasil – O renascimento de uma pintura”, de Vitor Meirelles, feita em 1860. Trazia para o grupo uma leitura do que estivesse em exposição com recorte de jornais, livros para o melhor entendimento.

E aquele ano inteiro foi assim. Cada aula um artista escolhido por uma delas e todas aproveitavam, fruía e contribuía com o que sabiam e também com imagens que encontravam para mostrar ao restante do grupo. Entre os artistas trazidos para o grupo conhecer, estiveram: Manet, Monet, Cézanne, Picasso, Modigliani, Rousseau, Renoir, Degas, entre outros, e aqui do Brasil falei sobre Portinari, Arcangelo Ianelli, Regina Silveira, Cildo Meirelles, Zorávia Betiol, entre outros. Sempre procurei fazer link com a história, as exposições vigentes que estavam acontecendo, por exemplo, sempre que falava de um movimento artístico da Europa, também mostrava um artista do mesmo movimento aqui no Brasil. A contextualização era importante para a compreensão das alunas, mesmo que os assuntos fossem colocados da forma modesta para elas.

8ª AULA EM 17/10/2008

Atividade 10: não estive presente na aula do dia 17/10, mas deixei uma recomendação na aula anterior para as alunas. Que fossem terminando os desenhos pendentes e acertando os desenhos da tela que ainda estavam em andamento. Ficaram monitoradas pela colega Instrutora.

9ª AULA EM 24/10/2008

Atividade nº 11: para esta aula, trouxe duas leituras e uma entrevista com o artista Iberê Camargo.

Uma das leituras era sobre a pintura de Iberê Camargo e a outra era um novo texto sobre a cor que havia encontrado em um livro do artista Danúbio Gonçalves chamado “Processos Básicos da Pintura”. Mostrei novamente o livro de Fayga Ostrower e algumas imagens para ilustrar essa aula.

Obs: Foi nesta aula do dia 24/10/2008 que uma das alunas iniciou de fato na pintura, pois uma delas não esteve presente. Mostrei as tintas e pedi que observasse bem as nuances e aos poucos fosse colocando as tintas na palheta e misturando as quantidades necessárias para o seu esboço em tela. Disse-lhe que precisava fazer um bom fundo, e que iniciasse dando um primeiro fundo à tela, sem perder a idéia principal do seu desenho já esboçado.

A aluna com sua tela pequena começou a pintar depois de ter desenhado.

10ª AULA EM 31/10/2008

Atividade nº 12: como havia falado sobre cores com as alunas anteriormente, pedi que em uma parte da aula neste dia, as alunas fizessem um desenho com texturas variadas com lápis de cor. E posteriormente continuassem a pintar. Era importante manter o desenho como exercícios de treinamento para a mão e para compreender as formas usadas. A aluna que tinha iniciado na pintura tinha muitas dificuldades com o desenho.

11ª AULA EM 07/11/2008

Atividade nº13: Uma das alunas está na sua segunda aula na pintura e a outra aluna alegando doença na família andou faltando aulas e, me avisou neste dia por telefone que só viria na aula seguinte.

Com dificuldades, mas perseverando, a aluna tenta uma adaptação com as tintas e pincéis. Falei para ela como deveria fazer, naquele dado momento do seu trabalho. A auxilio com as misturas das tintas, até que encontre as nuances aproximadas e possa recomeçar.

Os modelos utilizados nas aulas são os das revistas, de imagens de jornais, imagens de seus sonhos, fotografias, livros de artistas, cartões e alguns encartes publicitários. A maioria delas usa como modelo, fotografias que elas mesmas tiram ou utilizam as revistas, mas sempre colocam um toque seu modificando um pouco do original e isso é uma regra a seguir.

12ª AULA EM 14/11/2008

Como estávamos nas nossas últimas aulas daquele ano, falei para as alunas sobre a figura humana. Não queria deixar passar, pois uma das alunas queria pintar pessoas. Mostrei um texto com muitas imagens de figuras humanas e exercícios de proporções, desenho, medidas do corpo diferentes entre homens e mulheres, entre outras coisas.

Atividade nº14: solicitei que as alunas fizessem alguns desenhos como: boca, olho, nariz e orelha e, só depois tentassem compor um rosto de frente.

Só o exercício constante do olhar, lhes ajudam a perceber as formas, as curvas, linhas de expressão dos rostos. Assim estes primeiros exercícios lhes dariam mais confiança, menos medo de desenhar a figura inteira. A idéia era experimentar os desenhos, aperfeiçoá-los a cada aula.

Sendo essa a nossa última aula, pois o encontro seguinte seria para a montagem da exposição de final de ano, ali mesmo no Parque, na chamada Artevila de 2008.

Disse a elas que, no ano seguinte, daríamos continuidade a este tema, nas aulas de desenho com as novas alunas.

Sempre ao final de cada ano, o grupo expõe seus trabalhos em pintura, desenho e fotografia.

Falei para as alunas que como 2009 será um ano de Bienal do Mercosul e a cidade já respirava arte desde agora, as minhas aulas seriam planejadas, pensando nestas possíveis relações de atividades propostas ao grupo, com a arte contemporânea.

Dando continuidade ao Projeto de Ensino com as atividades de desenho e pintura, preparadas para o grupo este, com 15 alunas em 2009, coloco na sequência deste trabalho, para melhor analisá-lo posteriormente.

1ª AULA EM 13/03/2009

A primeira aula deste ano de 2009 foi para receber o grupo de pintura e também receber junto ao grupo duas integrantes novas.

As aulas, neste ano, teriam o mesmo formato: continuariam as leituras em torno dos assuntos de arte surgidos nas mídias e qualquer curiosidade que o grupo trouxesse à discussão do momento sobre temas variados, continuaríamos com os exercícios do desenho, entre outras coisas. Penso sempre em melhorar as aulas, no sentido de acrescentar um conhecimento novo para estas alunas, mas da forma mais simples e harmônica possível, sem que haja cobranças.

A nossa idéia, enquanto grupo, é trocar, compartilhar da companhia umas das outras, sem que deixem de fazer aquilo que mais gostam, que é pintar.

Trouxe para esse dia um texto de Eduardo Galeano chamado “O Olhar”; uma propaganda publicitária, que continha a imagem de uma paisagem de interior, que era uma fazenda com

uma casa com janelas abertas. Esta imagem era feita de várias texturas diferente.

Atividade nº 1: para esta aula, após ler o texto para elas e mostrar a propaganda publicitária, solicitei que criassem um desenho a partir da leitura e também se inspirassem imaginando ver através daquela janela aberta uma imagem. O que gostariam de ver? O que almejavam para este novo ano que se iniciava na pintura?

As alunas iniciaram o ano com a expectativa de desenhar e pintar muito. Seus primeiros trabalhos foram paisagens.

2ª AULA EM 20/03/2009

Atividade nº 2: solicitei às alunas novas que desenhassem numa folha A4 um objeto qualquer da sala atelier, apenas observando.

E para as alunas da pintura, que elas iniciassem desenhando primeiro no papel A4, o que passariam para a tela depois. Disse-lhes que dois meses de férias e sem o exercício do desenho, ou o pouco que desenharam, deveria interferir no desenho indo direto para a tela. Por isso, solicitei que desenhassem primeiro.

Aproveitei para mostrar recortes de jornal sobre exposições ocorridas no verão, aqui na cidade e também ocorridas na praia, o que agora é muito comum.

3ª AULA EM 27/03/2009

Neste dia, trouxe imagens de vários desenhos. Trouxe a história de um artista para ler para elas enquanto pintam e desenhavam.

Atividade nº 3: queria que as alunas novas, inspiradas nos desenhos que viram e partindo de um fragmento qualquer de uma dessas imagens vistas, criassem um desenho com o máximo de detalhes compondo uma continuação para aquele fragmento inicial. Isso por uns longos 07 minutos sem tirar o lápis do papel.

Esse tipo de desenho eu acredito tem que ser feito de maneira rápida e precisa, para se conseguir ter um número maior de detalhes, embora pareça complexo. São exercícios de percepção e concentração.

4ª AULA EM 03/04/2009

Atividade nº 4: os exercícios neste dia seriam variados, mas direcionados, pois solicitei que fizessem um desenho com a mão esquerda; em seguida, um desenho com a mão direita; e um terceiro com as duas mãos ao mesmo tempo. Assim, estariam exercitando os dois hemisférios do cérebro (razão e emoção). As alunas ficaram fazendo vários destes exercícios, até o final da aula.

5ª AULA EM 10/04/2009

Nesta aula, trouxe um espectro e contei um pouco da história das cores. Sempre que contava

algo para as novatas, frisava a todas para que fossem absorvendo juntas e novamente. O artista lido em aula foi Matisse, por usar muita cor em suas telas.

Atividade nº 5: pedi para as alunas que desenhasssem uma paisagem pensando nas cores primárias, secundárias e também nas terciárias.

É interessante perceber que, nestes exercícios, os desenhos realizados sempre são inventados, e por isso são criativos.

Ao longo do tempo, fui alterando o uso desse método utilizado e até saindo dele, pois sentia a necessidade de introduzir no grupo outras propostas novas. A maneira como conduzia as atividades no grupo era tranquila e, com regras flexíveis, ficando claro que também as proposições eram flexíveis, livres de tempo ou cobranças. Todas estavam ali para aprender a pintar de forma prazerosa. E sem perder a responsabilidade sobre cada aula que planejava a qual me propus desde o início a fazer, queria provocá-las a pensar em arte contemporânea. Sendo relevante mostrar aqui nesta sequência de atividades, outras agora com um viés mais contemporâneo, haja vista que trouxe várias leituras sobre artistas atuais para este grupo de alunas. Trouxe alguns dos DVDs do Arte na Escola de artistas contemporâneos, sem deixar de observar que este grupo, eventualmente, vai a eventos culturais, como exposições em Museus da cidade. Acredito ser importante mostrar estas atividades, mesmo que algumas delas tenham sido executadas parcialmente com este grupo de pintura. Só na 13ª aula começaria com as novas proposições, para o grupo de alunas, agora todas na pintura.

6ª AULA EM 17/04/2009

Atividade nº 6: Solicitei às alunas que trouxessem para esta aula folhas de árvores variadas: secas e verdes também, pois iríamos trabalhar com texturas. Após falar sobre texturas e mostrar exemplos, pedi que com o material que trouxeram num primeiro momento da aula deveriam observar as texturas das folhas e desenhá-las; e num segundo momento desta aula, pedi que elaborassem um desenho, com a colagem destas folhas e a mesclagem de novas texturas utilizando toda a folha.

Essa foi uma atividade prazerosa e inspiradora para estas novas alunas do desenho.

7ª AULA EM 24/04/2009

Atividade nº 7: Como haviam gostado do exercício da aula anterior, nesta aula fui eu quem trouxe os materiais para que continuassem por mais uma aula com as texturas e os desenhos. Mostrei mais algumas texturas diferentes e também um artista que trabalhava com colagens de objetos quaisquer.

Solicitei que fizessem um desenho inspirados em imagens que havia mostrado e também no material, que eram cascas de cebola, de aipim e cola.

Os resultados foram surpreendentes, embora os exercícios sejam de experimentação de materiais, são ao mesmo tempo exercícios de pensar, pois a pergunta que se fizeram foi: o que eu vou criar com essas cascas de cebola e aipim, perguntou-me uma delas.

8ª AULA EM 08/05/2009

Atividade nº 8: Para esta aula, eu trouxe pastel oleoso e carvão e pedi desenhos livres. Queria ver como se expressavam com dois materiais bem diferentes, de qual gostaram mais, com qual foi mais fácil o manuseio e o resultado, em fim era experimentar os materiais nas folhas de papel canson, desta vez.

Uma das alunas gostou mais do lápis carvão, porque gostou da sombra que produziu no seu trabalho. E a outra gostou mais do pastel, achando mais delicado para trabalhar e mesmo sujeira nas mãos e no próprio trabalho.

9ª AULA EM 15/05/2009

Atividade nº 9: Neste dia de aula retomei alguns exercícios de percepção. Pedi que usassem dois lápis carvão e desenhassem o que lhe vinham a mente inicialmente, sem tirar a ponta do papel. Era um exercício de sensibilização.

Num segundo momento da aula, pedi que desenhassem com o lápis um em cada mão a partir de algumas frases, para que se inspirassem que foram: “viajando numa nave espacial azul, encontrei um paraíso num infinito rastro vermelho de luz”; “A menina dos meus olhos é?”

E as alunas viajaram por onde quiseram nesta aula com a imaginação e criatividade.

10ª AULA EM 22/05/2009

Atividade nº 10: Nesta aula, pedi que as alunas escolhessem de revistas velhas uma imagem de figura humana e, após, desenhassem a imagem de cabeça para baixo.

Os desenhos foram feitos rapidamente, eram desenhos com muitos detalhes que foram colocados. As alunas acharam bem mais fácil desenhar de cabeça para baixo. Uma delas comentou que “talvez não teria colocado tantos detalhes se a imagem estivesse na posição normal”.

Nestes tipos de exercícios de percepção, disse a elas que são importantes, pois estariam trabalhando também questões de espaços, formas, centralização das figuras, os detalhes, por exemplo.

11ª AULA EM 29/05/2009

Atividade nº 11: nesta aula, trouxe um artista Surrealista chamado Renè Magritte e pedi uma outra leitura com lápis de cor, às alunas do desenho. Conteí um pouco da história deste artista e mostrei várias obras dele ao grupo.

12ª AULA EM 05/06/2009

Atividade nº 12: solicitei para esta aula que as alunas desenhassem num papel pardo, porém antes de desenhar queria que elas ampliassem os seus desenhos escolhidos.

Mostrei como deveriam fazer e esse já seria um exercício para elas entrarem para a pintura.

Trouxe alguns modelos para elas perceberem como foi feito.

A partir da aula 13, comecei a trazer para as alunas um pouco do que seriam as tendências desenvolvidas em Arte Contemporânea.

Como as alunas do desenho já estariam entrando na pintura, aproveitei para trazer para o grupo uma parte da história da arte num sentido linear, iniciando com a passagem da Modernidade para a Contemporaneidade da Arte, trazendo para esta aula o movimento “Realismo”, com Gustave Courbet, Edouard Manet na pintura e Auguste Rodin na escultura. Não esquecendo de mencionar também da passagem destas tendências da Arte também no Brasil.

Foi a partir desta nova introdução de conhecimentos sobre a arte que eu preparei para o grupo de pintura algumas aulas do meu projeto, junto ao meu Grupo de Estudos do Arte na Escola/UFRGS, e onde foram realizadas parcialmente pelas alunas, mas que foram pensadas para o grupo com o intuito de um dia, talvez, em um outro momento, elas pudessem se concretizar de fato.

Seguindo na sequência das aulas com o mesmo formato narrativo, porém com algumas explicações, se necessário for, ficaria desta maneira a aula.

13ª AULA EM 19/06/2009

Atividade nº 13: Para a atividade desta aula, primeiro, falei sobre Performance e seu conceito, mostrei várias imagens de performances, como exemplos para as alunas. Depois falei da Exposição que estava acontecendo na cidade, especificamente, no Santander Cultural, do artista performático Robert Wilson. Contei um pouco da história deste artista e de como era esta exposição. Após, mostrei às alunas um material que trouxe para a realização deste trabalho. Era uma sacola cheia de roupas coloridas, adereços, perucas, lenços variados, chapéus, etc., para que as que quisessem participar de um ensaio fotográfico, inicialmente, e para a realização de um pequeno filme posteriormente as fotos.

Quatro delas aceitaram fazer as fotos e o filme, ficando o restante do grupo umas a pintar e outras a observar este trabalho do qual participei realizando as fotos e fazendo os vídeos de cada uma.

Segundo Lucimar Bello (2005), uma “outra leitura” da Performance de Robert Wilson, era o que as alunas deveriam realizar neste dia de aula.

Todas a caráter, expliquei como deveriam fazer, que seria no primeiro momento as fotos delas

com os adereços que quisessem colocar. As fotos e o vídeo seriam realizados por mim. Iniciei com uma breve explicação de como se daria a sua realização do vídeo.

Preparado o cenário, com um pano vermelho ao fundo e imagens de máscaras de bruxas ao fundo. A primeira aluna fez como havíamos combinado, que seria um mínimo de movimento possível com o corpo, mexendo-se apenas algumas vezes uma parte do corpo que ela mesma iria escolher (mãos, cabeça, pé, etc.) e, repetindo alguns minutos depois o mesmo gesto por algumas 4 ou 5 vezes. Isto já seria o filme, propriamente dito.

Todas as quatro alunas participantes, realizaram com sucesso esta experiência diferente. Gostaram de ter participado, e já queriam ver o filme.

Disse-lhes que iria editar o filme primeiro e também colocaria uma música de fundo e também teria que cortar as conversas durante a filmagem do restante do grupo, que eufóricas queriam ver as fotos e o filme.

A participação de parte do grupo de pintura foi importante na realização deste trabalho, pois gostaram de participar deste faz-de-conta, de ser um “outro”, outra personagem, que não elas mesmas.

Neste dia de aula de pintura no parque Alim Pedro, algumas das alunas participaram da realização das fotos e dos vídeos para um trabalho meu, particular, do Grupo de Estudos do Arte na Escola/UFRGS, onde eu estava explorando alguns programas livres, como: programa Audacity e Guimp, inseridos no “Projeto Aprendi - Abordagens para uma Arte/Educação Tecnológica” organizado pela Prof^a. M.C.V.B. no qual eu estava fazendo alguns experimentos. Precisava baixar os programas livres de vídeo e música. Inserir este meu vídeo com as alunas editando e colocando uma música de fundo e, também tirando conversas paralelas ao fundo.

Agradei as alunas e ao grande grupo por elas terem participado e realizado parte deste trabalho comigo, e realizando também a sua atividade nesta aula.

O vídeo, que chamei de Vídeos/Retratos, inspirados nos Vídeos/Portaits do artista Robert Wilson, realizado com as alunas ficou ótimo. Fiquei de mostrar a elas o resultado final e contar todos os procedimentos que adotei, e da qual me apropriei dos recursos tecnológicos das mídias. De certa forma, há uma espécie de fusão entre Arte e as Tecnologias Digitais, da qual estou explorando experimentalmente, para depois poder levar ao grupo, em um outro momento, talvez o processo como um todo.

14^a AULA EM 26/06/2009

Atividade nº 14: Para esta aula, eu trouxe o vídeo que fizemos juntas, inspirados nos trabalhos de Robert Wilson, para assistirmos. E, na sequência da aula, retomaram com a pintura.

Todas as alunas gostaram e queriam saber se iam fazer alguma Performance novamente, pois haviam gostado das fantasias e da experiência de participar do vídeo. No final da aula, dei a cada uma delas uma foto sua, do ensaio fotográfico que fizeram para a realização do vídeo.

15ª AULA EM 03/07/2009

Atividade nº 15: Havia solicitado na aula anterior que quem tivesse máquina fotográfica poderia trazer, pois faríamos num momento da aula algumas fotos do Parque e de coisas que nos interessassem, para depois em um outro momento pintar na tela.

Poucas alunas trouxeram máquinas, algumas delas tem no seu celular câmeras, que iriam usar para tirar as fotos.

Essa foi a atividade que realizaram em um determinado momento da aula, quando saímos do módulo para a rua, para que as alunas pudessem fotografar livremente.

Disse-lhes que as fotos deverão ir para a Mostra fotográfica de final de ano, junto com a exposição local do Artevila. Pedi que revelassem as fotos inicialmente.

16ª AULA EM 10/07/2009

Atividade nº 16 - Pedi para que escolhessem uma das fotos tiradas e reveladas, e tentassem desenhá-la na folha A3. Deveriam ampliar o modelo, e só então construir o desenho. Este foi o primeiro dos exercícios. Deixei uma tarefa para as férias, que era desenhar e depois riscar na tela uma das fotos tiradas do Parque Alim Pedro, que mais gostou.

Intervalo de Férias de Julho para o Grupo de Pintura com retorno para a aula do dia 07/08/2009.

17ª AULA EM 07/08/2009

Atividade nº 17 - Neste dia, retornamos das férias e, para esta aula, trouxe um DVD sobre Arte, que uma amiga havia gravado da TV Cultura, e me emprestado. Trouxe o computador, cabos, caixas de som extra etc., depois de tudo instalado olhamos o vídeo em um dado momento da aula. O tempo de duração era de trinta minutos apenas, mas foi interessante para o grupo. Todas as alunas gostaram bastante, pois no vídeo tinham muitas imagens de obras e artistas de vários movimentos artísticos. Havia também entrevistas de alguns artistas falando sobre a sua técnica empregada e etc.

Pedi às alunas que fizessem um desenho, inspiradas no DVD assistido, numa folha A3 isso, para quem fosse iniciar um trabalho novo nesta aula após as férias. As demais alunas seguiram com seus trabalhos, onde haviam parado.

Pedi que trouxessem as máquinas fotográficas para o dia 14.

18ª AULA EM 14/08/2009.

Atividade nº 18 - Neste dia de aula, havia solicitado que trouxessem a máquina fotográfica

novamente, pois iríamos fazer um trabalho diferente do habitual, que era inicialmente fotografar no espaço do Parque, qualquer coisa que lhes chamassem a atenção. Deveria ser apenas uma foto;

Num segundo momento, deveriam fotografar algumas pessoas que ali caminhavam ou se exercitavam ou pessoas das imediações do Parque, a fim de retratá-las para vir a criar um personagem virtual e, posteriormente trabalhar com esta imagem retratada no seu computador de casa. Elas estariam experimentando novas formas de ver a arte e com estes exercícios estariam trabalhando com as tecnologias e, com a fotografia como Arte.

A primeira parte então seria fotografar e mandar revelar a foto;

A segunda parte pedi às alunas que passassem a foto para uma pasta em seu computador, pois nela iriam trabalhar esta foto artisticamente;

Passaria todas as instruções necessárias via e-mail, pois a maioria delas já usava com frequência;

Combinei também nesta mesma aula, que faria um acompanhamento pelo MSN, caso houvesse alguma emergência no procedimento em seu computador, durante a semana.

Da mesma forma pelo telefone caso precisassem falar comigo ou até mesmo pelo Skype (relação mais próxima para um contato ou visualizações necessárias das alunas participantes).

As instruções via e-mail foram:

Primeiro teriam que construir no computador (cada uma no seu), dentro do Programa GIMP (programa que deverão baixar), os desenhos da foto passada para o computador (manipulação da foto);

OBS.: Disse as alunas para explorarem o programa para isso dei todas as dicas para o uso do GIMP.

Depois de prontos os desenhos manipulados e explorados no Programa deveriam fotografar esses desenhos e revelá-los também;

Esta primeira parte do trabalho proposto obteve parcial adesão das alunas, visto que houve um grau muito grande de dificuldade de algumas das alunas em: conseguir passar as fotos para o computador;

conseguir baixar o programa indicado;

Algumas não possuíam o MSN e Skype;

Por não compreender a linguagem do computador.

Logo, este ensaio com as fotografias foi parcialmente realizado, mas aberto ao novo, o grupo quer aprender, disseram-me algumas, que não irão desistir. Pedirão ajuda aos filhos e talvez em uma próxima oportunidade elas estarão mais envolvidas e seguras de si para uma proposta

deste tipo.

Algumas delas superaram todos os percursos em que se envolveram.

19ª AULA EM 21/08/2009.

Atividade nº 19 – Para esta aula, em que todas as alunas estariam com a segunda fotografia em mãos, a tarefa era:

No atelier de pintura, as alunas deverão passar o desenho agora, a partir da nova foto revelada, para a tela sob a forma de pintura.

Combinei com as alunas para o próximo encontro no Parque, que faríamos uma exposição. E que nesta Mostra o grupo que participou estará mostrando:

A Fotografia original revelada;

A Fotografia original modificada no Programa GIMP e, transformada em desenho;

A Fotografia da Pintura do desenho transformado;

E a tela com a Pintura do desenho transformado e revelado da Fotografia original;

Ficará livre a opção de criar também um vídeo no final, com as fotos produzidas por elas, que poderá estar ou não na Exposição.

Disse a todas que o objetivo final deste processo todo é chegar na criação do Personagem Virtual/artístico que havíamos mencionado no início deste trabalho.

O que espero alcançar com este desafio proposto ao grupo de alunas, a partir da Fotografia tirada por conta delas é: que o grupo de alunas também possa usufruir das máquinas digitais que possuem, e das novas mídias que estão aí para a aquisição, manutenção dos seus conhecimentos.

Que o grupo de alunas possa refletir sobre estas possibilidades apresentadas, também, como material para suas novas produções artísticas revelando, assim, as várias opções de expressões de cada uma delas.

A Tecnologia está à disposição destas alunas, basta que sejam provocadas, estimuladas e instigadas a explorar, pesquisar, interagir em fim usufruir das mídias disponíveis ao seu alcance.

Através das Tecnologias disponíveis e de fácil acesso, na maioria das vezes, estas alunas (mulheres pintoras do Grupo de Pintura Parque Alim Pedro), também estarão adquirindo conhecimentos nos usos dos seus computadores, a sua auto-estima, prazer em pintar, desenhar e a fotografar de forma artística.

20ª AULA EM 28/08/2012

Atividade nº 20 - Neste dia, fizemos uma pequena Mostra de alguns dos trabalhos que ficaram prontos (no pequeno grupo mesmo, dentro do módulo), onde só nós apreciaríamos os

trabalhos realizados a partir das Fotografias tirada por elas. Foi feita uma breve reflexão sobre o que conseguiram fazer e o que não conseguiram realizar nas suas novas produções artísticas. E os resultados mesmo que diferentes uns dos outros, foram, sem dúvidas, motivadores para estas alunas, que se sentiram instigadas a retomar novamente em outro momento.

Ninguém realizou o vídeo que era opcional, mas foi este trabalho com fotografias que deu origem a um outro trabalho em vídeo que na ocasião eu mesma fiz com a participação das alunas nos Vídeos-Retratos outra leitura, que fiz dos Vídeos-Portáteis do artista Robert Wilson, já mencionados. Neste dia, também conversamos, enquanto elas pintavam. Já havia mencionado sobre um curso de mediação que estava fazendo na Fundação Bial do Mercosul, para trabalhar na 7ª Bienal. E um dia antes desta aula, recebi a notícia que havia sido selecionada para trabalhar na Bienal no período de 04/09/2009 até 29/11/2009.

A professora titular já havia retornado também, coincidentemente, mas nomeei minha colega a nº 5 para me substituir até o final do ano de 2009, por acreditar no trabalho dela. E também para oportunizá-la como Instrutora e, ou Auxiliar da professora titular, exercer com este grupo a sua experiência como tal. Tendo ela habilidade e competência para observar intervir e auxiliar todas as alunas sem maiores dificuldades, pois sua prática e experiência lhes eram aliadas e, por certo com o aval da professora que ali já se encontrava novamente a assumir e a ensinar o seu grupo.

Assim esse encontro foi para olharmos e refletirmos sobre as fotografias trabalhadas, pintar e conversar sobre a minha saída temporária e sobre despedida do grupo de pintura até o final do ano.

4.2 DA POSIÇÃO DO PROBLEMA

A pesquisa enfoca a importância da arte desenvolvida no cotidiano das alunas participantes do grupo de pintura Parque Alim Pedro.

São nossas frequentes ações diárias, no cotidiano ou na vida profissional, que nos levam a refletir sobre nossos atos enquanto cidadãos. Nós que vivemos em sociedade, inseridos num contexto social, onde a Educação Não-Formal é importante e, por isso, como professores qualificados, temos capacidade para ensinar e ao mesmo tempo o dever de nos aperfeiçoarmos constantemente. Buscando sempre um envolvimento maior entre as participantes e a professora para que nossas ações não sejam em vão, e sim, apresentar um sentido para cada uma, com objetivos claros, que é o de educar para a vida.

Inserir conceitos como Ação Social e Cultura pode contribuir para a compreensão dos atos ou ações que constantemente praticamos, seja no cotidiano ou no âmbito profissional.

A ação social, segundo WEBER (1981 p.57 apud LAKATOS), seria “a conduta humana, pública ou não, a que o agente atribui significado subjetivo: acentua a importância de ser a ação social uma espécie de conduta que envolve significado para o próprio agente”.

A ação humana, para WEBER (1981, p.58 apud LAKATOS), é “social à medida que, em função da significação subjetiva que o indivíduo ou os indivíduos que agem lhes atribuem, toma em consideração o comportamento dos outros e é por ele afetada no seu curso”.

Caracterização da Ação Social: para WEBER (1981, p.59 apud LAKATOS), “a ação social, da mesma maneira que toda a ação, pode ser: a) racional, visando aos fins; b) racional, visando aos valores; c) afetiva; d) tradicional”.

A ação afetiva é a que tem relação com esta pesquisa, pois, como disse WEBER (1981, p.60 apud LAKATOS) sobre ela, “a atuação de um indivíduo é afetiva quando satisfaz sua necessidade premente de vingança, prazer, contemplação mística, ou dá vazão, às suas paixões (ignóbeis, ou sublimes). A ação afetiva da mesma maneira que a racional, visando aos valores, não se baseia, para o indivíduo, no resultado, mas na própria ação”.

Concluo que a ação afetiva está relacionada à postura que a professora E. L. do Grupo de Pintura apresenta. Ela pratica uma ação social, voluntária, carregada de emoção e vontade de ensinar para a comunidade local, sem nenhum valor, senão o de sua “própria ação”, como disse WEBER (1981, p. 60 apud LAKATOS). Portanto, faz-se necessário que *ações sociais* como as da professora E.L. do grupo de pintura continuem a acontecer. Mas é importante que aconteçam juntos, a união e parcerias humanas engajadas com objetivos comuns, num projeto como este, e que também possam estar envolvidos, para que as coisas aconteçam de fato.

Sobre o conceito de Cultura, pensadores nos trazem alguns entendimentos que esclarecem o nosso pensamento sobre o seu significado em termos sociológicos.

O conceito de Cultura, segundo TYLOR (1871, p. 122 apud LAKATOS, 1981), é “o conjunto complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Para alguns pensadores, como é o caso aqui, o conceito de Cultura é somente algo como comportamento humano aprendido.

Em Felix, Cultura é a “Totalidade de comportamento aprendido e transmitido

socialmente” FELIX M. KEESING (1981, p. 123 apud LAKATOS).

“Toda a cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros”. (CLAUDE LÉVI-STRAUSS, 1950, p. XIX).

Uma outra visão mais recente sobre Cultura é a que nos traz COLI (1995 p. 8), onde ele diz:

“A palavra Cultura é empregada não no sentido de um aprimoramento individual do espírito, mas do conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade”.

Estas visões sobre Cultura, acredito, são pertinentes ao estudo sobre as práticas sociais que exercemos com esta comunidade. A Cultura e os comportamentos humanos fazem parte, positivamente, do nosso cotidiano nesta sociedade organizada.

Ao longo da pesquisa, irão surgir novos conceitos, que defino com embasamento para dar consistência aos fatos narrados.

Para entender a manifestação individual ou a ação social que levou a professora a criar este grupo de pintura, neste lugar, é preciso compreender um pouco sobre o que ela pensa sobre esse seu trabalho voluntário, a formação deste grupo, as relações cotidianas do grupo com o ambiente do Parque e com essa comunidade local, e o seu relacionamento com a pintura. São as palavras da professora que mostrarei neste espaço, e que foi transcrita da entrevista realizada em setembro deste ano em sua residência e que irão colaborar para o entendimento sobre a sua (ação social) conduta frente ao seu projeto pessoal.

“A ideia que eu tinha era a de reunir pessoas, formar um grupo de convivência. Houve ali uma afirmação, do que a Arte faz, do que a Arte é capaz. Ali eu nunca quis conduzir, eu sempre quis que elas se descobrissem, se encontrassem, porque nesse período da vida da mulher é muito importante, porque ela só se dedicou a outros ao marido, aos filhos e ao lar, ela sempre ficou em segundo plano, ela nunca foi a razão daquilo, ela que fazia a razão, movia a razão de todo o grupo, ela não tinha um espaço para si, ela educava, ela inventava. As que foram só donas de casa, elas só se doaram. E ali, no grupo de pintura, elas encontraram um espaço só delas. Ao meu ver, isso é muito importante. Por eu gostar de arte, mas o trabalho não me permitia, me afastou da Pintura, e aí quando me aposentei, pensei, vou retornar à Pintura. E fiz parte de alguns grupos de pinturas, buscando o recomeço e mais conhecimento. O fato de eu desenhar com certa facilidade, isso sempre me favoreceu muito e jovem, quer dizer que no Colégio, na infância eu já chamava a atenção, mais pelas minhas idéias e, o desenho geométrico sempre me atraiu. Sempre tive uma certa facilidade, “talvez era o encontro das regras”. A Arte, ela mobiliza. E ela molda um pouco o ser humano, ela aguçava essa emoção do belo e também não belo, há uma sensibilidade. A Música, a Dança, o Teatro e as Artes Plásticas, elas provocam isso”.

Na visão de alguns pensadores, poderíamos pensar juntos para compreendermos essa sua vontade. Segundo TÖNNIES (1887, apud LAKATOS, 1981), em *Comunidades e Sociedades*,

[...] influenciado pelas correntes psicológicas em voga na época, a sua concepção de relações sociais é de que são criações da **vontade do homem**, reconhecendo a existência de dois tipos de vontade: a essencial ou orgânica e a arbitrária ou reflexiva. A vontade essencial compreende a tendência básica, instintiva e orgânica, que dirige a atividade humana; a vontade arbitrária é a forma deliberada, voluntária, que determina a atividade humana em relação ao futuro. A *vontade essencial* apresenta três formas, correspondendo a diferentes níveis de atividades:

Desejo, que aparece no plano de atividades vegetativa interior do organismo;

Hábito, relação do organismo com o mundo exterior, no plano de atividade “animal”;

Memória, capacidade de reproduzir atos próprios para atingir fins específicos, ao nível das atividades mentais. Para TÖNNIES (1887), os dois últimos constituem fundamento da moralidade, pois são adquiridos através da aprendizagem social. O caráter moral particular de cada indivíduo advém da disposição entre as três formas de vontade essencial.

A *vontade arbitrária* apresenta-se também sob três formas:

A reflexão, julgamento da intenção ou da finalidade;

Conveniência, justificação da finalidade;

Conceito, significado geral e racional dos objetos ou dos fins.

As duas vontades são opostas por natureza e essa oposição aparece nas atividades individuais e nos indivíduos, nos grupos e nas categorias sociais. Dão origem a dois tipos de relações sociais entre os seres humanos; de acordo com a predominância de um ou de outro, têm-se dois tipos fundamentais de agrupamentos: comunidade e sociedade ou associação.

As comunidades (ou grupos sociais comunitários) ou são compostas por indivíduos unidos por laços naturais (comunidade de sangue: família, parentesco, tribo, clã etc.), ou são espontâneas (comunidades de lugar: vizinhança; comunidade de espírito: baseada na amizade, na unidade de espírito e de sentimentos), ou são compostas por objetivos comuns, que transcendem os interesses particulares de cada pessoa. Os integrantes estão ligados por simpatias e afinidades, e o sentimento de pertencer ao grupo domina o pensamento e as ações das pessoas, assegurando a união do grupo e a cooperação de cada membro.

As sociedades (ou complexos associativos) são grupos baseados na vontade livre das pessoas que os integram, ou que formam uma associação deliberada para a consecução de determinados fins (políticos, econômicos etc.). Os membros pertencem à associação, em virtude de uma decisão voluntária, por estarem de acordo com seus fins; os contatos entre os indivíduos estabelecem-se na base dos interesses individuais, consistindo em relações de competição, de concorrência ou com um cunho de indiferença”.

Com esses dois conceitos iniciais de comunidades e sociedades, buscarei esclarecer, junto ao leitor, as bases de formação desse ou de quaisquer outros grupos que constituem uma sociedade comum, existentes nos nossos cotidianos.

Neste espaço público do Parque, no qual o grupo de pintura Parque Alim Pedro

desfruta do direito assegurado de ir e vir enquanto cidadão e enquanto grupo de pintura (núcleo base) existente ali, e, para a participação nele são feitas listas de chamada para a inclusão, sempre no início de cada ano, por uma ordem de inscrição. A entrada das novas participantes no grupo acontece sempre da mesma forma, ou seja, é a coordenação do local que entra em contato com as pessoas que estão na lista, e, a cada ano, entram duas ou, no máximo, três participantes novas.

O intuito da atividade artística neste espaço é propiciar às participantes e às alunas novas que todos os anos entram, uma forma de aprendizagem não-formal ou informal (com um propósito de *lazer* para estas alunas participantes), a partir dos ensinamentos de pintura e desenho da professora, e das aspirações destas alunas. Trata-se agora em analisar os conceitos que trazem os pensadores abaixo sobre a significação de **lazer** e no que eles se relacionam com esta prática educativa não-formal.

Para o sociólogo francês DUMAZEDIER (1983, apud LIMA, 2007, p.2), a palavra **lazer** é

“um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”;

Para OLEIAS (2003, apud LIMA, 2007, p.3),

“a definição de **lazer**, em sua forma ideal seria um instrumento de promoção social, servindo para auxiliar nos rompimentos da alienação do trabalho, apresentando-se politicamente como um mecanismo inovador aos trabalhadores na medida em que estabelece novas perspectivas de relacionamento social; promover a integração do ser humano livremente no seu contexto social, onde este meio serviria para o desenvolvimento de sua capacidade crítica, criativa e transformadora e proporcionar condições de bem-estar físico e mental do ser humano”.

A palavra *lazer* deriva do latim *licere*, ou seja, “*ser lícito*”, “*ser permitido*”. Pode-se definir **lazer** como ócio, entretenimento, desenvolvimento de alguma prática lúdico prazerosa, tempo livre para dedicar-se, por exemplo, a uma atividade que se goste de fazer, como a pintura em tela.

Assim, por não ter um conceito apenas, a palavra *lazer*, devido suas classificações e definições, pode-se justificar nesta pesquisa, a *pintura*, no grupo, como sendo uma forma de *lazer* para estas alunas participantes.

A pintura é uma atividade considerada por elas *lazer* pelo que proporciona, o prazer em si mesmo e a convivência entre as colegas e com a arte ensinada naquele espaço.

4.3 CONCEPÇÕES DE ARTE

Neste momento da pesquisa, é importante trazer uma definição da origem da palavra arte. A palavra **arte** vem do latim – *ars, artis* – raiz que originou as palavras artifício, artefato e artesão. A palavra artifício, do latim *artificiu*, vem a ser os meios de que nos servimos para obter um artefato, produto de arte. E a palavra artefato vem do latim *arte+factu*, e seu significado é qualquer objeto produzido pelas artes mecânicas. Segundo TRINDADE (2002, p. 7), a arte “com o tempo passou a distinguir o fazer com arte, do fazer técnico, passando a ter uma qualidade estética, uma produção com função essencialmente contemplativa, percebida sensorialmente, diferenciando-se do objeto puramente utilitário”.

Muitas são as concepções de arte. Para TRINDADE (2002, p. 10):

“Embora a arte, por vários séculos, estivesse ligada à idéia de necessidade, comunicação, espiritualidade ou trabalho, representada nas pinturas rupestres, nos templos, pirâmides, iluminuras, etc, não era esta a utilidade que a fazia arte na sua essência é sim o que justamente não era necessidade”.

A autora destaca a fala de COLI (1981), que diz: “Se arte é associada a um objeto útil, ela é, nele, o supérfluo. A arte não é um elemento útil, mas um elemento da vida (apud TRINDADE, 2002)”. Segundo COLI (1987), qualquer pessoa, pelo mínimo de cultura que possua, sabe exemplificar obras de arte COLI (apud TRINDADE, p.8).

“Buscamos a arte pelo prazer que ela nos causa” afirma COLI (1995, ps. 08 e 112), que também nos diz:

“todos sabemos que a Mona Lisa, que a Nona Sinfonia de Beethoven, a Divina Comédia, que Guernica de Picasso ou o Davi de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo arte”.

Uma outra visão interessante dos aspectos sobre um possível conceito de arte, que a artista plástica OSTROWER (1983) traz em seu livro “Universos da Arte”, diz:

“Em nossa sociedade, a posição diante do fenômeno artístico é, no mínimo, ambivalente, quando não bastante contraditória. Por um lado reconhece-se a obra de arte, produto do fazer artístico, como algo valioso em termos financeiros; por outro, o fazer artístico em si é considerado inútil, mera diversão, lazer, terapia talvez, mas nunca trabalho, no sentido de uma produtividade responsável e engajada e, menos ainda, no sentido da realização de uma necessidade social”.

O que a artista nos traz sobre o que pensa a sociedade a respeito do fenômeno artístico é, de fato, uma constatação importante da realidade. A sociedade como um todo deixa de valorizar pequenas iniciativas de fundamental importância para as comunidades. Por exemplo, valorizar projetos sociais voluntários, o esporte e o lazer, entre outras, não menos importantes, como um modo de formação, e, principalmente, de desenvolvimento do

indivíduo como um todo, em detrimento de só valer o que se ensina nas escolas formais, o que não me parece de toda uma verdade absoluta. Basta que haja interesse de alguém em realizar algo neste sentido e parcerias afins, que as coisas acontecem ou podem vir a acontecer. O que a sociedade como um todo muitas vezes não percebe é que tudo está interligado, tudo pode ter conexões positivas e realizáveis de forma a produzir um indivíduo melhor para esta mesma sociedade. A partir deste ponto de vista, vemos que existe, sim, uma necessidade social nas comunidades em geral, de que surjam grupos com interesses comuns em arte, por exemplo, (entre tantos outros), como o de pintura do Parque Alim Pedro que se realiza no seu fazer artístico, por lazer e puro prazer sem ser de maneira alguma inútil.

Cabe dizer que a Secretaria Municipal da Cultura é ou deveria ser a responsável por todos os Projetos Culturais ou quaisquer iniciativas culturais da cidade.

Criar Projetos de Atividades Culturais, em quaisquer áreas das Artes às comunidades em geral, são necessários uma vez que estas iniciativas trazem benefícios às pessoas como auto-estima, redução de crianças e adolescentes nas ruas, qualidade de vida para os idosos, adultos aposentados e donas de casa. Que podem ter como lazer e até mesmo como um exercício para o desenvolvimento mental e motor, e por ser um direito do cidadão experimentar e vivenciar estes benefícios, caso desejem ou precisem.

Em CANCLINI (1984, apud MARTINS, 1998, p. 16), “a Arte então, deixa de ser concebida apenas como um campo diferenciado de atividade social e passa a ser, também, um modo de praticar a Cultura”.

4.4 CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO-FORMAL

Apresento conceitos de educação, educação como mediação, educação formal, não-formal e informal, pintura e desenho para a compreensão deste espaço onde se produz arte de forma lúdico-prazerosa.

Segundo BARBOSA, “o ensino ou educação é um processo de auto-regulação dialógica com o meio circulante”, o que levou FREIRE a afirmar:

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmos. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (1970, apud BARBOSA, 1984). Continua a autora dizendo que “no século XX, o conceito de educação como ensino passa a ser minimizado para dar lugar a idéia sócio-construtivista, que atribui ao professor o papel de mediar as relações dos aprendizes com o mundo que devem conquistar pela cognição” (1984, p. 159).

Neste caso, educação como mediação, em que a autora faz referência, é a Educação Não-Formal, numa Não-Instituição (Museu). Acredito, porém, que possa se incluir neste mesmo contexto de Educação Não-Formal outros espaços comunitários alternativos da cidade como o do Parque, por exemplo, porque um professor sempre está, de fato, fazendo mediação entre o aprendiz e o mundo, o aprendiz e a arte, o aprendiz e as pessoas, etc, confirmando o que pensam estes estudiosos.

Esclareço os conceitos de educação formal e não-formal, que se fazem necessários nesta pesquisa segundo dois autores importantes, para identificar as suas localizações. Segundo JACOBUCCI (2008, apud PIONER, 2009), “Espaço Formal de Educação é o espaço escolar, definidas na Lei 9394/96 no código de Diretrizes e Bases do Currículo Nacional. O Espaço Não-Formal é qualquer espaço diferente da escola, museus, por exemplo, onde ocorrem ações educativas”.

Diferente da escola formal, na não-formal é possível desenvolver atividades educativas comunitárias e estimular o gosto pela arte de forma flexível e responsável. É sabido que muitos dos educadores que exercem a sua docência, ou de pessoas da comunidade que exercem uma função pedagógica a partir de suas experiências, nestes espaços *não-formais e informais*, trazem nas suas bagagens um exercício adquirido, muitas vezes, pelas iniciativas públicas, como nos cursos de extensão em Universidades e em outros cursos com este mesmo tipo de proposta, destinados a pessoas comuns das comunidades. O objetivo é melhorar as condições de aprendizagem de pessoas menos favorecidas e também a convivência entre as pessoas que vivem nestas comunidades, e que vêm nestas iniciativas de **lazer** e entretenimento a melhora da qualidade de vida e da auto-estima das pessoas no seu entorno.

Dentro desta categoria de Não-Instituição, podem ser incluídos o Museu, o Teatro, o **Parque**, a Casa, a Rua, a Praça, um Terreno, o Cinema, uma Caverna ou uma Praia, ou seja, este espaço é um ambiente natural ou urbano que não dispõe de estruturação institucional-formalizada.

Segundo (GOHN, 2006),

“A Educação Não-Formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadão; a capacidade dos indivíduos para o trabalho por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos de a se organizarem com objetivos comunitários, voltado para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem os indivíduos fazerem uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. O termo Não-Formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de *informal*. Seus campos de desenvolvimento são: formal na escola com conteúdo previamente demarcado; a Informal como aquelas que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização na família, bairro, clube, amigos etc., carregado de valores culturais próprias de pertencimento e sentimentos herdados; a Educação Não-Formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de *compartilhamento de experiências*, principalmente em espaços e *ações coletivas* cotidianas”.

A necessidade de trazer ao conhecimento questões de Educação Não-formal e Informal se faz pertinente neste contexto, onde me proponho a esclarecer e relacionar estes conceitos e *olhares diferentes* sobre esses termos à minha pesquisa. Logo, pretendo dar continuidade ao ponto de vista de GOHN (2006), que ressalta que:

“para a Educação Formal estão habilitados para educar, os professores; na Educação Não-Formal o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos; na Educação Informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc.” (GOHN, 2006).

Para se especificar estes espaços, melhor destacá-los desta forma segundo a autora: “na Educação Formal os territórios das escolas são instituições regulamentadas”; “Na Não-Formal os espaços educativos localizam-se em territórios informais, onde há processos interativos e intencionais”; “Na Educação Informal tem seus espaços demarcados por referências de nacionalidades, escolaridade, idade, sexo, religião e etnia etc”.

Mas é justamente neste “Campo de Pedagogia Social”, termo usado (GOHN, 2006), que simboliza esse *lugar/espço*, esse *território* do Parque Alim Pedro, onde se realizam atividades de pintura num coletivo de senhoras e onde se tem a preocupação de ensinar de forma prazerosa, de maneira que os processos de construção destas aprendizagens e, ou saberes, passe por uma transformação social para esse grupo de alunas.

Pensando em transformação social a partir da arte e em educação não-formal, vale destacar que o ensino das Escolinhas de Arte no Brasil⁶ continua sendo importante como referências para a Arte-Educação hoje.

Segundo BARBOSA (1984), o ensino de Arte no Brasil começa na segunda

⁶ www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=3757

metade do século XIX, mas a grande mudança metodológica ocorreu no ensino de Artes no ano de 1922, quando a Semana de Arte Moderna aconteceu no Brasil. Com este movimento, o interesse pelas teorias expressionistas e também pelos escritos de Freud levou a uma valorização da arte infantil, das idéias de livre-expressão tão bem introduzidas por artistas modernistas como Anita Malfatti e Mario de Andrade. Suas idéias de que a Arte na educação deveria ser expressa, e não ensinada, tinham como objetivo que as crianças tivessem uma livre expressão. Porém foi só nos anos 30 que os ideais de livre-expressão entraram no ensino público, escola formal, em função de uma reforma educacional no País.

Trazer um pouco da história das Escolinhas de Arte no Brasil como representação de um ensino não-formal deve, nesse levantamento, servir de certa forma como argumentação para a existência deste espaço de pintura de que trata minha pesquisa e de futuros espaços de arte e educação que continuarão a surgir provavelmente. Conforme AUGUSTO RODRIGUES (1980), foi em oito de julho de 1948 que surgiu a primeira experiência viva de uma Escolinha de Arte funcionando. Essa experiência era fruto das inquietações de um grupo de artistas e educadores liderados por Rodrigues que se propuseram a constituí-la. Era a chamada escola aberta, que oportunizava a realização da criação e expressão, um lugar onde as crianças ficassem e fossem felizes. Augusto Rodrigues convidou sua colega e também artista Margaret Spencer para uma conversa com o diretor da Biblioteca Castro Alves, para pedir permissão para usar como espaço de aula a sala de entrada da Biblioteca, que era, na verdade, um jardim circundando uma área coberta e com banheiros que serviam para o uso da Biblioteca, para fazer uma experiência com crianças. Aceito o pedido pelo diretor, Augusto Rodrigues e Margaret Spencer compraram o material necessário, como tinta, lápis, papel e iniciaram a primeira experiência de muitas outras que vieram depois, e com sucesso que repercute até nossos dias.

Criada a Escolinha de Arte no Brasil no Rio de Janeiro naquele ano por Augusto Rodrigues, que foi um desenhista e um educador. O modelo criado desdobrou-se depois em novas entidades aqui no Brasil e também no exterior, como foi o caso de Porto Alegre, em 1949, no Recife, em 1953; em Assunção, 1960 e em Buenos Aires, em 1963.

Herbert Read, crítico de arte, autor de vários livros como: a *“Educação através da Arte”*, *“O Sentido da Arte Moderna”*, e *“Arte Contemporânea”*, em uma entrevista ao jornal *Última Hora*, do dia vinte e seis de dezembro de 1953, e por ter visitado a Escolinha de Arte instalada na Biblioteca Castro Alves, ao assistir a uma aula das crianças, disse: “o ambiente é alegre”. Apreciou também “os desenhos e gravuras dos cursos para adultos,

manifestando a sua satisfação em encontrar na orientação, dos adultos e das crianças, perspectivas para um melhor desenvolvimento das atividades artísticas no Brasil (AUGUSTO RODRIGUES, 1980)”. Segundo BARBOSA (1984, p. 14), por volta do ano de 1958, o Governo Federal permitiu o ensino de arte nas escolas primárias e secundárias, por meio de classes experimentais. E que convênios fossem estabelecidos com instituições privadas para treinar professores. Mas somente em 1971, com a Lei 5692, que a disciplina de arte tornou-se obrigatória nas escolas de 1º grau e em alguns cursos de 2º grau. Só em 1973 foram criados pelo Governo Federal cursos universitários para formação dos arte-educadores, com formação para as Licenciaturas. No ano de 1973, as Escolinhas de Arte e os Cursos Técnicos de Artes & Ofícios (em nossa Capital Porto Alegre alguns dos Cursos Técnicos Regulares Profissionalizantes existentes na época foram: Parobé, Ernesto Dornelles, Pão dos Pobres, Santo Inácio, Farrapos, Duque de Caxias, Protásio Alves, Escola Nacional de Desenho, entre outros) existentes pelo País eram as que preparavam professores de artes, mas eram as Escolinhas de Arte que serviam de consultores de arte-educação para o sistema escolar público. Segundo BARBOSA, “Foram as Escolinhas de Artes que até 1973 faziam os treinamentos com os professores de artes” (1980, p. 110).

Segundo BRITTO (2008, p.79), estágios de professores também eram promovidos pelas Escolinhas. Os cursos de aperfeiçoamentos eram ministrados por professores arte-educadores de outros países como a Argentina, França e também Inglaterra para que os nossos arte-educadores fossem estimulados por experiências novas. Foram variados cursos e firmados convênios entre a EAB (Escolinhas de Arte no Brasil), e parcerias como MEC, PUC, APAE entre outros, nesta época (1974). No ano seguinte, houve muitas participações em Seminários e Conferências Nacionais e Internacionais da EAB. Cito a participação de Augusto Rodrigues, em especial, em uma Conferência realizada aqui no Estado do Rio Grande do Sul/1975, que teve como temática a “Criatividade e a Descoberta da Dimensão Humana”, no II Seminário de Lazer e Recreação, realizado na Universidade Federal do Rio G. Do Sul - UFRGS.

Pesquisando sobre algo que me esclarecesse esta temática “Criatividade e a Descoberta da Dimensão Humana”, encontrei um texto sobre a Formação de Professores: a dimensão lúdica, de MENDONÇA (2008). Segundo esse autor, “Desenvolvimento do lúdico no aprendizado dos alunos” era o tema desenvolvido pelos professores, mas neste caso, eram os professores que estavam sendo trabalhados no sentido de vivenciar a ludicidade, para só depois desenvolver com seus alunos. E constatou-se, no final, que este trabalho realizado com

os professores de fato modificou o seu olhar e a sua maneira de agir. Primeiro, o olhar sobre si mesmo e depois nas suas atividades práticas *lúdicas* para os alunos.

Na busca constante de fazer sentido o que se ensina e se aprende, e trazendo à pesquisa essas vivências, a que nos remete ao texto de MENDONÇA (2008), sobre o lúdico na aprendizagem, é que relaciono ao Grupo de Pintura Parque Alim Pedro, para dizer que neste sentido de vivência de ludicidade na pintura, é que o grupo de alunas experiencia coletivamente momentos de alegrias, do prazer em pintar, e dos momentos de solidariedade no sentido de ajuda mútua.

Voltando às histórias sobre as Escolinhas de Arte no Brasil, segundo BRITTO (2008, p. 86, 88 e 89), seguiram-se com as formações de professores pelos anos de 1975 e 1976. Em 1977, que foi instalada dentro do Campus da Universidade do Estado do RJ, o I Encontro Latino-Americano de “Educação Através da Arte” inspirado na *vontade* de Augusto Rodrigues, tendo como temática deste Seminário “Arte-Educação e Comunidade”. O evento trouxe vários representantes de outros países como o México e Honduras, por exemplo, além de outros, com participação de mais de 1600 pessoas – entre professores, estudantes e artistas – e que tinham como meta repensar a relação do Ensino da Arte com o quadro de realidade Latino-Americana existente.

Um dos objetivos deste grande Seminário de Arte foi a criação da InSEA ⁷ REGIONAL aqui no Brasil. Foi criada, para tal, uma comissão de representação nas figuras da Prof^a. Zoé Chagas Freitas, como Presidente; os Professores Victor Reyes e Ramon Araújo, o primeiro do México e na função de Vice-Presidente e o segundo da Argentina e na função de Secretário. Em 1977, a idéia era conseguir uma sede própria para a EAB. Com muito empenho e as devidas parcerias, apoios, colaboradores e convênios foi possível realizar este sonho, que visava ao Ensino da Arte. O texto abaixo esclarece a importância da existência, e a função da InSEA sobre o Ensino da Arte no Brasil, através da história das Escolinhas de Arte, e consta nesta pesquisa o site, que se encontra nas referências para a devida confirmação.

“Sociedade Internacional de Educação Através da Arte, que é uma organização não-governamental da Organização Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações (UNESCO), fundada após a segunda Guerra Mundial.

Na 1ª e na 2ª conferência da UNESCO, realizadas em 1946 e 1947, as resoluções foram adotadas para *investigar a educação artística*, e em 1948, o Dr. Herbert Read, foi nomeado como Presidente de um “Comitê de Peritos” para *olhar para esta matéria*. Em 1951, um Seminário chamado “As Artes Visuais em Geral e Educação” foi o 1º Congresso de Artes Visuais com participantes de 20 países. A Constituição

⁷ <http://www.insea.org/>

InSEA, foi formalmente adotada em Paris em julho de 1954 com Edwin Ziegfeld como o primeiro Presidente. *Com as mudanças para refletir os tempos e as idéias, continuam a servir como fundação, da missão contemporânea da InSEA de:*

Educação Através da Arte é meio natural de aprendizagem em todos os períodos do desenvolvimento do indivíduo, promovendo valores e disciplinas essenciais para o pleno desenvolvimento, intelectual, emocional e social dos seres humanos em uma comunidade;

InSEA hoje conseguiu estabelecer uma comunidade internacional dedicada à criação de redes de advocacia, e o avanço da pesquisa em Arte-Educação através do Site, Facebook e Skype, bem como dos congressos regionais e internacionais e das publicações em revistas. São redes on-line e face-a-face, virtuais e locais”.

Com sede instalada, em definitivo, no Rio de Janeiro, especificamente no bairro Botafogo, porém em espaço cedido em regime de comodato pelo governo daquele Estado, a Escolinha de Arte recebe crianças, adolescentes e também adultos, todos em busca dos Cursos de Artes. Nesta sede, na primeira Assembléia importante *foi eleita a nova presidente da EAB, a Sra. Noêmia de Araújo Varela*, figura importante dentro da Educação.

Trazer uma síntese sobre Noêmia Araújo Varela, pessoa digna de admiração pelo seu trabalho frente ao desafio que é educar, mas também por sua importância para a Arte-Educação, e que não se pode deixar de comentar.

Assisti em um vídeo de 2007, onde Noêmia Varela concedeu um depoimento sobre o poder da arte sobre o ser humano e as suas relações com o ensino de Arte-Educação. É possível assistir a íntegra deste vídeo que está acessível no site Youtube e citado nas referências desta pesquisa.⁸

No vídeo, Noêmia Varela, com 90 anos de idade, nos dá uma aula de cidadania, de responsabilidade e luta. Nada era simples, tão pouco fácil, de fato ela revela uma luta incansável. Sempre seguindo sua intuição, buscando aprimoramento, adquirindo conhecimento, buscando fora do País enfrentamentos para afirmar a sua convicção de que a arte “é fundamental à vida”. Diz ela: “viver é um existir onde a arte dinamiza a mente e o corpo do homem e o faz extrapolar do cotidiano as novas realidades”.

Noêmia Varela fala, em depoimento, de importantes pessoas que lhe ajudaram a enfrentar com sabedoria e paixão todas as suas experiências com educação, quando veio de Recife para o Rio de Janeiro, onde ficou por muitos anos. Entre estas pessoas, estavam o próprio Augusto Rodrigues, Cecília Conde, Aloísio Magalhães, Lula Cardoso Aras, sua ex-

⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=Fk1Cx06ILKM>

aluna Ana Mae Barbosa, a quem muito admirou, entre outros. Noêmia Varela comenta sobre o importante Observatório Brasileiro de Música, onde ela descobriu que havia relações naturais entre as linguagens (dança, música etc.), e que todas as formas de expressão eram criadoras do homem e por isso era importante levar para a educação, como possibilidade de inovações do processo de aprendizagem no ensino. O Observatório foi uma *tendência*, um *caminho*, disse, em depoimento. Conheceu e conviveu muito com Nise da Silveira, a quem admirava muito pela:

“doação de sua vida a trabalhar com a loucura e assim mesmo ter a esperança de encontrar na mente de seus pacientes com deficiência mental *brechas*, que através da arte lhes davam a oportunidade de ser, de se ajustarem e se adaptarem ao rigor de uma vida que não queriam ter, no cotidiano. Nise da Silveira a arte lhes davam um outro cotidiano”. NOÊMIA VARELA (2007).

Apoiada pela FUNARTE após toda a crise vivida em 1976, a Escolinha de Arte segue em frente nas suas realizações de projetos novos e implantações de funcionamentos destes projetos (MUDES/EAB; NUCLEARTE), promovendo manutenções e parcerias (CAAJ) em diferentes locais, como Salvador/Bahia, por exemplo. Objetivando a um desenvolvimento integral destes alunos e de integrantes das comunidades do entorno, que se beneficiam e usufruem os espaços.

Em 1978, muitos cursos foram realizados, entre eles o de Arte na Educação, introdução básica de experiências criadoras; Experiências Criativas, no campo da arte, educação e artesanato; Desenho; Pintura; Música; Teatro e Dança; Criatividade e Expressão Corporal; Cinema e Fotografia, entre outros. Ao final de todos estes cursos ministrados foram realizados levantamentos, pesquisas das experiências em comunidades e de suas integrações nos processos educativos. Para surpresa, é deflagrada ao final daquele ano uma nova crise financeira, agora a pior de todas.

Com diretoria nova de 1979 até 1982, cuja presidente era a Sra. Cordélia de Moraes Vital, novos segmentos iam surgindo para solucionar determinados problemas financeiros. Nos anos seguintes, eventos são patrocinados para ajudar, como o da “Feira de Israel”, por Zoé C. Freitas; apoios importantes como os do MEC e FUNARTE, nos programas de Bolsas de Estudos. Foram distribuídos livros, cujo título era “Escolinhas de Arte no Brasil”, a todas as escolinhas existentes no Brasil, assim como para as Escolas Públicas e também para as Bibliotecas das Universidades que mantém Cursos de Educação Artística. Estes livros distribuídos foram patrocinados pelo Ministério da Educação e Cultura e pelo INEP, e desenvolvidos pela coordenadora executiva, Sra. Maria Lúcia Freire, e pelo então coordenador geral deste Projeto (resultado de uma pesquisa sua) Prof^o. Augusto Rodrigues.

Em 1981 foram feitas análises importantes das necessidades atuais: condições físicas e estruturais do lugar (sede da Escolinha) e da necessidade de recursos humanos necessários para os devidos funcionamentos. Analisadas e solicitadas pela professora Noêmia Varela ao Profº. Augusto Rodrigues, este pediu que enviasse carta urgente, dirigida ao Sr. Ibany da Cunha Ribeiro, solicitando ajuda.

Numa das Assembléias, a do dia três de setembro de 1981, algumas pessoas foram homenageadas (prática comum nas Assembléias) pela presidente Cordélia de Moraes Vital, entre elas a Sra. *Dra. Nise da Silveira*.

Segundo a jornalista (IGNÁCIO, da Coleção Guias da Psicanálise Vol. 1 – JUNG, na qual citarei parte de um Artigo em Perfil, seu sobre: “A Revolução Psicanalítica de Jung”, onde ela menciona Nise da Silveira

“Nascida em Maceió foi uma das principais figuras da psiquiatria brasileira, foi influenciada intensamente pelo pensamento de Jung, que a inspirou no desenvolvimento de métodos mais humanistas de compreensão e tratamento dos pacientes portadores de esquizofrenia. Ela revolucionou a Psicoterapia ao se recusar a aplicar métodos como banhos frios, e eletrochoques nos pacientes, *e incluiu a criação artística na Psicoterapia*. Ao perceber que muitos pacientes desenhavam e pintavam símbolos, mandalas e figuras circulares muito parecidas, iniciou uma troca de correspondência com Jung para informá-lo e discutir as suas respectivas representações, que coincidiam com as teorias dos arquétipos e do inconsciente coletivo. Jung a convenceu a expor as imagens produzidas por seus pacientes, com observações que tarde tornaram-se livro e filme intitulados: “Imagens do Inconsciente”.

Nise Silveira foi homenageada em 1981 por Cordélia Vidal, presidente da EAB, pelo seu louvável trabalho de Terapia Através da Arte no Centro Psiquiátrico Nacional do Hospital Pedro II, onde ela criou ateliês de Pintura e Modelagem com a intenção de possibilitar aos doentes reatar os seus vínculos com a realidade através da expressão simbólica e da criatividade. Além disso, foi homenageada também por ter fundado o Museu da Imagem do Inconsciente, que era um Centro de Estudos e Pesquisas destinado à preservação dos trabalhos produzidos nos ateliês. *O Centro valorizou esses trabalhos como documentos que abririam novas possibilidades futuras para a compreensão mais profunda do universo interior do paciente esquizofrênico*. O Museu fica localizado no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Citei esta homenagem, em especial, para saudar Nise da Silveira.

Em Porto Alegre, Nise Silveira também deixou um legado a continuar, pois foi na década de 1990 que ela fundou o “Núcleo de Atividades Expressivas Nise Silveira” no Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). Eram oficinas de criatividade (pintura, desenho, modelagens e bordados), disponibilizadas aos pacientes “moradores internos” do hospital São

Pedro.

As atividades artísticas realizadas pelos internos e o processo criativo de cada um são carregados de um valor estético imenso para a História da Arte e para a História da Psiquiatria. Representaram uma ferramenta de tratamento emocional daqueles pacientes, indivíduos sensíveis e, muitas vezes, solitários. O legado histórico que Nise Silveira nos deixou serviu de exemplo para todos e em várias áreas do conhecimento *e suas ações de um trabalho educacional* foram muito importantes para a sociedade.

Descrevi de forma narrativa um pouco do trabalho semeado por essa que foi, sem dúvida, um belo exemplo de cidadã.⁹

Segundo (BRITTO, 2008, p. 97), a Sra. Cordélia de Moraes Vital “*exerceu o cargo de Presidente da Escolinha de Arte do Brasil por trinta anos, desde a primeira Assembléia Geral Extraordinária de 18 de Janeiro de 1952*”. Sua última Assembléia como presidente foi em 1982, devido ao seu afastamento por motivos de saúde. Quem a substituiu foi Dr. Alfredo Nader, que ficou na presidência até 1985. Nader atravessou por um período de limitações orçamentárias, dependendo de seus próprios recursos e da ajuda de indicados do Profº Augusto Rodrigues (voluntários colaboradores), como o Sr. Pedro Matoso, assessor da Presidência da República (João Figueiredo) em 1983. Assim, ao longo daquele ano, os convênios foram reafirmados entre a FUNARTE e a AEB, e todos os cursos (Desenho, Pintura e CIAE) foram realizados de março a dezembro. Em 1984, o Dr. Alfredo Nader quitou todas as dívidas da gestão anterior, ficando a Escolinha de Arte sem qualquer débito, e recebeu apoios da Faber Castell, Johann Faber e das Tintas Hering.

Neste mesmo ano, ocorreu o XXV Congresso Mundial da InSEA, no Teatro Odilo Costa Filho da UERJ, em que Augusto Rodrigues foi Presidente de honra ao lado da Sra. Zoé Chagas Freitas, oficialmente Presidente deste Congresso. O evento foi organizado pela Sobreart e a Escolinha de Arte do Brasil, e sediado na cidade do Rio de 22 a 27 de julho daquele ano, com presenças de palestrantes, convidados e docentes da Educação. Eventos, apresentações de experiências artísticas, experiências comunitárias, oficinas, workshops, cursos para os professores, entre outras coisas, aconteceram neste importante Congresso Mundial da InSEA. A programação do convênio com o Conselho de Desenvolvimento Social (CDS), para o financiamento dos cursos da EAB, os cursos CAAC e CAAJ e os estágios com o patrocínio do INEP ou da SEE para (professores dos Estados, estudantes de Arte e demais

⁹ <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/sp.swf>

interessados na área de Arte), tudo ocorreu dentro de uma projeção nos anos de 1985. Foi neste ano ainda que Augusto Rodrigues deixou o cargo de Diretor Técnico da Escolinha de Arte do Brasil, após 30 anos de dedicação e empenho. A Prof^a Lucy Varela foi sua sucessora e João Ruy Medeiros eleito Presidente de 1985 a 1987. Em Assembléias semestrais eram firmados e programados todos esses interesses e os seus patrocínios. No ano seguinte foi dada continuidade ao que vinha sendo realizado, graças ao convênio firmado com o Conselho de Desenvolvimento Social. Dentro da programação para 1987 estava o 40º aniversário da Escolinha de Arte do Brasil.

Segundo BRITTO (2008, p. 109), a nova eleição para Presidente foi realizada naquele ano, pois foi Orlando Miranda de Carvalho o novo sucessor de João Ruy Medeiros, falecido no ano de 1987. Carvalho já tinha a incumbência de firmar novos convênios, como com a Legião Brasileira de Assistência – na confecção de *bonecos idealizados por Augusto Rodrigues, chamados “Bonecos em Ação”*. O objetivo era realizar eventos de montagem de espetáculos em escolas e orfanatos, levando a presença da Escolinha de Arte também a outros espaços, com uma equipe de quarenta e duas pessoas envolvidas no Projeto de Augusto Rodrigues e atendendo a trinta e cinco apresentações em várias instituições atendidas no ano de 1988.

Foi importante trazer estes recortes, salientar fatos essenciais para esta pesquisa, *como algumas das vivências* que exerceram por todos estes anos. Determinação, lutas constantes para não deixar que o Ensino das Escolinhas de Arte terminassem. *A presença de Augusto Rodrigues sozinho não teria significado, mas com as suas equipes de trabalho, tiveram significado em si, o de educar*. Mesmo depois da morte de Augusto Rodrigues em 13 de abril de 1993, aos 79 anos, ele que foi o *idealizador* das Escolinhas de Arte e o *“principal divulgador da Arte-Educação no país e na América Latina”*, as lutas continuaram, porém, nas vozes de outros professores e Arte-Educadores, repercutindo até hoje em prol dos alunos e de uma Educação, seja ela Formal ou Não-Formal, mas de qualidade.

Augusto Rodrigues nos deixou a sua idéia sobre Educação:

“A escola deveria ser a oficina de construção da paz, e só o será quando aberta ao diálogo, aos sentimentos de solidariedade, ao invés da escola do monólogo e da competição. Por outro lado, para que esta escola atenda de fato às necessidades básicas da criança, será, pois imprescindível que, a exemplo de Ghandi, possa levá-la, pela palavra e ação, a refletir sobre si mesma e sobre o outro, mesmo que esse outro não esteja a seu lado”.

Foi inspirado neste Projeto de Augusto Rodrigues que, em Porto Alegre, surgiu a iniciativa de ex-alunos e professores do IA - Instituto de Artes em criar neste local, em 15 de

setembro de 1960, hoje com 52 anos, a Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Por iniciativa desses dois grupos de pessoas, a Escolinha de Artes iria oportunizar a crianças e jovens vivências em ateliê de arte, tendo como objetivo principal o de proporcionar “o exercício sistemático da liberdade de expressão gráfico-plástica, corporal, dramática, sonora e escrita” para grupos de crianças, jovens e também adultos. Tendo a “preocupação de preservar e desenvolver” o potencial criativo desses indivíduos. Entre estas pessoas estavam os professores artistas Angelo Guido, Ado Malagolli, Alice Soares, Alice Brüggemann, Rubens Cabral, Cristina Balbão, Leda Flores, Lygia Rothmann e Fernando Corona, figuras importantes dentro do cenário artístico Sul Riograndense, que ajudaram a constituir a Arte existente no nosso Estado¹⁰. Não é possível citar nesta pesquisa todos os feitos das Escolinhas de Artes, mas busco mostrar na escrita de RAMOS (2009, p. 19), em sua pesquisa acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte da UFRGS – Edição 2009 nos revelou que:

“em março de 1995, após 34 anos de atividade, a Escolinha de Artes da UFRGS em Porto Alegre, teve que ceder o espaço que ocupava no prédio do Instituto de Artes para a instalação do Curso de Pós-Graduação do Departamento de Artes Visuais. Transferiu-se, então, em caráter emergencial e a convite da diretora da Escola Técnica da UFRGS para a sala de artes daquela instituição, onde permanece até o presente momento. Em nove de setembro de 1995, na gestão do Reitor Hégio Trindade, foi assinado a incorporação da Escolinha de Arte à Universidade, através da Pró-Reitoria de Extensão e FAURGS. Por esse ato, passa a denominar-se Projeto Escolinha de Arte da UFRGS”.

A partir da leitura minuciosa do trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Arte, edição 2009, de RAMOS (2009) e pela pertinência dos assuntos tratados e levantados pela autora sobre a importância das Escolinhas de Artes, especificamente a localizada na UFRGS em Porto Alegre, que ficou claro para mim do quanto a *Arte faz a diferença na aprendizagem da livre-expressão dos alunos* que, tanto para a criança quanto para os adolescente e adultos, mas principalmente, à criança lhe é permitido essa liberdade para expressar-se. Nesse contexto o professor atuaria como agente orientador, motivador, organizador dos meios com os quais estes alunos poderão de forma livre escolher o que desejarem usar para a expressão de sua arte, sem a preocupação com o tempo e o espaço, uma vez que estes espaços de socialização e de arte, por si só, já os acolhem.

RAMOS (2009), a partir de sua pesquisa, procurou dar visibilidade a Escolinha

¹⁰ <http://www.aprata.com.br/projetos/34>

de Arte e também ao seu local de trabalho, o DCE – Centro de Desenvolvimento e Expressão, ambos desenvolvendo um trabalho com arte para crianças e adolescentes, apesar de todas as dificuldades existentes. A partir de seus questionamentos, buscando junto aos professores-educadores, pais, colegas de trabalho e aos próprios alunos as respostas para o que significa manterem vivos estes espaços não-formais de educação, todos os esforços realmente não são em vão, pois ali se constroem juntos o respeito, a amizade, as trocas, a aprendizagem, a valorização das pessoas, dos materiais e dos trabalhos dos alunos. É muito mais do que um espaço de arte, é um lugar onde se vive a imaginação, momentos prazerosos e felizes de cada criança que por ali passa.

Em uma escrita entusiasmada, RAMOS (2009, p. 27) diz:

“Ao entrar em uma Escolinha de Arte parecemos ultrapassar um portal mágico, onde o tempo pára, para que se aproveite e aprecie cada minuto junto ao fantástico mundo de criação de uma criança, adolescente ou adulto. Lá eles são donos do seu tempo, decidem como e o que querem fazer em suas criações. Talvez seja nesse momento de sua criação que possamos senti-los mais intensos no seu processo de descoberta de si mesmo, pois ao desenhar a criança usa o seu corpo e sua mente de maneira interligada, um não age sem o outro, ainda que não haja consciência. Esta mágica já não se faz mais presente na arte que se faz na escola”.

Relacionando essa citação ao grupo de pintura Parque Alim Pedro, posso afirmar existir muitas semelhanças desses espaços, pois no grupo as alunas também são livres para escolher os seus temas para pintar, cada uma tem um estilo diferente, uma característica pessoal que nas suas produções aparecem e são perfeitamente identificáveis pelas outras participantes. O processo de aprendizagem também se dá a partir de suas dúvidas e questionamentos com relação a sua maneira de ver e perceber o mundo e, por fim, descobrir por si mesmas uma linha ou um traço que poderia ser diferente. São nas pequenas descobertas que a aprendizagem ocorre e que as fazem evoluir nas suas produções artísticas.

É com imensa satisfação que trago para ilustrar este fechamento sobre as Escolinhas de Arte do Brasil uma pequena entrevista.¹¹

Trazer esse recorte da história das Escolinhas de Artes do Brasil para esta pesquisa mostra que a sua importância, enquanto Ensino de Arte no Brasil e disseminação da Arte por vários espaços não-formais, criados a partir das iniciativas de Augusto Rodrigues e que foram fundamentais para a educação. Esses ensinamentos se perpetuaram por gerações e hoje são referências para o ensino de Arte em vários aspectos.

Neste contexto do ensinar professores envolvidos e comprometidos em

¹¹ Entrevista encontra-se em Anexos Digitalizados, concedida on-line via Facebook em 03 de outubro de 2012, pela ex-aluna da Escolinha de Artes da UFRGS, a Artista Plástica, Prof^a. Dra. em Poéticas Visuais M.C.

melhorar o ensino formal e o não-formal justificam, assim, a aprendizagem dos alunos como um todo, prezando sempre por um futuro melhor para estes alunos através e com a educação.

5 VIABILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO EM OUTROS ESPAÇOS

Sabendo da importância da Arte para a Cultura, da importância do Ensino de Arte para a Educação em escolas formais e em espaços não-formais, mas representativos de educação social, dos benefícios, que destes encontros com a arte trazem para estudantes ou pessoas das comunidades, é que *acredito na arte como conhecimento na formação dos indivíduos*. Na minha visão e entendimento, acredito ser possível construir outros espaços com arte como o existente no Parque Alim Pedro.

Sei da necessidade e da viabilidade de alguns lugares em que este tipo de projeto teria receptividades aqui em nossa cidade. Tenho consciência de que as dificuldades em mantê-los funcionando seriam um grande desafio. Três espaços públicos foram consultados, para uma possível viabilização de vir a acontecer um projeto como este do Parque, que são eles:

CENTRO COMUNITÁRIO DA VILA FLORESTA - CECOFLOR, localizado à Rua Irene Cappone Santiago, 290 – Jardim Floresta/Zona Norte de Porto Alegre/RS. Marquei por telefone uma conversa. O Profº. E.T. me recebeu gentilmente em seu ambiente de trabalho o CECOFLOR, no dia 09/11/2012. Soube por ele das atividades que acontecem no espaço público como musculação, ginástica para a terceira idade, escolinhas de vôlei e futebol. Existem três quadras poliesportivas, uma cancha de bocha e piscinas. Criado em 1973, o CECOFLOR hoje divide o seu espaço com a FASC, o Serviço Social Centro Regional Noroeste, que faz ali um serviço direcionado a crianças e adolescentes em situação de risco. O profº. E.T. formado em Educação Física é hoje o Coordenador do espaço me disse: “que não possuía sala disponível para viabilizar um Projeto interessante como o meu”. Achou boa a idéia de um Projeto de Arte como este e me recomendou duas escolas próximas; a Escola Aberta Aurélio Reis e a Escola Sarmiento Leite. Passou-me os contatos para que eu pudesse apresentar o projeto à direção das escolas.

Na opinião do Profº E.T. que já havia indicado um outro projeto de trabalho voluntário de Escotismo para a Escola Aurélio Reis, não sendo possível no CECOFLOR, por não ter espaço físico disponível. Contou-me que até hoje o Projeto de Escotismo funciona naquela escola-aberta. Acredita que o projeto poderá funcionar no ambiente escolar, por haver turno inverso, pois funciona como uma escola aberta, abrindo aos fins de semana.

Como eu estava lá para justamente ouvir o que ele tinha a dizer sobre essa possibilidade, saí agradecendo as indicações que me sugeriu e certa de que sempre haverá espaços abertos para a Arte.

CENTRO COMUNITÁRIO PRIMEIRO DE MAIO - CEPRIMA, localizado à Rua São Nicolau, 64 – Bairro: Santa Maria Goretti/Porto Alegre/RS.

Marquei um horário disponível com a Prof^a. J.R.M. para essa conversa informal junto ao CEPRIMA no dia 07/11/2012. A professora hoje respondendo pela Coordenação do Centro Comunitário, e que também trabalha no Parque Alim Pedro na orientação de caminhadas monitoradas, revelou-me em conversa que no CEPRIMA funcionam as seguintes atividades: futebol de campo, ginástica chinesa, ginástica “aéreo local”, dança moderna, musculação, atividade física orientada e câmbio, que é um jogo para a terceira idade. Funciona no local uma Biblioteca, onde acontecem eventuais Saraus Literários com a participação voluntária de uma professora nesses eventos. A Biblioteca pertence à ONG C&A e é administrada por uma associação de alunas moradoras do bairro. O espaço é cedido e a ONG está oficialmente regulamentada.

Contei-lhe um pouco da história do grupo e de como ele surgiu. Procurei saber da Prof^a. J.R.M. se no Centro Comunitário CEPRIMA existiria a possibilidade de uma parceria para implementar naquele espaço público não-formal de educação uma atividade de arte para a comunidade local.

A sua resposta foi de que “é preciso pensar o caso, conversar com a comunidade, saber deles se têm interesse”, mas ressaltou “estarem abertos para conversar”.

CENTRO COMUNITÁRIO VILA ELISABETH - CECOVE, localizado à Rua Paulo Gomes de Oliveira, 200 na Vila Elizabeth (Sarandi) Região Norte. Marquei por telefone uma conversa pessoal com o Prof^o. S. P. F. para o dia 19 de Novembro de 2012.

O ambiente do CECOVE encontra-se junto à FASC - Fundação de Assistência Social e Cidadania, onde funciona o Serviço Social Centro Norte. Ambos são administrados pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e coordenados pelos professores de Educação Física, o Sr. S. P. F. responsável pelo CECOVE e a Sra. L.M. pela FASC.

Na conversa com o Prof^o. S. P. F., ele afirmou ser interessante o meu projeto, mas me esclareceu a situação que ocorre ali no CECOVE. Por falta de espaço físico não seria viável, embora o seu entusiasmo pelo projeto.

Ele é coordenador responsável no CECOVE, tendo ao seu lado uma equipe de professores para as aulas. Há grupos de crianças e adolescentes nos esportes (escolinhas de futsal, vôlei e futebol), grupos de ginástica para adultos e terceira idade e aulas de alongamento. Os espaços utilizados são uma quadra de futebol de salão, uma sala onde fica o seu escritório e, junto desta, uma sala multiuso. O espaço de uso é restrito, por causa da FASC.

Recomendou-me conversar com a coordenadora da FASC, que administra os espaço já em uso daquele ambiente. Disse-me que “a professora L.M. têm um grupo de convivência e que talvez essa possa ser a porta para uma conversa comigo”. No local o Prof^o. S. P. F. fez uma ligação telefônica para a Coordenadora Prof^a L.M. me recomendando, mas disse “que ela não poderia me receber naquele momento”.

Em conversa por telefone com a coordenação da FASC, no dia vinte e um de novembro, ela me disse que “no momento atual não seria possível por falta de espaço físico”.

Minha última visita foi no dia vinte e dois de novembro ao Parque Germânia situado à Rua Túlio de Rose, 3035, no Bairro Passo D’Areia. O Parque possui 15 hectares de área e foi inaugurado em 2006.

São preservadas no Parque espécies vegetais e animais. Além do prédio da administração, possui cancha de bocha coberta, quadras de tênis, basquete, basquetebol, futebol e um salão de futsal. Possui um lago, três playgrounds, aparelhos de ginástica, equipamentos para a recreação infantil e de adolescentes. O Parque foi entregue a cidade pela construtora responsável pela urbanização e construção do bairro. É mantido pela associação de moradores desse bairro e é administrado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Site consultado em 22 de novembro de 2012.¹²

Procurei pelo Sr. J.F. que me recebeu com atenção e ouvindo sobre o Projeto de Arte disse-me não ser uma característica desse Parque esse tipo de atividade prestada no ambiente. “Não existem aqui salas próprias, acomodações” afirmou ele. O Sr. J.F. foi direto comigo, dizendo “não ser adequado, não ali, pois o Parque está voltado apenas para o Esporte e Clube Recreativo”. Fui cumprimentada pelo Sr. J.F pela iniciativa do Projeto Arte, com a recomendação de procurar por outras autoridades daquele bairro, podendo existir a possibilidade de uma implementação deste projeto em um dos residenciais do entorno do Parque. Agradei por ter me recebido e pela indicação.

¹² http://pt.wikipedia.org/wiki/parque_Germania

6 QUADRO DOS RESULTADOS COLETADOS

O quadro que se segue ilustra e sintetiza o resultado dos questionários pelas alunas participantes. Usei apenas a questão principal que remete à confirmação de minha pesquisa, vindo a somar-se com os conceitos que nortearam minhas argumentações. As demais respostas poderão ser lidas e interpretadas e seguem, em anexo, para este fim.

A pesquisa enfoca a importância da arte desenvolvida no cotidiano das alunas participantes do grupo de pintura Parque Alim Pedro.

A pergunta norteadora foi: qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

As respostas das alunas participantes foram:

Aluna nº 1	“Eu pude enxergar melhor o uso das cores na roupa, maquiagem. E a influência da luz e sombra, sobre isso, pude ajudar os meus filhos, nos termos de arte fazendo eles enxergarem melhor a importância da Arte”.
Aluna nº 2	“O despertar maior para as cores, formas, momentos de luz”.
Aluna nº 3	“Me fez observar mais a beleza da natureza, sua perfeição, suas cores. Fez com que eu fosse menos ansiosa diante da vida”.
Aluna nº 5	“A arte no grupo desenvolveu em mim uma maior percepção das cores, uma alegria de fazer parte de um grupo com os mesmos gostos”.
Aluna nº 6	“Muito boa, diria satisfatória, proporciona momentos muito agradáveis junto com pessoas com os mesmos interesses”.
Aluna nº 7	“O grupo é muito importante e gratificante para mim, pois passamos momentos alegres. A cada encontro para a pintura é uma experiência muito fascinante”.
Aluna nº 8	“A convivência com o grupo é muito importante. Proporciona momentos de descontração e de troca de experiências. Não há cobranças”.
Aluna nº 9	“Auxiliou-me para mudar um pouco a rotina de dona de casa, após a aposentadoria. Também me presenteou com um convívio muito agradável dentro do grupo, composto por pessoas especialmente sensíveis”.
Aluna nº 10	“A pintura para mim, é uma terapia, apesar de me dedicar a ela, somente às sextas-feiras”.
Aluna nº 11	“Não respondeu”.

Aluna nº 12	“Criatividade construtiva”.
Aluna nº 13	“Gosto de pintar embora ainda não tenha todo o domínio necessário do desenho. Para mim é um gostoso momento de lazer, um passa tempo”.

6.1 OBSERVAÇÕES JUNTO AOS DADOS COLETADOS

Por meio das respostas das alunas participantes às perguntas solicitadas, acredito estar legitimando este espaço não-formal de educação com este Grupo de Pintura, trabalhando de forma prazerosa com arte, desenvolvendo seu senso crítico e estético, e adquirindo conhecimentos em todos os instantes. Por isso, durante os 15 anos de convivência e harmonia de um grupo de mulheres pintoras, realiza-se pelo que fazem e apreciam.

Junto com argumentações colocadas no corpo do trabalho, bem como as entrevistas concedidas pelas professoras do Grupo de Pintura e a ex-Coordenadora do Parque, que fizeram parte destes dados comprobatórios desta pesquisa.

Também foram interessantes as outras respostas das questões por elas colocadas, que poderão ser lidas e interpretadas. A totalidade das respostas se encontra também em anexo para análises subjetivas pessoais de todos, complementadas com as imagens das alunas em seu espaço criativo e no seu fazer artístico.

Na condição de Aluna nº 4 confirmei o que sempre acreditei existir de fato (entre as alunas, a professora e o trabalho de pintura que se desenvolve neste espaço não-formal de educação, e também das relações que se estabelecem com as outras pessoas e atividades do Parque) a harmonia da convivência e a amizade construída selam a sua existência enquanto grupo. As alunas a todos surpreendem, pelos seus envolvimento, por existirem afinidades entre elas e, ali, há uma força contagiante das alunas pelo seu entusiasmo pela arte e a partir do que ela nos revela.

Junto às análises dos dados das entrevistas, constam depoimentos de ex-alunas em relação ao Projeto de Iniciação ao Desenho e à Pintura que desenvolvi para elas entre o período de 2008 e 2009, e também o depoimento de uma aluna atual do grupo, a quem conduzo nas aulas como professora auxiliar. É o reconhecimento do meu trabalho enquanto

fui professora substituta voluntária. Foi importante trazer estes relatos que se encontram no anexo, porque para mim, que poderei amanhã ou depois estar exercendo a docência em sala de aula, fortalece-me e estimula a continuar esse trabalho com a Arte. Analisar, corrigir e melhorar este projeto, na tentativa de mais tarde continuá-lo e ampliá-lo, dando um significado a todas as propostas elaboradas para este e/ou qualquer outro grupo de alunos que eu venha a trabalhar.

Soma-se também à pesquisa e colaboram para as minhas práticas e também para argumentação do trabalho, dois depoimentos que considero importantes e as visitas agendadas com servidores municipais e responsável pelo Parque Germânia que foram significativas.

Um dos depoimentos foi o de minha ex-professora da disciplina de Pintura, na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, prof^a. M.C. que neste caso, o seu depoimento foi sobre a sua passagem como ex-aluna pela Escolinha de Arte do Instituto de Arte, fazendo referência ao ensino não-formal.

O depoimento da Coordenadora do Curso de Extensão do Arte na Escola Pólo/UFRGS, prof^a. S.F. sobre o meu trabalho no projeto que realizei para este grupo. Este último depoimento vai ao encontro do que acredito, de ser possível trabalhar com arte, de se construir e realizar em espaços não-formais maneiras de trabalhar com arte, almejando um desenvolvimento pedagógico de pessoas comuns das comunidades.

7 CONCLUSÃO

A Pintura é a razão de minha pesquisa, pois foi a partir de uma experiência em um Grupo de Pintura que se estabeleceram vínculos intrínsecos a cada uma das alunas participante em relação ao ato de pintar. O prazer em produzir algo seu, que traga satisfação pessoal, é mágico e não tem preço. A Pintura tem esse poder de mudar nas pessoas a maneira como cada uma tem e usa o seu espaço de expressão, o seu tempo de fruição e o seu momento de criação.

Com base na minha experiência e meu entendimento, afirmo existirem nesse espaço não-formal de educação e de arte muito mais do que aulas de pintura. Existe ali entre aquelas alunas uma grande construção de amizade, de uma identidade coletiva e uma cumplicidade entre as participantes.

Momentos de convivência e amizade, histórias compartilhadas, reconhecimentos e muito respeito são valores importantes para cada uma. Todas com objetivos em comum, resgatando, quem sabe, apenas um momento seu, um compartilhar saberes entre si. É sair um pouco de si mesmo e buscando por uma identidade coletiva, mas ao mesmo tempo individual, sem perder as suas características próprias. São mulheres adultas interagindo umas com as outras e capazes de se autocriticarem para buscar o seu desenvolvimento pessoal e uma harmonia interior.

Estive presente por vários anos neste grupo de pintura e posso testemunhar que as diferentes alunas que constituíram o grupo até hoje souberam aproveitar cada ensinamento, cada dica, cada exercício proposto experimentalmente do seu fazer artístico. As orientações dadas levaram-nas a acreditar em si, a perceber suas potencialidades e a construir um olhar especial pela arte, a fim de se sentirem realizadas e felizes em cada encontro.

O meu objetivo com a apresentação dos dados era primeiro entender o que pensavam as alunas participantes sobre a sua prática com a pintura. Depois conhecer outros fatos e razões que as levaram a procurar usar o seu tempo livre com as aulas de pintura. Acredito que, baseado no que vivenciamos naquele espaço de arte, é possível criar novos espaço de arte em ambientes como parques, centros comunitários, escolas-abertas, clubes e até mesmo praças, desde de que se tenham parcerias que funcionem de maneira a atender as necessidades do local. Assim seriam beneficiadas outras comunidades da nossa cidade, desmistificando a idéia de uma arte elitizada ao alcance de poucos, desenhando-se assim, uma integração entre arte e cultura, educação formal e não-formal e sociedade.

As consultas que fiz aos espaços públicos da cidade, mencionados na pesquisa, foram também para saber se algo similar poderia ser implementado em outros espaços este projeto.

Entendendo esse projeto como um projeto de educação continuada em que pode ser realizado um trabalho com arte nestes locais não-formais de forma voluntária, bastando apenas que pessoas fossem preparadas com uma formação desenvolvida propositalmente para este fim. Poderia haver parcerias das Universidades em projetos sociais de formação de instrutores dispostos a se envolverem em projetos como este. Parcerias com interesse em exercer a sua docência ou levar as suas experiências de forma voluntária em prol da Arte. Com isso poderiam estar contribuindo para as comunidades. Com esse trabalho, poderia o cidadão ter consciência e melhor compreensão da importância da arte.

ANEXOS

ANEXO Nº 1: – ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA S. F. EX-COORDENADORA DO PARQUE ALIM PEDRO, CONCEDIDA À ALUNA PESQUISADORA DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE – MARINÊS DOS REIS FLORES. A ENTREVISTA ACONTECEU NO PARQUE EM 30 DE JULHO DE 2012, À TARDE.

Nome: S. M. F.

Profissão: Professora

Nível de Ensino: Superior em Educação Física

Especializações: Pós-Graduação em Treinamento Físico

Pós-Graduação em Educação Psicomotora

MBA em Gestão Pública

PERGUNTAS E RESPOSTAS:

MARINÊS – Comente sobre a sua trajetória profissional, como entrou para o serviço público e como foi a sua vinda para trabalhar no Parque:

SRA. S. F. - Entrei no mercado de trabalho na área Comercial, exercendo Atividades Administrativas/Secretaria e na área de Recursos Humanos. Tomei Posse em novembro de 1987. Fui designada para trabalhar no Parque Alim Pedro em março de 1996, por Convite/Convocação da Secretária Municipal de Esportes, Sra. Rejane Penna Rodrigues.

Minha gestão foi de março de 1996 a junho de 2009.

A SME a partir de 1996, ocasião do início da minha Gestão implementou as atividades existentes no Parque Alim Pedro.

A área verde é de responsabilidade da SMAM – Secretaria do Meio Ambiente.

MARINÊS – O que deu início a este Projeto Social/Grupo de Pintura Parque Alim Pedro?

Fale-nos sobre essa sua intencionalidade de criar um grupo com uma atividade cultural para a comunidade, enquanto administradora do Parque, naquela ocasião:

SRA. S. F. - Marinês, considerando a atividade fim da SME, é o Esporte e Lazer, eu não chamaria o Grupo de Pintura como um “Projeto Social” e sim uma atividade transversal do Parque, que teve como objetivo inicial a formação de um grupo de convivência através da pintura, vislumbrando a ampliação dos horizontes, melhoria da qualidade de vida das participantes e desconstruir o senso comum de que arte só pode acontecer em ateliês e/ou que é inacessível para as classes de menor poder aquisitivo.

Preciso esclarecer de que a idéia não foi minha e sim da Sra. E. L. usuária do Parque, que me procurou e falou dos benefícios da pintura para as pessoas e se propôs ser Voluntária no

Projeto. Minha participação foi viabilizar o projeto garantindo a estrutura física, apoiando, divulgando e garantindo o acesso democrático ao grupo, através de inscrições feitas na secretaria do Parque e promovendo exposições anuais.

MARINÊS – É possível desenvolver Projetos Sociais em Arte como este, que acontece aqui no Parque, em outros Parques da cidade? Como?

SRA. S. F. – Não tenho nenhuma dúvida que é possível. Afinal a atividade do Parque Alim Pedro tem uma trajetória exitosa de mais de 15 anos de pleno êxito.

Por outro lado, se faz necessário lembrar que a atividade fim da SME é o esporte e lazer. Portanto, para que aconteçam atividades como esta, se faz necessário a iniciativa do Gestor do espaço ou de demanda da comunidade. Pela minha experiência, o maior problema é ter de forma voluntária o professor(a)/artista de Artes Plásticas.

De forma institucional, a possibilidade seria uma parceria com a SMC – Secretaria Municipal de Cultura, a quem compete desenvolver as políticas na área da Cultura. Por conhecimento, na cidade de Porto Alegre, estas políticas acontecem por demandas do Orçamento Participativo, conforme interesse de cada região. Em relação a Pintura, Desenho, Escultura e outras Artes similares, a SMC disponibiliza cursos de formação no Ateliê Livre do Centro Municipal de Cultura (Av. Érico Veríssimo, 307).

MARINÊS – Como a Sra. Vê este projeto de Inclusão Social e Cultural desenvolvida pela professora fundadora do Grupo de Pintura?

SRA. S. F. - Considerando a minha parceria de anos neste projeto, acho que sou suspeita para falar...

Ao meu ver a Professora E. L. tem muito mérito pela existência e continuidade do Grupo de Pintura, mas não posso deixar de destacar a união, espírito solidário e de superação do Grupo, pois por diversos períodos na impossibilidade da professora E. L. o grupo se manteve unido e buscou solução no próprio grupo ou fora (contratando uma professora), para garantir a continuidade.

Destaco aqui a tua participação como professora orientadora do grupo por diversos períodos. Bem como, a tua iniciativa de levar ao grupo informações visando o acesso e apropriação de novas informações em relação a Arte.

MARINÊS - E como a atual coordenação vê, na sua opinião, este projeto especificamente?

SRA. S. F. - Não posso responder por ele, mas pelo que observo, ele respeita a atividade, afinal o Grupo de Pintura faz parte da história do Parque.

MARINÊS – Que políticas Públicas estão sendo pensadas hoje para este espaço de Esporte, Recreação e Lazer, como um todo, para esta comunidade?

SRA. S. F. – A princípio não tem nada previsto diferente do que já descrito na pergunta número 2.

O grande problema é garantir Recursos Humanos para a manutenção e continuidade das atividades desenvolvidas. A falta de Recursos Humanos é um problema estrutural da SME.

Infelizmente Esporte e Lazer não são prioridade para os gestores públicos. A própria sociedade pensa e prioriza como fundamental a “Educação Formal”.

MARINÊS – Considerando que o Parque foi fundado em 1950. Existe algum projeto para melhoria das condições dos espaços físicos e ambientais?

SRA. S. F. – Em relação às melhorias do espaço físico, recentemente foi trocado o piso da sala multiuso, onde acontece a Pintura. Uma ampliação de espaço para melhor atender as atividades desenvolvidas no Parque depende de verba (o que não tem nada previsto, por enquanto).

O Parque Alim Pedro por ter sido construído junto com o Conjunto Residencial Passo D'Areia para os **iapiários**, não foi oficialmente repassado à Prefeitura de Porto Alegre. Ou seja: Em 2010 havia verba do Ministério do Esporte designada para o Parque via Caixa Econômica Federal, mas não foi possível nos beneficiarmos, apesar de tentativas de regularização junto ao Governo Federal.

Quanto a área verde (ambiental) e demais espaços, está **em vias de começar uma grande obra de revitalização, gerenciada pela SMAM. A verba** é oriunda da contrapartida do impacto ambiental da Arena do Grêmio. Esta verba é fruto de muitos anos de luta nos mais diversos Fóruns, como o OP, Conferências e outros que fiz na minha gestão, sempre apoiada pela comunidade.

MARINÊS - O que o Parque representa para a comunidade local em sua opinião? E o que ele representa para você?

SRA. S. F. - Para mim o Parque é o coração da Vila do IAPI. É a parte viva da Vila. Conforme previsto na sua criação. O papel da SME, da qual faço parte é de extrema importância para congregar a comunidade através das atividades desenvolvidas, como também na melhoria da saúde e qualidade de vida das pessoas.

As escolinhas esportivas têm um papel fundamental de inclusão ao esporte e inclusão Social, pois além das crianças e adolescentes do bairro, atendemos crianças carentes da Vila Kedie.

O Alim Pedro é local de encontro, da roda de chimarrão, da caminhada, da ginástica, da dança, do vôlei, da bocha, do bate-bola com amigos, dos eventos de finais de semana, etc...

Para mim, é muito mais que um lugar de trabalho, pelo tempo que estou no Parque ele se confunde com Projeto de Vida. Tenho muito orgulho das diversas atividades que consegui

implantar e implementar, entre eles o Grupo de Pintura.

É preciso também salientar a relação amistosa e de amizade com as pessoas das mais diversas faixas etárias. Sinto-me bem no Parque, respeitada como pessoa e como profissional.

O fato de ter sido retirada da condição de Gestora não modificou a minha relação com o Parque e nem com a comunidade. Lamento apenas ver que algumas ações que estavam sendo desenvolvidas foram interrompidas e outras que se faz necessário não são providenciadas. Resumindo: Vejo no Parque Alim Pedro o exemplo da viabilidade de execução e a importância de políticas públicas de Esporte e Lazer. Lembrando que Esporte e Lazer são um Direito Social.

MARINÊS - Na sua opinião qual a influência da Arte desenvolvida no cotidiano das alunas participantes do Grupo de Pintura Parque Alim Pedro?

SRA. S. F. - Acho que todo o acesso a algum novo conhecimento gera mudanças nas pessoas. Sem dúvidas a Pintura, no formato que está organizado o Grupo do Parque Alim Pedro promove a inclusão Social e Cultural através da Arte. Percebe-se a melhora na auto-estima, reconhecimento e valorização das pessoas, bem como o senso de Pertencimento ao Grupo e ao Parque.

Inclusive é também um exercício de Cidadania, a medida de que a pessoa se apropria de um direito Social e ou “reivindica”, como exemplo as demandas de melhorias da sala, iluminação, maior número de mesas, etc.

ANEXO Nº 2: – ENTREVISTA COM A PROFESSORA E. L. DO GRUPO DE PINTURA PARQUE ALIM PEDRO CONCEDIDA À ALUNA PESQUISADORA MARINÊS DOS REIS FLORES, DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE, SOBRE O SEU TRABALHO VOLUNTÁRIO EM ARTE DEDICADOS A UM GRUPO DE ALUNAS NUM ESPAÇO PÚBLICO ESPECÍFICO, O DO PARQUE. A ENTREVISTA ACONTECEU NA SUA RESIDÊNCIA EM 13 DE SETEMBRO DE 2012.

Idade: 87 anos

Profissão: Aposentada

Nível de Ensino: Ensino Médio/Freqüentou o Curso de Belas Artes na Rua da Praia em PoA.

PERGUNTAS E RESPOSTA:

MARINÊS – Boa tarde Sra. E.L.

SRA. E. L. – Boa Tarde

MARINÊS - Obrigada por me receber em sua casa para esta entrevista, pois ela irá colaborar com a realização do meu trabalho de monografia do Curso de Pedagogia da Arte.

SRA. E. L. – É um prazer recebe-la.

MARINÊS - Comente sobre a sua trajetória profissional.

SRA. E. L. – Como Modelista, fui responsável por uma equipe no setor de modelagem e montagem de confecções femininas em empresas industriais.

MARINÊS - Na sua opinião a arte que se ensina no grupo tem significado no cotidiano das alunas participante?

SRA. E. L. - Sim. Muito.

MARINÊS - A professora até hoje faz parte de um grupo de artistas que se reúnem semanalmente com o intuito de pintar. Fale sobre esta convivência artística.

SRA. E. L. – Somos amigas de muito anos. O encontro é na casa de uma delas, que fica em frente ao Parque Moinhos de Vento. Se faltar, elas me cobram, porque querem a minha presença. A convivência é muito boa.

MARINÊS - Em algum momento da sua vida a arte esteve presente? Quando a professora percebeu que a arte começou a fazer parte da sua história? Conte-nos um pouco sobre estas passagens.

SRA. E. L. - Ah! Muito criança quando isso ocorreu, me interessava muito por lápis de cor, flores, sempre me chamaram muito a atenção, paisagens demais, pois sempre vive com a natureza, muito próximo a natureza. E passava a desenhar pintinhos, galinhas, porquinhos,

cavalos, ovelhas e flores. Na infância, bem infantil mesmo com 6 ou 5 anos.

MARINÊS - Na sua opinião a arte é importante para as pessoas? Porque?

SRA. E. L. – Sim. Porque a Arte, ela move a sensibilidade, e cria um interesse bastante aguçado pelas coisas que ocorrem ao nosso redor. “Mundo Colorido”, chuvoso, ventoso tudo chama a atenção.

MARINÊS - Estar em contato com manifestações artísticas como o Teatro, a Dança, a Música, a Literatura e o Cinema direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano? Porque?

SRA. E. L. – Ela mobiliza. E ela molda um pouco o ser humano, ela aguça essa emoção do belo e também não belo, há uma sensibilidade. A música, a Dança, o Teatro ela provoca isso. “Minha mãe era cantora lírica”.

MARINÊS - A Sra. fez algum curso de artes ou frequentou alguma escola de arte?

SRA. E. L. – Sempre cursos, naquele período de professores amadores, como era o meu caso, que ensinavam crianças e reuniam jovens. Tinha uma convivência assim, no Ginásio Paranaense em Curitiba com o professor..., agora não lembro do nome, era meu professor, mas foi ele quem percebeu, o nome é Julio Teixeira lembrei. Obs.: (percebeu que ela tinha habilidades, pois três de seus quadros chamavam muito a sua atenção).

MARINÊS - Como e quando surgiu essa idéia de formar um grupo para ensinar arte?

SRA. E. L. - Por gostar de arte, mas o trabalho não me permitia, me afastou da Pintura. Quando me aposentei, pensei vou retornar a Pintura. E fiz parte de alguns Grupos de Pinturas, buscando o recomeço e mais conhecimento. O fato de eu desenhar com certa facilidade, isso sempre me favoreceu muito e jovem, quer dizer que no Colégio, na infância eu já chamava a atenção, mais pelas idéias e, o desenho geométrico sempre me atraiu. Sempre tive uma certa facilidade, “talvez era o encontro das regras”.

MARINÊS - Na sua visão o grupo de alunas vem evoluindo nas resoluções de problemas tanto na pintura como no desenho?

SRA. E. L. - Sim. Todas, porque ao menos todas diziam que nunca tinham pintando antes.

MARINÊS - Qual a sua relação com o Parque Alim Pedro?

E como a professora vê esse espaço público cedido ao grupo de pintura e quais as relações do grupo para com esta comunidade local?

SRA. E. L. – Sempre que podia caminhava na pista do Parque. Eu acho que o Parque é o lugar mais lúdico que tem ali, onde as pessoas se encontram para conversar, fazerem seus exercícios físico, tem ali uma Biblioteca ao lado, eu acredito que seja visitada e as crianças tem os seus espaços e suas brincadeiras e jogos. O adulto as caminhadas, eu acho muito

positivo.

MARINÊS – “Em dia ensolarado aquilo lá é maravilhoso”.

SRA. E. L. - “É lindo”. Uma coisa que eu estou consciente é que eu devia parar ali, mas eu quero que tu dê continuidade, continues aquilo ali, que tu te dediques, minha vontade é que tu te dediques por aquilo ali.

MARINÊS - Que razões a levaram a fazer este trabalho com arte de forma voluntária?

SRA. E. L. – A idéia que eu tinha era a de reunir pessoas, formar um grupo de convivência lúdica com a Arte.

MARINÊS - Na sua opinião qual a influência da arte desenvolvida no cotidiano das alunas participantes do grupo de pintura Parque Alim Pedro?

SRA. E. L. - Eu acho que toda a arte, ela mexe com o nosso emocional, ela aguça uma busca de algo, uma vontade, uma realização prazerosa e a convivência.

MARINÊS - Como a professora “sente” o grupo de pintura?

SRA. E. L. - Eu sinto o grupo motivado.

MARINÊS - Quando fomos ao museu ou em outro evento ocorrido de arte na cidade, na sua visão isso foi importante para o grupo? Porque?

SRA. E. L. – Foi. Afirmaram, ali houve uma afirmação, do que a Arte faz, do que a Arte é capaz, não elas em si, mas o que elas viram outros fazerem. Houve um interesse pelo pintor, pela história da vida do pintor.

MARINÊS - Na sua opinião em que o grupo precisa melhorar?

SRA. E. L. - Em que sentido? Porque ali eu nunca quis conduzir eu sempre quis que elas se descobrissem, se encontrassem, porque nesse período da vida da mulher é muito importante, porque ela só se dedicou a outros ao marido, aos filhos e ao lar, ela sempre ficou em segundo plano, ela nunca foi a razão daquilo, ela que fazia a razão, movia a razão de todo o grupo, ela não tinha, ela educava, ela inventava. As que foram só donas de casa, elas só se doaram. E ali, no grupo de pintura elas encontraram um espaço só delas. Ao meu ver isso é muito importante.

MARINÊS - Fale um pouco sobre as suas aquarelas?

SRA. E. L. – As aquarelas foram as minha primeiras Pinturas. Sempre tive professores em casa. “Nada é do nada né, esse é um ponto que eu defendo muito”. A família toda, nós tínhamos a Música, nós tínhamos que estudar. Éramos em seis irmão e o pai sempre teve uma preocupação neste ponto, nós morávamos no interior e ele queria que a gente tivesse chance de estudar. Era um apaixonado pela vida, vamos dizer de campo, nos proporcionou também que cada um dos filhos tivesse um cavalinho, uma ovelha que criava e brincava, tínhamos

jardim e pomar.

Meu pai foi um comerciante próspero, criava e exportava animais para matadouros. Ele comprava dos colonos os grãos de milho, feijão e arroz e depois mandava(vendia) para Pelotas, e de Pelotas ia para o Nordeste. Era esse o movimento da atividade. Quero dizer, que vivíamos com certa fartura naquela época. E ele tinha como proporcionar isso, mas de repente, ele morre em um acidente e minha mãe conseguiu manter a família um certo tempo, mas depois, não pode mais, aí vem a parte pobre, e nesse momento em que se fica pobre as coisas que se perdem né.

Minha mãe foi professora de Arte, ela pintava, bordava com agulhas (pintura de agulhas). Ela pintava muito bem. Depois ela percebeu que a filha (comecei a desenhar), também tinha habilidades. Mas minha mãe fazia um trabalho em bordado em roupas de Padre, todas bordadas. Ela ensinava as alunas a bordar, mas era um trabalho de Arte feito com agulhas. Minha mãe descobriu que eu tinha facilidade para desenhar e ela me pedia para eu desenhar os cachos de uvas, menores ou maiores e eu ampliava e reduzia desde pequena, cacho de uva maior ou menor, a parreira. E ela “dizia aumenta aqui um pouquinho”.

Depois, mais tarde ela começou a deixar para eu fazer os desenhos. Recebia muitas encomendas, então ela comprava as toalhas e pedia para ver as xícaras de porcelana (inglesas, chinesas), para ver os desenhos, e eu desenhava e ela bordava. Eu desenhava nas toalhas e ela bordava nas toalhas e xícaras e eu fazia o desenho. “A minha sobrinha herdou alguns dos bordados de minha mãe, mas bordados mais simples”. Eu tenho coisas da mãe, mas não deste período artístico dela.

MARINÊS - Foi neste momento da entrevista (conversa) que ela vai e procura os bordados para me mostrar.

SRA. E. L. - Ó isso era coisa que ela fazia já bem velhinha. E era tudo feito a mão.

Minha mãe faleceu na chácara em Dom Feliciano.

MARINÊS – A Sra. não tem nada destes trabalhos Dna. E. L.?

SRA. E. L. – Não. Olha tudo mais ficou com a mãe.

MARINÊS - Obs.: Depois de algum tempo ela lembrou que tinha alguns bordados e me mostrou, o que achou mais a mão no armário de sua sala. Era duas fronhas, uma de adulto e outra de criança (de um de seus filhos). Obs.: “Achei os bordados lindos”.

MARINÊS – Onde fica o lugar em que a Senhora conviveu com seus pais e irmãos?

SRA. E. L. - Olha é um lugar entre Encruzilhada do Sul e Camaquã, hoje é uma cidadezinha, naquele tempo era mais interior, Dom Feliciano. Ela comenta que Dom Feliciano hospedou um homem, talvez o mais culto do Brasil, meu professor Francisco Waldomiro Lorentz de

origem tcheca. Ele ficou hospedado na chácara de meu pai. Foi meu professor.

MARINÊS – Ele era professor de Arte?

SRA. E. L. - Ele era tudo. Ele dominava mais de 90 e tantas línguas gramaticalmente, 35 dialetos. Ele escreveu, construiu dicionários do (tupi-guarani e mais outro). Era um homem de uma inteligência fora do normal, do comum e eu não conheci outro. Ele foi citado como homem mais culto que o Brasil já teve. Ele casou-se pela segunda vez com a sogra da minha irmã, avó de minha sobrinha. Ele tinha uma biblioteca em casa.

MARINÊS – A atual esposa herdou então esta Biblioteca, após a sua morte?

SRA. E. L. - Sim. Ela herdou a Biblioteca. Herdaram parte, mas eles consumiram. Aí minha mãe adocece, passam-se os anos e quando minha mãe morre (na chácara), as filhas estavam todas aqui em Porto Alegre, ninguém lá na chácara, aí ela (sogra da irmã), fecha a chácara e vem para Porto Alegre, nesse período, a minha sobrinha vendeu a propriedade com tudo dentro, então o material, aquele material foi-se. Alguma coisa que poderia ter sido doada, foi, mas muito pouco, mais foi doado muitas coisas. O avô da minha sobrinha era médico e o pai dela era dentista, e aqueles aparelhos antigos que haviam na chácara foram doados para o Museu. Mas esses livros tudo se perdeu. O acervo de revistas e catálogos (Franceses e Alemães) tudo isso foi perdido. Ela ia dar para as freiras, que sempre se interessaram muito. m tempo ela (sobrinha), ficou em Porto Alegre, e quando eles abriram a casa ali era tudo mofado: móveis tudo retorcido, muito tempo fechado, três ou quatro anos fechado sem ninguém abrir, justamente essa parte que era o gabinete do pai da minha sobrinha, foi ali que a infiltração foi maior e foi ali que elas (herdeiras), depositaram todo esse material, os livros e outros pertences que se perderam também.

MARINÊS - Quais são os artistas de sua preferência?

SRA. E. L. - Leonardo Da Vinci, Rembrandt e Michelangelo.

MARINÊS - Como a professora vê a cidade de Porto Alegre, no que se refere à Arte?

SRA. E. L. - Eu acho que ela (Arte) não favorece ao Sul. Essa distância dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo é que não favorece muito. Poucas exposições chegam aqui, embora as Bienais aconteçam a cada dois anos. A Arte acaba ficando mais nas regiões Sudeste do País.

MARINÊS – Ao final da entrevista deixei um caderninho para ela, caso gostaria de dizer mais algumas coisas, como uma frase ou um pensamento que gostaria que ficasse registrado nesta entrevista:

MARINÊS – A Prof^ª. Sra. E. L. escreveu uma mensagem às alunas no dia 14 de setembro de 2012, e eu a transcrevi para o corpo do texto, na parte em que conto um pouco da história da

professora. O texto estará na forma literal nos anexos.

ANEXO Nº 3: – PARECERES DE ALUNA E EX-ALUNAS DO DESENHO SOBRE AS AULAS MINISTRADAS PELA PROF^a. MARINÊS DOS REIS FLORES ENQUANTO ESTEVE A FRENTE DO GRUPO DE PINTURA PARQUE ALIM PEDRO COM O SEU PROJETO DE INTRODUÇÃO AO DESENHO E À PINTURA/2008/09.

Aluna **V. R. R. G.** - “Parecer sobre o meu trabalho de desenho. Nunca tinha desenhado, e com a ajuda da minha professora Marinês aprendi muito, pena que por motivo alheios a minha vontade, não consegui continuar. A professora Marinês é uma instrutora competente”.

Aluna **H. M.** - “Apesar de ser uma professora jovem, ela é muito capaz. Ela substituiu a Prof^a. Dna. E. L. muito bem.

A Marinês fazia a gente mesma descobrir muita coisa. Eu fiz um trabalho bem bonito quando ela estava dando aula. Além de tudo, ela sempre ajudou, nos falando e mostrando obras de pintores famosos”.

Aluna **N. M. F.**, ainda aluna no grupo com 78 anos, convidada por esta pesquisadora e professora auxiliar no grupo, a dar seu depoimento sobre o seu trabalho realizado com ela no desenho e na pintura desde o início de sua entrada no grupo em 2010, e onde até hoje é sua aluna: “A professora Marinês está me ajudando bastante e também às minhas colegas. Ela é muito atenciosa”.

ANEXO Nº 4: - PARECERES DE ALUNA E EX-ALUNAS DA PINTURA SOBRE AS AULAS MINISTRADAS PELA PROF^a. TITULAR E. L. DO GRUPO DE PINTURA PARQUE ALIM PEDRO.

Ex-Aluna **V. R. R. G.** - “Parecer sobre o meu Curso de Pintura com a professora E. L., a qual é uma grande mestra. Eu como nunca havia desenhado e pintado antes, a professora muito me ensinou. Foi uma pena que não consegui continuar no Curso”.

Ex-Aluna **H. M.** - “Ela é uma professora muito especial e é também nossa amiga. Eu gostava muito das nossas aulas. A Prof^a. Dna. E. L. fazia eu me sentir muito bem e capaz de pintar. Eu já não lembro muito bem, mas acho que fiz uns dez anos de aula, com ela.

Ela faz tudo com muito amor e sempre consegue que a gente fique satisfeita e feliz com o trabalho que se está fazendo. Ela é muito legal”.

Aluna **N. M. F.**, ainda aluna no grupo com 78 anos, convidada por esta pesquisadora a dar seu depoimento sobre a professora: “A professora é uma pessoa presente no grupo, dá atenção para todas as alunas. É uma pessoa muito legal e muito amiga de todas. Ela sempre está ensinando porque as alunas são interessadas. E ela gosta dos trabalhos das alunas e sempre os elogia”.

ANEXO Nº 5: – PARECER DA COORDENADORA S. V. F. DO GRUPO DE ESTUDOS DO ARTE NA ESCOLA – UFRGS, SOBRE A PROFESSORA MARINÊS DOS REIS FLORES, ENQUANTO PARTICIPANTE DO GRUPO DE ESTUDOS DO ARTE NA ESCOLA/UFRGS DESDE O ANO DE 2005.

“Marinês e eu nos conhecemos em 2005, por ocasião da abertura de um grupo de estudos, no Programa Arte na Escola UFRGS, que até hoje se mantém, sempre com a presença dela. Dedicada, possui um espírito pesquisador, querendo saber mais. Seja nas visitas a exposições de artistas, práticas de atelier ou nos estudos de teorias da arte e da educação. Esta professora demonstrou repetidamente seu afeto pelo ensino e pela arte.

Entre as experiências de ensino, aconteceu uma oportunidade de ensinar pintura em um grupo comunitário. Como se ensina arte fora da escola? Fora da escola institucionalizada que conhecemos o ensino de arte possui particularidades que não podem ser desconsideradas. Marinês teve de pensar em modos de abordar esta prática, para oportunizar saberes mais abrangentes aos que desejavam poder mais com a pintura. Estas maneiras de ensinar arte contagiaram os professores do grupo de estudos, que buscaram olhar suas próprias práticas em busca de procedimentos sedutores a partir do que acontecia em suas salas de aula”.

ANEXO Nº 6: DEPOIMENTO DE UMA EX-ALUNA DA ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL DA UFRGS NO PERÍODO DE 1975 A 1976. HOJE, ARTISTA PLÁSTICA E PROFESSORA NO INSTITUTO DE ARTE M.C., SOBRE SUA PASSAGEM PELA ESCOLINHA, ILUSTRANDO UM FECHAMENTO DA HISTÓRIA DAS ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL MENCIONADA NO CORPO DA PESQUISA.

“Fui aluna da Escolinha em 75 e 76. Quando comecei, tinha 11 anos. As lembranças que tenho são as melhores. O lugar já era maravilhoso porque na época estava instalada em seu lugar de origem, o Instituto de Artes da UFRGS. Era uma escola de arte e isso parecia ser importante. A entrada já era uma aventura, porque se precisava subir por um elevador esquisito que para entrar abria de um lado e para sair na Escolinha a porta abria do outro lado. Pra uma criança isso já era uma aventura. Era como se entrássemos em um lugar mágico...um esconderijo.

Lá era diferente da escola formal. Podíamos escolher o que fazer. A gente chegava e a ‘profe’ perguntava algo como: ‘e hoje, o que vai ser? O que queres fazer?’

Eu adorava a marcenaria e a argila. Claro, eram coisas que não tínhamos tão disponível em casa. O lápis de cor era mais comum pra gente porque fazia parte do material escolar. E tinha outra coisa que eu amava: tinham canetinhas coloridas Pilot, tipo pincel atômico. Na época esse tipo de material era muito caro e fazíamos de tudo pra não gastar a carga, desenhando somente contorno e colorindo com lápis de cor, dentro. Mas na Escolinha, não. Lá era possível se “esbaldar” colorindo com aquelas cores maravilhosas que deslizavam em um papel especial para isso, o papel couché. O material era abundante e o papel era grande, também no mínimo A3. Tinta têmpera em potão e grossos pincéis. Às vezes, fazíamos enormes painéis coletivos com colagens, pintura, etc., em papel Kraft.

E as exposições eram fantásticas! Eram realizadas na Pinacoteca do Instituto de Artes e não apenas era mostrado um desenho de cada um como fazíamos verdadeiras instalações no local. Lembro que o meu grupo fez um imenso dragão de papel crepom e estrutura de espuma... uma maravilha. A Escolinha era um mundo muito mágico!

O Professor não “ensinava”. Ele estimulava, provocava e auxiliava. A questão era incentivar a expressão e a criatividade. Com muita liberdade. Não tinha nada disso de releitura, arte dos adultos, história da arte. Aquele lugar era pra aprender a ter autonomia, fazer escolhas e soltar a imaginação. Às vezes, os profes inventavam uma atividade como trabalhar com fotogramas no laboratório de foto, experimentando materiais diversos pra ver o efeito ou faziam uma proposta de painel coletivo, ou até uns exercícios de relaxamento com música. Mas na maior parte das vezes, éramos livres pra inventar.

Eu sempre tive vontade de fazer isso. Claro, eu tinha influência na família. Meu avô era escultor e deu aula, até se aposentar, no Instituto. Meu pai era arquiteto e também dava aula de Perspectiva e Sombra lá. Deu aula até 1964, quando foi cassado pela ditadura. Meu avô guardava todos os desenhos que fazíamos e fazia álbuns com isso. Fez dois álbuns lindíssimos do meu irmão, que é mais velho do que eu. Guardou desenhos da gente desde as garatujas. Tenho isso guardado. Isso foi importante porque valorizava o que fazíamos. Eu era acostumada a ver muita arte na casa de meu avô. Isso faz diferença, também.

Eu amava tudo isso. Então penso que foi o caminho natural. Sempre quis trilhar esse caminho. Mas eu não pensava em ser professora. Queria ser artista. Com o tempo, a realidade se apresentou. Em 1993, por contingências econômicas, comecei a dar aula. Primeiro na Sapato Florido, em seguida na Escolinha e, junto com isso, na escola de primeiro e segundo grau. Depois de seis anos, larguei tudo pra fazer o mestrado sobre minha pintura. Em 2001, começo a dar aula na ULBRA e depois em outras faculdades. Aí, bom, ingressei total nessa coisa de dar aulas. Depois fiz o Doutorado, terminei e fiz o concurso pra ‘profe’ de pintura do IA. E é como se eu voltasse pra casa. Me sinto em casa. E, paralelo a isso, faço uma enorme força pro meu trabalho como artista não desaparecer.

Foram importantes, porque quando surgiram, apresentaram uma proposta revolucionária em comparação ao que se tinha como ensino da arte no Brasil.

Era mais uma filosofia do que método de ensino. Era baseada na Educação Através da Arte do Herbert Read. A idéia era incentivar a livre expressão de modo a estimular a sensibilidade

na expectativa de formar sujeitos autônomos, criativos, livres e sensíveis. Augusto Rodrigues, o fundador da Escolinha do Brasil almejava espalhar, multiplicar, em rede, esta idéia na medida que havia um projeto de formação de professores. A idéia era preparar melhor os professores pra que voltassem pra sala de aula com métodos mais criativos, também. Não pensava somente na formação das crianças, mas na formação daqueles sujeitos que estariam atuando ao lado delas. Era uma idéia revolucionária! E com certeza deu resultado. Em seguida a arte-educação começou a ser debatida e mais tarde outros métodos apareceram.

Acho que um trabalho profundo, como este proposto pela Escolinha, que visa promover um espaço para que a criança se desenvolva em plenitude, de forma crítica e criativa, alegre em descobrir coisas e aprender sempre mais, sentindo-se valorizada e potente, só pode contribuir para que a criança se desenvolva melhor na escola. Mas a escola também deve ser revista.

E esses espaços alternativos devem se preocupar em atingir, também os professores das escolas através de cursos, projetos, etc... Por que esses é que são, muitas vezes, os responsáveis por atrocidades que acontecem em sala de aula. Um professor não deve apenas ser um conhecedor da matéria que ministra. Ele tem que estimular os alunos, antes de tudo, a fazer perguntas, a perguntar o porquê das coisas. E isso é desenvolver autonomia. Um professor criativo nos apaixona".(por M.C).

ANEXO 7 - ANEXOS DIGITALIZADOS DOS QUESTIONÁRIOS COM AS ALUNAS PARTICIPANTES DO GRUPO DE PINTURA PARQUE ALIM PEDRO, FEITOS PELA A ALUNA PESQUISADORA DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE – MARINÊS DOS REIS FLORES. FORAM ENTREGUES PELAS ALUNAS NO DIA 31 DE AGOSTO DE 2012.

ALUNA 1

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 37

Profissão: Dona de casa

Nível de Ensino: 2º

Trajetória Profissional: Trabalho manual (artesan)

Pseudônimo: _____

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

Eu pude enxergar melhor o uso das cores na roupa, maquiagem, e a influência da luz e sombra sobre isso, também pude ajudar os meus filhos nos temas de artes, fazendo eles enxergarem melhor a importância de mermor.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

Um trabalho muito Bom. Vem de alma de uma pintora que faz bem para o coração de todos nós

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim por juntar varias pessoas de idades e origem diferentes transformar eles em um grupo mais unido

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Sempre gostei de arte independentemente do tipo

Você já fez algum curso de arte? cite:

De trabalhos manuais

O que a arte representa para você?

Uma realização pessoal

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Sim com certeza cultura em geral sempre é bem vinda mentes brilhantes.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

Nós sempre fazemos a hora do chá e os aniversários meus sempre são festejados.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

No ano de 2010

Quais são os artistas que você mais gosta?

A minha professora, Van Gogh, e os pintores românticos.

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista? Ainda eu não consegui chegar a esse ponto mas eu espero chegar lá.

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

É a troca de corincho e atenções de todos as participante do grupo tem tido troca maior.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

Ele só acrescenta mais cultura e conhecimento ao cidadão.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

Infelizmente não por enquanto. Eu gostaria muito.

A arte é importante para as pessoas? Porque?

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano?

Sim ela faz com que o ser humano mostre através da pintura seu desejo, opiniões e sentimentos.

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas. cite o nome do artista e da obra de arte.

Gostei muito da pintura de uma mulher que as minhas colegas pintaram mas não lembro o nome.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

É um momento só meu onde eu posso relaxar e me expressar e conviver com ~~os~~ minhas colegas.

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

Sim, com certeza e mesmo que relatei na deorientação desse questionário

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

É muito bom, elas ^{sempre} me ajudaram, me deram força e carinho quando mais preciso.

Como é a sua percepção estética? Eu sou muito detorista.

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Sim com certeza todos que adoro fotografia. A fotografia por minha opinião é a maneira mais bonita de guardar e captar cada momento de todos nós, familiares, objetos ~~etc~~. A internet é o laço entre pessoas que a distância impediu.

ALUNA 2

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 45

Profissão: Monoteraapeuta

Nível de Ensino: Médio Completo

Trajatória Profissional:

Pseudônimo:

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

O despertar maior para as cores, formas, momentos luz.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

Muito Bom e positivo.

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim duvidas;

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Sempre gostei muito de todas as artes.

Você já fez algum curso de arte? cite:

Não

O que a arte representa para você?

Criação, Liberdade, ~~Consciência~~ Consciência, alegria, desafio.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Claro que sim, trazendo a arte até os bairros é uma forma de divulgação e quem sabe de descobertas de artistas desconhecidos.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

Passar pelo parque, fazer ginástica.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate. Alguns meses atrás

Quais são os artistas que você mais gosta? Van Gogh, Picasso, Toulouse-Lautrec, Pollock, Ilhéu Comares

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista? Não ainda.

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura. Poder Recomeçar,

Como você vê a arte como na formação social do cidadão? Muito importante.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco. Quando Tenho Tempo sim.

A arte é importante para as pessoas? Porque? Sim importante, pode realizar sonhos.

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano? Pouco acredito eu

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

Resgate da Comunidade, Conscientização, União, Convivência

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente: Sim é muito importante por tudo que foi relatado.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura? Ótimo

Como é a sua percepção estética?

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Sim, e-mail, facebook, celular. Significa evolução

ALUNA 3

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 49 anos

Profissão: aposentada

Nível de Ensino: Superior incompleto

Trajatória Profissional: Bancária

Pseudônimo: Cris

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

Me fez observar mais a beleza da natureza, sua perfeição, cores... Fez com que eu fosse menos ansiosa diante da vida.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

Trata-se de um trabalho sério, com bastante responsabilidade e carinho. Sinto a cada semana mais vontade de aprender mais, e isto prova que somos capazes de muitas realizações.

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

É uma construção comunitária, porque vai unindo pessoas com objetivos em comum, construindo amizades.

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Descobri somente quando comecei a pintar.

Você já fez algum curso de arte? cite:

Não

O que a arte representa para você?

Representa liberdade de expressão.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Sim, todos têm o direito das mesmas oportunidades.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

Tomar chimarrão em companhia de bons amigos, ler, caminhar.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

A primeira vez que peguei em um pincel para pintar, foi exatamente quando iniciei nesse grupo de pintura.

Quais são os artistas que você mais gosta?

Leonardo Da Vinci, Monet.

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

Não

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

Além de muito conhecimento, a sintonia que existe entre as alunas, aprendendo a cada semana a convivência humana.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

A oportunidade de aumentar nossos conhecimentos.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

Quando estou inspirada e sinto a necessidade de passar para a tela. Minha semana é bastante preenchida, deixo para a aula de sexta.

A arte é importante para as pessoas? Porque?

É importante porque nos retira por alguns momentos do nosso cotidiano e nos transporta para dentro de nós, de nossos verdadeiros sentimentos.

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano?

Sim, com certeza.

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

A oportunidade de novos conhecimentos, relacionamentos com novas pessoas, momentos tranquilos.

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

Acho muito importante para que se tenha a oportunidade de novos conhecimentos e lazer com momentos felizes.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

Existe um relacionamento muito harmônico, de muita amizade, uma energia que vibra na mesma sintonia.

Como é a sua percepção estética?

Com harmonia de cores e desenho.

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Utilizo destes recursos tecnológicos dentro de minha necessidade de uso.

ALUNA 5

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 51 anos

Profissão: Terapeuta Holística e Artesã

Nível de Ensino: Ensino Médio

Trajétoria Profissional: Trabalho: no Espaço Kiva e trabalho agora como autônoma

Pseudônimo: Zane

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

A arte no Grupo desenvolveu em mim uma maior percepção das cores, uma alegria de fazer parte de um grupo com os mesmos gostos.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

Acho maravilhoso, traz oportunidades de as pessoas se relacionarem com harmonia terapêutica, isto é, harmonia relaxante.

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim. A arte aproxima as pessoas, traz interesse e curiosidade, formando assim um gosto em comum.

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Desde sempre, quando criança, pintava e desenhava muito.

Você já fez algum curso de arte? cite: Sim.

Curso de desenho na escola EUD.
Desenho no Ateliê Livre.

O que a arte representa para você?

Representa alegria, relaxamento e conhecimento.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Sim, acho importante a descentralização

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres? Momentos de leitura, relacionadas a arte, terapias e romances.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

Comecei pintando tecido, mas logo percebi que pintura em tela me realizava melhor com o pincel

Quais são os artistas que você mais gosta?

Monet, Cézane

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

Não.

Fale sobre uma passagem de um aprendiz seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

Foi o aprendizado, como ser humano, integrado em um grupo, aspirando os mesmos ideais.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

Vejo como oportunidade de conhecimento

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

As vezes, quando sobra tempo.

A arte é importante para as pessoas? Porque? No meu ver, sim.

Toda arte traz alguma informação.

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano? Sim.

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

ME encantou a exposição de Edvard Manet

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?
O espaço me é importante, pois, traz muitos momentos de aprendizado, e também inclui
O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente: Eu valorizo muito, o espaço é bom, mas poderia ser melhor.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

Amigável, são pessoas com muito carinho entre si.

Como é a sua percepção estética?

Cores em harmonia

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Sim. O computador, por exemplo, globalizou o nosso mundo, podemos visitar museus virtuais, visitar civilizações antigas e nos relacionar com pessoas do outro lado do mundo.

Com a câmera fotográfica, captamos imagens em flashes.

Celulares, nos aproximam mais com pessoas que estão longe, em qualquer lugar, a qualquer hora.

ALUNA 6

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 59 ANOS

Profissão: SECURITÁRIA - APOSENTADA

Nível de Ensino: CIENTÍFICO COMPLETO

Trajatória Profissional: TRABALHEI 40 ANOS NO MESMO GRUPO DE EMPRESA DE SEGUROS

Pseudônimo:

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

MUITO BOA, DIRIA SATISFATORIA, PROPORCIONA MOMENTOS MUITO AGRADÁVEIS JUNTO COM PESSOAS COM OS MESMOS INTERESSES.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

MUITO IMPORTANTE, POIS A PROFESSORA TEM UMA VISÃO PRECISA SOBRE NOSSA ARTE, FAZENDO OBSERVAÇÕES IMPORTANTES SOBRE NOSSO TRABALHO

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

SIM, POIS REUNE VÁRIAS PESSOAS COM O MESMO INTERESSE QUE É A PINTURA

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

DESDE PEQUENA, JÁ GOSTAVA DE DESENHAR, VIVIA RABISCANDO NO PAPEL

Você já fez algum curso de arte? cite:

SIM, NA ESCOLA NACIONAL DO DESENHO (END), CURSEI 6 MESES NO ANO DE 1977, DESENHO ARTÍSTICO

O que a arte representa para você?

UMA MANEIRA DE EXPRESSAR O BELLO, UMA VISÃO QUE VEM DE DENTRO.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

SIM, POIS DARIA MAIS OPORTUNIDADE PARA AS PESSOAS CONHECEREM OS TRABALHOS DE GRANDES ARTISTAS

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

GOSTO DE LER, CINEMA, FAÇO ARTESANATO EM GERAL, POIS GOSTO MUITO DE CRIAR ARTES, IMAGINAR O QUE FAZER COM AS COISAS QUE A NATUREZA NOS OFERECE.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

NO GINÁSIO POIS TINHA AULA DE ARTES, PINTAVAMOS COM TEMPORAL.

Quais são os artistas que você mais gosta?

TARSIKA DO AMARAL, PICASSO, RENAISSANCE, ANITA MAFALTI, LASAR SEGAL, EGIDIO KIELLING.

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

NÃO.

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

FOI QUANDO FIZEMOS UMA HOMENAGEM AOS GOANOS DO PARQUE ALIM PEDRO, QUANDO PINTEI ALGUMAS ÁRVORES DO CAMPO.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

MUITO IMPORTANTE, POIS MOSTRA MAIS SENSIBILIDADE AO SER HUMANO.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

NÃO TANTO COMO GOSTARIA, MAS É MUITO BOM SE DESLIGAR UM POUCO DO QOTIDIANO.

A arte é importante para as pessoas? Porque?

SIM, ACHO QUE É IMPORTANTE POIS ELA MOSTRA UM MUNDO MAIS BONITO, AGUÇA A IMAGINAÇÃO PARA COISAS BONITAS

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano? SIM, NÃO TANTO COMO DEVERIA, MAS PODEMOS DEMONSTRAR

NOSSA OPINIÃO AO QUE ESTÁ ACONTECENDO NO MUNDO DA ARTE.

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

VISITA NA CEEE, OBRAS DO ARTISTA BOTERO, QUE RETRATA MUITO BEM O QUE ELE VIU DA VIOLÊNCIA NA COLOMBIA, SÃO OBRAS DE ARTE MUITO INTENSAS, COLORIDAS E A FORMA DA PESSOAS, MUITO PECULIAR.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

MUITO BOM, POIS PROPORCIONA CONVÍVIO COM OUTRAS PESSOAS COM OS
MESMOS INTERESSES

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

GOSTO MUITO DE IR PARA AS AULINHAS DE PINTURA, TER UM LUGAR PARA
NOS REUNIR E FAZER O QUE GOSTAMOS.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

MUITO BOM, SOMOS AMIGAS, PARTICIPANTES, COMO UMA FAMÍLIA
UMA COLABORANDO COM A OUTRA, MUITO BOM.

Como é a sua percepção estética?

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

SIM, USO A CÂMERA PARA REGISTRAR OS MOMENTOS BONS E BONITOS QUE
ME ACONTECEM, AS REDES SOCIAIS PARA TROCAR INFORMAÇÕES DE
INTERESSE COMUM, E-MAILS PARA DEIXAR RECADOS IMPORTANTES.
FAÇO TODOS MUITO IMPORTANTES PARA NOSSA ATIVIDADE.

ALUNA 7

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 64

Profissão: Professora Aposentada

Nível de Ensino: Superior

Trajatória Profissional:

Pseudônimo:

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

O grupo é muito importante e gratificante para mim, pois passamos momentos alegres. A todo encontro para pintura é uma experiência muito fascinante.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

Muito gratificante para todas nós que participamos do grupo. Pois nos dá o suporte que precisamos para desenvolver os nossos trabalhos.

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim. Porque nós formamos uma comunidade em grupo muito especial.

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Quando eu trabalhei com alunos educação artística, e cursos com pintura em madeira pintura mineira.

Você já fez algum curso de arte? cite:

Sim, pintura provençal, pintura mineira, patina,

O que a arte representa para você?

A arte para mim é tudo, pois eu me invento, criando cores e pintando. Pois eu esqueço o mundo, quando estou pintando.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Sim pois é muito importante, pois desenvolvesmos a mente e nossa criatividade.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

Pintura em madeira de demolição, janelas.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

Quando tinha 16 anos eu pintei um quadro de madeira e tinha colagem.

Quais são os artistas que você mais gosta?

A arte de Monet.

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

Sim algum.

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

Quando o professor me ensinou usar os pincéis para todo tipo de traço.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

Muito importante

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

Não só pinto as telas na aula, em casa pinto madeira.

A arte é importante para as pessoas? Porque?

É muito importante pois, nós dá desenvolvimento em criar e crescer na arte. Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano.

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

É de lazer, convivência e um bem estar,

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

Sim tem um grande valor, pois são horas

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

descontraídas,

Muito boa, somos amigas e companheiras.

Como é a sua percepção estética?

Sou muito crítica, desenhadora,

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Sim conheço e uso máquina fotográfica -
fixa, computador; e-mail e FACE.

ALUNA 8

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 64

Profissão: Aposentada

Nível de Ensino: Superior

Trajatória Profissional: *docente em escolas públicas.*

Pseudônimo: _____

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

A convivência com o grupo é muito importante. Proporciona momentos de descontração e de troca de experiências. Não há cobranças.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

A professora com seu desprendimento, sua competência, seu senso crítico e sua sabedoria ajuda-nos a crescer como pessoas e "artistas".

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim, porque ao reunir um grupo de pessoas que buscam juntas um objetivo comum (práticas esportivas, pintar, ler etc.) se torna uma construção comunitária.

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Sempre gostei de arte, principalmente pintura. Com a aposentadoria e o casamento dos filhos sobrou tempo, para me dedicar a pintura.

Você já fez algum curso de arte? cite:

Não.

O que a arte representa para você?

É a expressão do belo.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Bem certeza, a arte, em todas as suas manifestações, deve ser difundida em todos os bairros.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

Adoro estar com minha família. Gosto muito de música e cinema. Viajo sempre que posso.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincél para pintar? Relate.

Quando ingressei neste grupo a 4 anos.

Quais são os artistas que você mais gosta?

Monet, Picasso, Di Cavalcanti, Iberê Camargo, Cândido Portinari e outros.

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

Acho que não.

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

A forma carinhosa que fui recebida no grupo.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

Receber e fazer críticas é importante para nosso crescimento.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

Sim, sempre quando tenho tempo adoro pintar.

A arte é importante para as pessoas? Porque?

A arte ajuda as pessoas a se tornarem mais humanas e sensíveis.

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano?

Sim, as pessoas gostam do belo.

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

As pessoas se agrupam em torno de preferências e exercitam o respeito mútuo.

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

O espaço é bom, embora carente de iluminação e ventilação. As mesas precisam de manutenção.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

Muito bom. É um grupo alegre, unido. Sempre pronto a ajudar.

Como é a sua percepção estética?

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Conheço e uso quase todos, embora não me dedique muito por falta de paciência e tempo.

ALUNA 9

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 64 anos

Profissão: Professora aposentada

Nível de Ensino: Superior

Trajatória Profissional: Professora de "Técnicas Industriais", em escolas estaduais.

Pseudônimo:

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

Auxiliou-me para mudar um pouco a rotina de dona de casa, pós aposentadoria. Também me apresentou com um convívio muito agradável, dentro do grupo, composto por pessoas especialmente sensíveis.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

É um trabalho pautado pelo amor ao outro, à arte e à promoção do ser humano.

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim, pois tudo que aqui se realiza é divulgado na comunidade, é mostrado. E o grupo está sempre aberto para todos.

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Desde criança, quando comecei a desenhar e tomar gosto, vendo os resultados.

Você já fez algum curso de arte? cite: Sim
- Curso de "Cerâmica Artística"
- Curso de "Artes Industriais"

O que a arte representa para você?

Representa a possibilidade de expressar, através de quaisquer técnicas e materiais, aquilo que é difícil dizer com palavras.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Com certeza, seria muito importante e válido que, em cada grupo reunido, ali também estivesse a arte.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

Gosto muito de cuidar das minhas plantas, na chácara da família.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

Fei durante o curso ginásial, época em que a Escola ainda oferecia aulas de artes e trabalhos manuais. Foi um trabalho com mistura e descoberta de novas cores.

Quais são os artistas que você mais gosta?

Monet
Menoir

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

Creio que não

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

Foi quando descobri que poderia criar, reinventar, harmonizar cores e formas.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

A arte fala da alma do ser humano e a coloca em sintonia com o outro.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

Não, não pinto fora do nosso horário de aula. Não disponho de local para trabalhar, em casa.

A arte é importante para as pessoas? Porque?

A arte é muito importante, apesar de que muitas pessoas não chegam a tomar consciência disto. Ajuda a desenvolver a observação, sensibilidade, etc.

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano? Sim

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

"Mulher de semblança" - Monet.
leveza, simplicidade, beleza.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

Este espaço torna viável a minha participação em um grupo de arte.

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente: Este espaço é muito importante, pena não existirem muitos, em todos os bairros.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

Nós constituímos um grupo de colegas e amigas. A sintonia é total, entre nós.

Como é a sua percepção estética?

Considero de nível bom.

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Procuro usar os recursos que tenho disponível. Gosto muito de fotografia. Costumo pesquisar sobre arte, na internet.

Não participo de redes sociais, mas recebo e divulgo pesquisas por e-mail.

1. A pintura para mim, é uma terapia, apesar de me dedicar a ela, somente as sextas-feiras.
2. Todo trabalho voluntário é um ato de amor ao próximo. A pessoa que pratica este ato, sente-se feliz por poder ajudar outras pessoas e também, fica gratificada ao ver seu ensinamento ser aproveitado.
3. Eu acho que ela foi construída para beneficiar a comunidade.
4. Aos 12 anos, a pintura começou a fazer parte da minha vida.
5. No meu curso, a História da Arte fazia parte.
6. A palavra "arte" ~~em~~ é muito abrangente, ela demonstra a habilidade de um indivíduo para fazer algo, como pintura, escultura ou outro trabalho qualquer.
7. Sim, as escolas de Bairros e Vilas deixam dar espaço para desenvolver este trabalho.
8. Leituras, televisão, cinema, chás, jantares beneficentes, almoço com amigos e a ginástica.

11 / 11

9. Aos 12 anos.

A escola em que estudei possibilitava o aprendizado de música, pintura ou línguas.

10. Soriano - Di Cavalcanti - Tarsila

11. Pintar para mim é uma terapia, como já disse, mas nem por isso tenho conhecimento suficiente para seguir influências ou tendências.

12. _____

13. A arte faz parte da vida do ser humano desde a pré-história. Através de seus registros, podemos aprender seus costumes e sua forma de vida

14. O dia dedicado a pintura é sexta-feira, nos outros dias tenho ~~as~~ outras ocupações.

15. A arte é tão importante na vida das pessoas que é também usada nas clínicas, nas psicoterapias
Ela serve para relaxar, fazer o cérebro trabalhar, criar e ajudar o emocional.

16. Não tenho conhecimento se já fizeram alguma pesquisa sobre este assunto.

17. Souiano

- lembra minha origem camponesa
- Usa muita luz
- Me encanta por sua simplicidade.

18. Sou grata pela possibilidade de pintar junto de pessoas muito queridas.

19. É um relacionamento muito muito amigável, gostoso e com os mesmos objetivos.

ALUNA 11

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 68

Profissão: do lar

Nível de Ensino: 2º grau

Trajatória Profissional: —

Pseudônimo: —

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

Como um gesto de amor, dividir o conhecimento adquirido com outras pessoas

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim, porque reúne num só grupo, pessoas de diferentes idades e em um único objetivo

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

influenciada por minha irmã, comecei a "pintar", e descobri que é um "vício" que não nos deixa mais

Você já fez algum curso de arte? cite:

não

O que a arte representa para você?

uma terapia

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Sim,

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

—

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

com 60 anos, influência de família.

Quais são os artistas que você mais gosta?

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

não

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

Aprendi muito com D. Evonima, nas todas as colegas de pintura nos ajudam sempre.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

—

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

Sim

A arte é importante para as pessoas? Porque?

—

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano?

Com certeza

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

Sim

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

é ótimo

Como é a sua percepção estética?

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

ALUNA 12

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 71 anos.

Profissão: DO LAR

Nível de Ensino: ginasial

Trajétoria Profissional: várias atividades.

Pseudônimo: = Tete =

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?
criatividade construtiva.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

Apoio social. = apoio fraterno.

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

Sim - convivência construtiva.

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

Sempre = a arte é vida.

Você já fez algum curso de arte? cite:

Não = falta de oportunidade.

O que a arte representa para você?

criação - beleza - alegria.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

Sim = o homem é artista e desconhece.
falta de incentivo.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

saíza voluntária.

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincél para pintar? Relate.

Bus meuma = na escola.

Quais são os artistas que você mais gosta?

Expressionistas = Impressionistas.
Arte Brasileira.

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

Picasso = Van Gogh = Monet = vários brasileiros =

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

Momentos de colaboração, confraternização e amizade.

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

Equilíbrio = integração no todo.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

Sim, em momentos de inspiração.

A arte é importante para as pessoas? Porque?

Podez da criação.

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano?

A quem é voltado para o todo = Sim =

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

Gueerra e Paz = de Postinazi = Réplica = em São Paulo.

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

Oportunidade de realização e aprendizado.

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

Muito valor = Direito ao cidadão.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

Harmonioso = cooperação = amizade e respeito.

Como é a sua percepção estética?

No movimento do pincel - no toque suave da luz e na harmonia das cores.

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

Admiro o progresso Tecnológico em todas as áreas, e guardo esperanças que as redes sociais futuramente possam contribuir de uma forma positiva, para a educação da humanidade.

ALUNA 13

Este questionário foi realizado com as alunas participantes do Grupo de Pintura do Parque Alim Pedro em de agosto de 2012:

Idade: 78

Profissão: DOLAR

Nível de Ensino: FUNDAMENTAL INCOMPLETO

Trajétoria Profissional: —

Pseudônimo: —

Qual a influência da arte desenvolvida no Grupo de Pintura no seu cotidiano?

GOSTO DE PINTAR EMBORA AINDA NÃO TENHA TODO O DOMÍNIO NECESSÁRIO DO DESENHO. PARA MIM É UM GOSTOSO MOMENTO DE LAZER, UM PASSA TEMPO.

Como você vê o trabalho social voluntário realizado pela professora com o grupo?

A PROFESSORA FAZ UM TRABALHO BACANA, REVISAR TODOS OS TRABALHOS DAS COLEGAS. ENSINA AS COLEGAS VER SEUS PRÓPRIOS TRABALHOS E ABRIR QUANDO FOR NECESSÁRIO.

A arte que se realiza no Parque pode ser considerada como uma construção comunitária? Porque?

SIM. PORQUE É BOM PARA A COMUNIDADE POR SER BOM PARA AS PESSOAS QUE PROCURAM POR ESTA ATIVIDADE DE LAZER.

Quando você percebeu que a arte fazia parte da sua vida?

EU NÃO SABIA ATÉ COMEÇAR A PINTAR NO GRUPO. ANTES SÓ FAZIA TRICÔ E CROCHÊ.

Você já fez algum curso de arte? cite:

NÃO.

O que a arte representa para você?

ESTOU GOSTANDO MUITO DE IR PINTAR NO GRUPO.

Em uma cidade como Porto Alegre que tem no seu centro, um núcleo cultural artístico importante, você acha que a arte também deveria ser mais difundida e incentivada também em outros lugares como os bairros e vilas, ou em espaços não-formais como o nosso, o do Parque?

ACHO QUE PODERIA TER MAIS PONTOS CULTURAIS NOS BAIROS.

Além da pintura que outros momentos de lazer você tem nas suas horas livres?

NAO. SO A PINTURA MESMO.
GOSTO MUITO DA CULINARIA (PREPARAR OS ALIMENTOS)

Quando foi a primeira vez que você pegou num pincel para pintar? Relate.

QUANDO EU ERA JOVEM, GOSTAVA DE DESENHAR (FLORES, MARRECOES E VASOS), MAS NO PINCEL NO GRUPO DE PINTURA FOI A PRIMEIRA VEZ.

Quais são os artistas que você mais gosta?

IBERE CAMARGO, DE VER NA TV AS SUAS OBRAS.

No seu trabalho artístico você traz influências de algum artista?

-

Fale sobre uma passagem de um aprendizado seu, que lhe marcou bastante no grupo de pintura.

AS ORIENTAÇÕES DA COLEGA MARINÊS

Como você vê a arte como na formação social do cidadão?

SIM. TENDO NOÇÕES SOBRE ARTE, A PESSOA (ALUNO) QUANDO ADULTO PODE VIR A TRABALHAR COM ALGUM TIPO DE ARTE. A PESSOA ESCOLHE.

Você pinta em sua casa também em outros dias da semana? Conte um pouco.

-

A arte é importante para as pessoas? Porque?

SIM. A MÚSICA, E QUALQUER UMA DAS ARTES EM QUE A PESSOA GOSTE.

Estar em contato com manifestações artísticas, direta ou indiretamente, é algo que ainda mobiliza o ser humano?

SIM. SE AS PESSOAS GOSTAM, ACHO QUE MOBILIZA SIM.

Faça algum comentário de uma obra de arte que lhes marcou muito em uma das exposições vistas: cite o nome do artista e da obra de arte.

LEMBRO DOS DESENHOS DE PORTINARI

Qual é a importância deste espaço público de pintura, lazer e convivência e esporte para você?

FAZ FALTA ESPAÇOS COMO ESTE, QUEM PRECISA E GOSTA DE LAZER E ESPORTE, AQUI ENCONTRA.

O que você pensa sobre este espaço específico para a pintura e o seu tempo de uso? Isso tem valor para você? Comente:

TEM VALOR PARA TODAS AS PESSOAS QUE O USUFRUI DELE.

Como é o relacionamento entre as alunas participantes do grupo de pintura?

MUITO BOM.

Como é a sua percepção estética?

PERCEPÇÃO DA NATUREZA, AS FLORES NAS ÁRVORES.

Você se familiariza, conhece, usa dos recursos tecnológicos como computador, câmera fotográfica celulares. Tem algum tipo de contato com as redes sociais, e-mail, blogs. Fale um pouco sobre isso.

USO O CELULAR,

DEPOIMENTOS DE PROFESSORAS

1. Qual lembranças tens do período em que foi aluna da Escolinha de Arte da UFRGS? Lembras como funcionava, quem eram os professores, e o que cada um ensinava?

Fui aluna da Escolinha em 75 e 76. Qdo comecei tinha 11 anos. As lembranças q tenho são as melhores. O lugar já era maravilhoso porque na época estava instalada em seu lugar de origem, o Instituto de Artes da UFRGS. Era uma escola de arte e isso parecia ser importante. A entrada já era uma aventura por que precisava-se subir por um elevador esquisito que para entrar abria de um lado e para sair na Escolinha a porta abria do outro lado. Pra uma criança isso já era uma aventura. Era como se entrássemos em um lugar mágico...um esconderijo.

Lá era diferente da escola formal. Podíamos escolher o q fazer. A gente chegava e a profe. Perguntava algo como.E hoje o q vai ser? O q queres fazer? Eu adorava a marcenaria e a argila. Claro, eram coisas que não tínhamos tão disponível em casa. O lápis de cor era mais comum pra gente pq fazia parte do material escolar. E tinha outra coisa q eu amava: tinham canetinhas coloridas Pilot, tipo pincel atômico. Na época esse tipo de material era muito caro e fazíamos de tudo pra não gastar a carga, desenhando somente contorno e colorindo com lápis de cor, dentro. Mas na Escolinha, não. Lá era possível se "esbaldar" colorindo com aquelas cores maravilhosas que deslizavam em um papel especial pra isso, o papel couché. O material era abundante e o papel era grande, Tb. No mínimo A3. Tinta têmpera em potão e grossos pincéis. Às vezes fazíamos enormes painéis coletivos com colagens, pintura, etc em papel Kraft. E as exposições eram fantásticas!!!! Eram realizadas na Pinacoteca do Instituto de Artes e não apenas era mostrado um desenho de cada um como fazíamos verdadeiras instalações no local. Lembro que o meu grupo fez um imenso dragão de papel crepom e estrutura de espuma...uma maravilha. A Escolinha era um mundo muito mágico!!!

O Professor não "ensinava". Ele estimulava, provocava e auxiliava. A questão era incentivar a expressão e a criatividade. Com muita liberdade. Não tinha nada disso de releitura, arte dos adultos, história da arte. Aquele lugar era pra aprender a ter autonomia, fazer escolhas e soltar a imaginação. As vezes os profes inventavam uma atividade como trabalhar com fotogramas no laboratório de foto, experimentando materiais diversos pra ver o efeito ou faziam uma proposta de painel coletivo, ou até, uns exercícios de relaxamento com música. Mas na maior parte das vezes éramos livres pra inventar.

2. Quando foi que surgiu a tua vontade de continuar a estudar e depois dar aulas de Arte. Em que momento de sua vida isso aconteceu?

Eu sempre tive vontade de fazer isso. Claro, eu tinha influência na família. Meu avô era escultor e deu aula, até se aposentar, no Instituto. Meu pai era arquiteto e também dava aula de Perspectiva e Sombras lá. Deu aula até 1964, quando foi cassado pela ditadura. Meu avô guardava todos os desenhos que fazíamos e fazia álbuns com isso. Fez dois álbuns lindíssimos do meu irmão, q é mais velho do que eu. Guardou desenhos da gente desde as garatujas. Tenho isso guardado. Isso foi importante pq valorizava o q fazíamos. Eu era acostumada a ver muita arte na casa de meu avô. Isso faz diferença, também. Eu amava tudo isso. Então penso que foi o caminho natural. Sempre quis trilhar esse caminho. Mas eu não pensava em ser professora. Queria ser artista. Com o tempo, a realidade se apresentou. Em 1993, por contingências econômicas comecei a dar aula. Primeiro na Sapato Florido, em seguida na Escolinha e junto com isso, na escola de primeiro e segundo grau. Depois de 6 anos larguei tudo pra fazer o mestrado sobre minha pintura. Em 2001 começo a dar aula na ULBRA e depois em outras faculdades. Aí, bom, ingressei total nessa coisa de dar aulas. Depois fiz o Doutorado, terminei e fiz o concurso pra prof. De pintura do IA. E é como se eu voltasse pra casa. Me sinto em casa. E, paralelo a isso, faço uma enorme força pro meu trabalho como artista não desaparecer.

3. Na sua opinião porque as Escolinhas de Arte do Brasil foram importantes?

Foram importantes por que, quando surgiram, apresentaram uma proposta revolucionária em comparação ao que se tinha como ensino da arte no Brasil. Era mais uma filosofia do que método de ensino. Era baseada na *Educação através da arte* do Herbert Read. A ideia era incentivar a livre expressão de modo a estimular a sensibilidade na expectativa de formar sujeitos autônomos, criativos, livres e sensíveis. Augusto Rodrigues, o fundador da Escolinha do Brasil almejava espalhar, multiplicar, em rede, esta ideia na medida que havia um projeto de formação de professores. A ideia era preparar melhor os professores pra que voltassem pra sala de aula com métodos mais criativos, também. Não pensava somente na formação das crianças, mas na formação daqueles sujeitos que estariam atuando ao lado delas. Era uma ideia revolucionária!!! E com certeza deu resultado. Em seguida a arte-educação começou a ser debatida e mais tarde outros métodos apareceram.

4. A Arte ensinada em espaços não-formais , de que maneira podem contribuir para a Educação? Acho que um trabalho profundo, como este proposto pela Escolinha, que visa promover um espaço para que a criança se desenvolva em

plenitude, de forma crítica e criativa, alegre em descobrir coisas e aprender sempre mais, sentindo-se valorizada e potente , só pode contribuir para que a criança se desenvolva melhor na escola. Mas a escola também deve ser revista. E esses espaços alternativos devem se preocupar em atingir, também os professores das escolas através de cursos, projetos, etc... Por que esses é que são, muitas vezes, os responsáveis por atrocidades que acontecem em sala de aula. Um professor não deve apenas ser um conhecedor da matéria que ministra. Ele tem que estimular os alunos, antes de tudo, a fazer perguntas, a perguntar o porquê das coisas. E isso é desenvolver autonomia. Um professor criativo nos apaixona.

Compartilho com muito
prazer o Grupo de pessoas
que participam da PINTURA
no PARQUE ALIM PEDRO
1 vez por SEMANA a 15am,
a ALEGRIA, o CARINHO, a
AMIZADE que ali nasce, é
alimentada em cada encontro.

CADA PINCELA DA colorida
produz um brilho nos Olhos,
um SORRISO que me gratifica
pela ideia de ter solicitado
o espaço a CORDENADORA
do PARQUE JOHANNÉ, que
recebeu com todo entusiasmo
a ideia e fez acontecer.

Obrigada a todas que
participaram e participam
espondo seus QUADROS em.
Em todos os momentos pelas
participantes do Grupo de
PINTURA ALIM PEDRO, e
Pelas REUNIÃOES LÚDICAS que
ali ocorrem. ENCONTRO D.F.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Bento Fagundes de **“REVISTA BRAVO” - Desenho, Design e Desígnios na perspectiva dos Estudos da Cultura Visual/Bento Fagundes de Abreu - Canoas/RS.** Editora ULBRA 1ª Edição: 2009,160 ps.
- BIAZUS, Maria Cristina V. **“PROJETO APRENDI” – Abordagens para a Arte/Educação Tecnológica.** Organização e Coordenação por Maria Cristina Villanova Biazus. 1ª Ed. Porto Alegre/RS: Editora Promoarte, 2009.
- BRITTO, Jader de Medeiros. **“60 ANOS DE ARTE-EDUCAÇÃO ATRAVÉS DAS ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL”.** RJ: Ed. Do Livro, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (ORGs) **“MEDIÇÃO CULTURAL E SOCIAL”.** Parte I – Questões de Mediação, p.11, p.13 - SP. Coleção Arte e Educação. Editora UNESP, 2009. **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social.**
- BARBOSA, Ana Mae. **“ARTE-EDUCAÇÃO: Conflitos/Acertos”.** p.159 SP. Editora Max Limonad, 1984.
- BRANDÃO, Leci. **“ANJOS DA GUARDA” – Música de Leci Brandão/Ed. Peermusic 70026167, obs.: o pensamento (é uma fala no meio da música).CD ao vivo LECI BRANDÃO “Eu Sou Assim”.** T500/214-2/Show gravado ao vivo na Choperia do SESC Pompéia(SP), em junho de 2000.
- COLEÇÃO GUIAS DA PSICANÁLISE /Vol. I **“JUNG”** – Editora Escala. SP/Artigo por Paula Inácio.
- COLI, Jorge. **“O QUE É ARTE?”/Jorge Coli – SP: Brasiliense, 2000.** Coleção primeiros passos; 46 – 4ª reimpr. Da 15. ed. De 1995.
- EDWARDS, Betty. **“DESENHANDO COM O LADO DIREITO DO CÉREBRO”.** 2ª Edição Revisada. (Tradução Ricardo Silveira), Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- FERNANDES, Francisco. LUFT, Celso Pedro. e GUIMARAES, F. Marques. **“DICIONÁRIO BRASILEIRO GLOBO”** – 39ª Ed. São Paulo, SP. Editora Globo S/A, 1995.
- FRANCO, Sergio da Costa. Porto Alegre: **“GUIA HISTÓRICO”** 2ª ed. PoA. Editora Derrida/UFRGS, 1992.
- GADOTTI, Moacir. **“A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO FORMAL/NÃO-FORMAL”.** SCHOLAR .google.com.br/GOOGLE ACADÊMICO. M. Gadotti – Instituto Paulo Freire. Estudos e Pesquisas/2005[PDF] de Sielo br.

Grande Enciclopédia **“LAROUSSE CULTURAL”**. Nova Cultura, Impressão Plural Editora e Gráfica, São Paulo, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **“EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NA PEDAGOGIA SOCIAL”** – An.I – Congresso Internacional de Pedagogia Social em Mar/2006.

GOMBRICH, E. H. **“HISTÓRIA DA ARTE”**. 16. Ed. Rio de Janeiro: LTC. 1995.

LAKATOS, Eva Maria. **“SOCIOLOGIA GERAL”** 4ª Ed. --São Paulo: Atlas, 1981.

Livro: **“A BIBLIA SAGRADA”**. Editada por Gamma Editorial e Gráfica Ltda. RJ, Tradução em língua Portuguesa: Edições Paulinas c/ autorização Eclesiástica – Traduzida da Vulgata pelo Padre Matos Soares – II REIS p. 15/30 aa. Data aproximada de aquisição deste Livro Sagrado.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **“A PINTURA”**. Vol. 5: Da imitação à expressão. Editora 34, SP – Edição 2004.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **“A COR ELOQUENTE”**. Editora Siciliano – Tradução de Maria Elizabet C. de Mello e Maria Helena M. Rouanet – SP, 1994.

MARTINS, Leandro José. **“FAZENDO ESCOLA”**. (CADERNO UNIVERSITÁRIO EM ARTE; 1ª Série) – Colégio João Paulo I -Porto Alegre: 2001.

MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias. **“DIDÁTICA DO ENSINO DE ARTE: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte”**. Miriam Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra. - São Paulo: FTD, 1998.

MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. Cadernos de Pedagogia – **“FORMAÇÃO DE PROFESSORES: a dimensão lúdica em questão”**. Ano2, Vol.2, Nº 3 Jan/jul/2008.

“MINIDICIONÁRIO AURÉLIO” – Minidicionário da Língua Portuguesa. Aurélio B. H. Ferreira/1989. 2ª Edição/Revista E Ampliada/Editora Nova Fronteira – RJ. 1988.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – **“ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL”**. Brasília, 1980.

Coordenação de Augusto Rodrigues.

NUNES, Marion Kruze, Mario Fernandes COUTINHO e Janete Silveira ABRÃO. **“MEMÓRIA DOS BAIRROS – VILA DO IAPI”**. SMC – Secretaria Municipal da Cultura. Edição Gráfica: Bia Martau. Edição: Suzana Gastal. Porto Alegre/RS, 1991.

OSTROWER, Fayga Perla. **“UNIVERSOS DA ARTE”** 19ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1983.

LOPONTE, Luciana Gruppelli.: **“GÊNERO, VISUALIDADE E ARTE: temas contemporâneos para educação”**, Artigo/ Org. Por Gilberto Icle. Editora UFRGS, 2010.

_____. In: ICLE, Gilberto. **“PEDAGOGIA DA ARTE – entre lugares da criação”**. Org. Por Gilberto Icle - Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

PIONER, Karina Pandolfo. **“FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: semelhanças e diferenças”** - Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, de Karina P. Pioner. UFRGS/ Porto Alegre, 2009.

PROENÇA, Graça. **“HISTÓRIA DA ARTE”**. 16. Ed. São Paulo: Ática. 2001.

RAMOS, Mariana Azambuja. **“ESCOLINHAS DE ARTE: perspectivas para a livre-expressão”**. Trabalho de Monografia apresentado como conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte – Edição 2009/Disponível na Biblioteca da UFRGS/EDU/CD 384 – Porto Alegre – RS.

SCHOLAR.google.com.br/**GOOGLE ACADÊMICO** – [Doc]. De Kinghost. Net/de: LIMA, Júlio Oliveira. **“CONCEITOS E DIFERENÇAS ENTRE RECREAÇÃO, LAZER, JOGO E BRINCADEIRA”** - Júlio O. Lima/ARTIGO CIENTÍFICO, Trabalho apresentado em cumprimento da Disc. Técnica de Pesquisa ministrada pela profª Ivete de Freitas – [PDF]de: educaçãofísica.com.br /Tebas: Kinghost. Net/2007, Rondonia – UNIR.

SPERRY, Roger W. **“LATERAL SPECIALIZATION OF CEREBRAL FUNCTION IN THE SURGICALLY SEPARATED HEMISPHERES”**- Roger .W. Sperry/ARTIGO

CIENTÍFICO, 1973, p. 54, Apud BETTY EDWARDS em “DESENHANDO COM O LADO DIREITO DO CEREBRO”. Com tradução de Ricardo Silveira. 2ª Ed. Revisada RJ: Editora Ediouro, 2000.

TRINDADE, Jurema Roehrs **“A PEDAGOGIA DO CÉREBRO - ARTEMENTE”** - Trabalho de Conclusão desenvolvido na Escola Estadual de 1º e 2º Grau Diva Costa Fachim/Cachoeira do Sul, 1994. Jurema R.Trindade/Profª. Hist. da Arte, Metodologia de Ed. Artística/Coordenadora de Estágios de Ed. Artística ULBRA/Cachoeira do Sul – RS.

TRINDADE, Jurema Roehrs. **“INTRODUÇÃO À ARTE”**/Jurema Roehrs Trindade - Canoas: Ed. ULBRA, 2002. 46 p (Cadernos Universitários; 46).

ZORDAN, Paola B. M. B.G./ **“PERCURSOS DAS ARTES PLÁSTICAS VISUAIS: geologia de uma disciplina”**. Artigo Org. Por Gilberto Icle. Editora UFRGS, 2010.

_____. In: ICLE, Gilberto. **“PEDAGOGIA DA ARTE – entre lugares da criação”**. Org. Por Gilberto Icle - Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.